**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MARIA PAULA VIGNOLA ZURAWSKI

**Escrever sobre a própria prática: desafios na formação do professor da primeira
infância**

**São Paulo
2009**

MARIA PAULA VIGNOLA ZURAWSKI

Escrever sobre a própria prática: desafios na formação do professor da primeira infância

**Dissertação apresentada à Faculdade
de Educação da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de
mestre em Educação**

**Área de Concentração: Didática,
Teorias de Ensino e Práticas Escolares
Orientadora: Prof. Dra. Zilma de
Moraes Ramos de Oliveira**

**São Paulo
2009**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

-
- 371.13 Zurawski, Maria Paula Vignola
Z96e Escrever sobre a própria prática : desafios na formação do professor da primeira infância / Maria Paula Vignola Zurawski ; orientação Zilma de Moraes Ramos de Oliveira. São Paulo : s.n., 2009.
171 p. : il., tabs.
- Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração : Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
1. Formação continuada do professor 2. Educação infantil 3. Creches 4. Diários – Educação 5. Prática de ensino I. Oliveira, Zilma de Moraes Ramos de, orient.
-

FOLHA DE APROVAÇÃO

Maria Paula Vignola Zurawski

Escrever sobre a própria prática: desafios na formação do professor da primeira infância

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de mestre em
Educação

Área de Concentração: Didática, Teorias
de Ensino e Práticas Escolares

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À Zilma de Moraes Ramos de Oliveira, pela orientação precisa, pelas provocações sempre instigantes e pela amizade da qual tenho a honra de desfrutar.

Ao Marcelo, pela compreensão, pela delicadeza, pela leitura atenta, pelas observações pertinentes, e principalmente, pela alegria e bom humor diante das dificuldades, que tanto tem me ensinado.

Ao Ivan e ao André, pelo carinho e consideração durante o processo de escrita deste trabalho.

À Laura Emília Silva, pela leitura e ajuda para lidar com o mundo das regras, formatações e normalizações.

À Sílvia Carvalho, Maria Virgínia Gastaldi e Ana Benê Brentano, formadoras e amigas, pelo caminho que trilhamos juntas.

Às colegas da Diretoria de Orientação Técnica – DOT Educação Infantil, da Secretaria Municipal de Educação, pelo convívio e aprendizado nos últimos anos.

Às equipes técnicas e docentes das DREs participantes do Projeto Capacitar ZL de 2006 a 2009, por contribuir para meu crescimento e transformação.

À Silvana Augusto, amiga de tantas jornadas, pelos sustos, risadas e pela espera daquele anãozinho (que nunca veio)...

RESUMO

ZURAWSKI, Maria Paula Vignola. **ESCREVER SOBRE A PRÓPRIA PRÁTICA: desafios na formação do professor da primeira infância.** São Paulo, 2009. 171 p. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

O trabalho analisa os registros escritos produzidos por quatro professoras que atuavam com dois grupos de crianças de 2 a 3 anos em um Centro de Educação Infantil da rede municipal de educação da cidade de São Paulo e que participavam de um processo de formação continuada realizado por uma organização não-governamental ao longo de dois anos. A análise dos registros dos dois grupos apontou que a maioria das atividades mencionadas é realizada coletivamente, ou seja, a mesma proposta é oferecida para todas as crianças, ao mesmo tempo, o que sugere que as crianças têm longo período de espera. Os registros mostraram que o trabalho com as sequências de leitura proposto pelo projeto de formação trouxe um diferencial à rotina das crianças, que passaram a escutar histórias *lidas* todos os dias e um repertório de enredos, imagens e personagens passou a fazer parte do cotidiano dos dois agrupamentos. Os dados apreendidos dos registros revelaram uma ausência de conhecimentos sobre a natureza do papel de professor de crianças pequenas. Muitas de suas formas de agir são emprestadas do ensino fundamental. A sequência dos registros, porém, revela que as professoras passaram a considerar cada vez mais o ponto de vista das crianças. A análise feita apontou que os registros diários das práticas pelas professoras podem ser instrumentos estruturantes do trabalho por elas realizado, e que devem ser incorporados na prática dos coordenadores pedagógicos responsáveis pela formação continuada das equipes nas unidades.

Palavras-chave: Educação Infantil de 0 a 3 anos; creches; formação continuada de professores; registros.

ABSTRACT

ZURAWSKI, Maria Paula Vignola. **WRITING ABOUT ONE'S OWN PEDAGOGIC PRACTICE: challenges in the formation of professionals teaching children aged 0-3. São Paulo, 2009.** 171 p. Masters course dissertation. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

The present dissertation aims to analyze the written records produced by four teachers in charge of two groups of children aged between 0-3 at a school which belongs to São Paulo's City Council network. For a period of two years these teachers underwent a process of continuous formation by a non-governmental organization of Education for Teachers. The analyses of the records regarding both groups showed that most of the activities mentioned by the teachers were carried out in a collective way; in other words, the same task was proposed to all the children at the same time, which indicates that the latter were kept waiting for long periods of time.

The records reveal that the work done on reading sequences as proposed in the teachers' Training Course provided the children's life at school with a distinguishing new element: they were given the opportunity to listen to stories which were read to them each and every day so that both groups were able to include in their daily routine a repertoire of plots, characters and images. However, the data collected from the teachers' written material revealed their unawareness of important forms of knowledge regarding the nature of their role in teaching very young children. It was found that these teachers employed the kind of actions typically used at Elementary or Grade School.

Nonetheless, the analysis of the sequence of their written records makes it clear that these teachers increasingly came to take into account the children's point-of-view. The conclusion that can be drawn from the careful analysis of daily written records of their teaching is that they constitute a structuring element in the work carried out and should, therefore, be incorporated into the practice of school coordinators, responsible for the continuous training of their teams.

Key words/phrases: Teaching children aged 0-3; Pre-nursery school; A programme for young children's education; Continuous formation for teachers; Keeping written records.

LISTA DE SIGLAS

ADI	Auxiliar de Desenvolvimento Infantil
CEI	Centro de Desenvolvimento Infantil
CP	Coordenador Pedagógico
DRE	Diretoria Regional de Educação
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
PDI	Professor de Desenvolvimento Infantil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS: HISTÓRIA, MUDANÇAS E PERSPECTIVAS.....	12
2.1 DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA PRIMEIRA INFÂNCIA.....	14
2.2 REGISTROS DE PROFESSORES: IDÉIAS E CONCEPÇÕES.....	18
2.3 OBJETIVO DO TRABALHO.....	19
3 UMA PEDAGOGIA PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA: EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	21
4 UM ESTUDO EMPÍRICO.....	25
4.1 APRESENTAÇÃO DE DADOS.....	29
4.1.1 Quanto às formas de registrar.....	30
4.1.2. Quanto aos conteúdos dos registros.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE NOS DIZEM OS REGISTROS.....	65
6 CONCLUSÕES: TRANSFORMAR A FORMAÇÃO OU A FORMAÇÃO QUE SE TRANSFORMA.....	70
REFERÊNCIAS.....	72
ANEXOS.....	76

1 INTRODUÇÃO

As mudanças no atendimento a crianças de 0 a 3 anos em instituições de Educação Infantil têm exigido do profissional que atua em creches o desenvolvimento de competências específicas, que o caracterizem como professor da primeira infância. A formação inicial de professores, porém, muitas vezes não garante que o futuro professor tenha contato com questões específicas do trabalho com as crianças pequenas. Assim, é na formação continuada que os professores, já em exercício, têm tido as melhores oportunidades para refletir sobre as especificidades de seu trabalho em creches e centros de educação infantil (CEIs).

Como formadora de professores, tenho estado frequentemente em contato com pessoas que estão vivendo diariamente a transformação das práticas de atendimento à criança pequena. Costumo dizer que estamos justamente no “olho do furacão”, no momento exato em que ocorre o confronto entre a visão assistencialista, mais tradicional nas creches e CEIs, e uma perspectiva de trabalho em que bebês e crianças sejam vistos como competentes para construir conhecimento de forma ativa, e na qual o ambiente coletivo favoreça a cooperação entre os pares, a construção da identidade, o desenvolvimento da auto-estima e a aproximação de práticas da cultura.

Viver esse confronto não é simples. É particularmente difícil, para os educadores, olhar criticamente suas antigas concepções, práticas que sempre “deram certo”, e rever o seu próprio papel como professor de crianças pequenas. Dessa forma, é um privilégio participar de projetos de formação que os provoque, desestabilize e, o mais importante, que traga a possibilidade real de que as crianças pequenas convivam num ambiente mais criativo e desafiador.

Nesse panorama, os registros dos professores e formadores tornam-se preciosos testemunhos deste momento de mudanças e instrumentos que nos permitem refletir sobre ele. A escrita e a leitura de registros escritos torna possível depreender deles aspectos importantes quanto às experiências reais que têm sido vividas pelas crianças em seu dia-a-dia nas instituições de Educação Infantil e quanto à definição do papel do professor da primeira infância, pelas próprias professoras. Por fim, propõe uma reflexão sobre o próprio registro como instrumento de transformação de práticas, não apenas dos professores, mas também de seus formadores.

Este trabalho tratará de um encontro, já que a escrita, a leitura e análise dos registros de quatro professoras de agrupamentos de crianças de 2 a 3 anos que acompanhei durante um

Projeto de formação continuada fez nascer esta dissertação – o registro escrito da minha própria prática.

No primeiro capítulo, apresento um breve histórico da creche e o caminho percorrido até agora para que ela se constitua e seja reconhecida como ambiente educativo. São apresentadas também algumas considerações sobre a idéia relativamente nova de um currículo para a instituição que atende a primeira infância.

No segundo capítulo, proponho a discussão do que pode ser uma pedagogia para a primeira infância, apresentando a creche como um ambiente no qual as crianças possam estabelecer relações afetivas e no qual suas formas de pensar e suas hipóteses sobre o mundo sejam valorizadas.

No terceiro capítulo, é apresentado o contexto em que a pesquisa foi realizada e o estudo empírico que envolveu a leitura e a análise dos registros de quatro professoras de Mini-Grupo de um CEI da cidade de São Paulo.

No quarto capítulo, são apresentadas as conclusões do estudo e suas implicações para a formação de professores e projetos de formação continuada.

Espero que o registro deste encontro seja provocador, por sua vez, de novas reflexões.

2 EDUCAÇÃO INFANTIL DE 0 A 3 ANOS : HISTÓRIA, MUDANÇAS E PERSPECTIVAS

O atendimento a crianças de 0 a 3 anos em instituições de Educação Infantil em nosso país tem passado por mudanças importantes nas últimas décadas, que vêm questionando as muitas e diversificadas idéias historicamente concebidas que prevalecem hoje no Brasil sobre a educação de crianças pequenas em instituições.

Em relação à creche, que é o centro deste trabalho, diversos pesquisadores (OLIVEIRA, 1988; KULHMAN JR., 1998) têm apontado que ela, em sua origem, trazia uma marca fortemente assistencial com caráter moralizante e a serviço de alguns objetivos: compensar carências nutricionais e higiênicas, tirar as crianças da rua, prepará-las para a escola ou para exercer alguma ocupação. Em geral as creches pertenciam a alguma entidade filantrópica ou religiosa e abrigava crianças necessitadas ou abandonadas. Nesse aspecto, o atendimento em creche era visto como um favor.

Em uma linha diferente dessa tradição, movimentos operários do início do século XX, como os organizados na capital paulista, também influenciaram a concepção das creches, passando a reivindicar ajuda para as funcionárias das fábricas, cada vez mais numerosas na cidade, terem seus filhos cuidados enquanto trabalhavam. Nessa perspectiva, a creche começou a ser vista como um direito da mãe trabalhadora. Todavia, apesar da conquista que isso representou em relação à concepção de creche como dádiva ou favor, a idéia central na nova posição é de que a creche respondia a uma necessidade da mãe, e não da criança.

O confronto tenso entre essas duas posições influenciou durante muito tempo as políticas públicas de oferta de vagas em creches, cuja prioridade seria, portanto, para os filhos de mães que pudessem comprovar a necessidade de ter que deixá-los aos cuidados de uma instituição. De toda forma, essa idéia também está associada à creche como um “mal necessário”: se não fossem as carências extremas da família, ou se não fosse imprescindível que a mãe trabalhasse, a criança pequena estaria melhor em casa, sob o olhar e a responsabilidade de uma mãe amorosa – a melhor pessoa para cuidar de seu filho. Nela, o predomínio de tarefas de cuidado físico e o pouco avanço existente em relação a situações cotidianas promotoras do desenvolvimento global da criança, levavam a creche a prestar um atendimento basicamente de custódia (ROSSETTI-FERREIRA et al., 1985; SILVEIRA et al., 1987).

Movimentos sociais diversos, dentre eles os movimentos feministas das décadas de 60 e 70, pesquisas sobre o desenvolvimento infantil em creches que afastaram a noção de risco ao desenvolvimento das crianças nelas atendidas e a divulgação de experiências bem sucedidas de educação de crianças bem pequenas em creches, realizadas em especial em países europeus, criaram condições para a Constituição Nacional, promulgada em 1988 em nosso país, incluir o atendimento às crianças de 0 a 6 anos no capítulo da Educação, definindo-o como um direito da criança, um dever do Estado e uma opção da família.

No esforço de instituir a legislação ordinária demandada pela nova ordem jurídica no país, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promulgada em 1996, definiu em seu artigo 29 que “a educação infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral das crianças até 6 anos de idade em seu aspecto físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Como apontam Soares e Rossetti-Ferreira (1998), essa lei passa a reconhecer que a creche não é apenas uma instituição para a mãe deixar a criança enquanto trabalha, mas um centro que participa e compartilha com a família e a comunidade o desenvolvimento integral e a educação das crianças já desde bebês.

O que é possível notar quando se trabalha na área é que os professores, a depender de sua experiência profissional e pessoal, ou de sua formação, orientam-se por diferentes representações, em grande parte marcadas pela história da área, do que seria a natureza e o papel social da educação de crianças pequenas realizada nas creches. O confronto de concepções antagônicas que frequentemente marca as discussões na área sugere a necessidade de se investir numa formação de professores que os torne mais críticos e autônomos, capazes de compreender e articular diferentes concepções, superar e integrar contradições, apropriar-se de novas práticas de trabalho junto às crianças, permitindo, em última instância, a superação do traço assistencialista ou escolarizante que muitas vezes caracteriza o trabalho realizado nas creches.

Estudos realizados na década de noventa em nosso país apontaram que as creches podem constituir lugares privilegiados de aprendizagem e desenvolvimento de bebês e crianças de até 3 anos. Eles descreveram e analisaram ricas interações criadas por crianças de menos de 3 anos, em geral no contexto de creches de boa qualidade e com companheiros já conhecidos (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e VITÓRIA, 1994; OLIVEIRA, 1988B; PEDROSA, 1989; CARVALHO e PEDROSA, 2002). Essas pesquisas têm contribuído para se repensar o modelo de creche como substitutivo do *cuidado materno* que foi sendo adotado na área, e que se inspira no modelo de relação individualizada mãe-bebê. A mera reprodução

da relação mãe-bebê pela educadora ou a ênfase em uma estimulação individualizada dos bebês, porém, termina por sobrecarregar a educadora e aumentar o tempo de espera das crianças.

As pesquisas em questão apontam para o fato de que outras relações, além da relação individualizada mãe-bebê, contribuem para o desenvolvimento das crianças pequenas que pode se orientar na direção da apropriação de bens culturais mais elaborados. Apoiando-se em estudos escandinavos, franceses e italianos (CAMAIONI, 1980; RAYNA, LAEVERS e DELEAU, 1996; CAMPOS e ROSEMBERG, 1994; BANDIOLLI e MANTOVANI, 1998; STAMBAK et al., 1983), tais pesquisas concebem as creches como ambientes de educação coletiva de qualidade, que podem ser acolhedores para crianças e suas famílias, e adequados às suas necessidades de desenvolvimento. Segundo estes modelos, a creche constitui um contexto de socialização diverso do familiar, pois nele um adulto, que não tem necessariamente um vínculo afetivo especial com cada criança, cuida simultaneamente de várias delas.

Essas novas perspectivas, sem desmerecerem o forte poder acolhedor e estruturador do professor, apontam para o fato de que, nesse ambiente coletivo, há também outros parceiros de interação disponíveis: as próprias crianças, que atraem fortemente o interesse umas das outras. Essas transformações trazem a necessidade de se repensar espaços e rotinas para bebês e crianças de até 3 anos numa perspectiva coletiva e pedagógica.

2.1 DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA PRIMEIRA INFÂNCIA

A passagem das creches para o âmbito da Educação acarretou uma transformação no perfil do educador desta faixa etária, que precisa ter formação de professor em nível superior ou médio (Lei 9394/96 artigo 62). Essa exigência, porém, não tem garantido a construção e a aplicação de propostas pedagógicas adequadas à faixa etária e que superem o tradicional assistencialismo que marca a história das creches no Brasil e em várias partes do mundo ocidental. Com isso, amplia-se a necessidade de investigar as práticas educativas vividas pelas crianças de diferentes faixas etárias como práticas reais de ensino-aprendizagem. Daí ser importante, por exemplo, investigar se o professor, já informado de que seu papel é mais do que simplesmente atender às necessidades físicas das crianças, tem sido capaz de ressignificar o cuidado e a educação das crianças em sua prática profissional.

No Brasil, confrontos de diferentes visões de criança, de família e de funções da creche e da pré-escola têm estado presentes na discussão do que seria um currículo para as crianças na Educação Infantil. O Brasil vive ainda controvérsias quanto ao reconhecimento da necessidade de um currículo nacional que oriente as práticas em creches e pré-escolas. A idéia de haver um currículo para a Educação Infantil frequentemente é contestada, já que o termo “currículo” é muito associado à escolarização, tal como vivida no ensino obrigatório para as crianças acima de 6 e 7 anos. Daí que muitas vezes são preferidas expressões como “projeto pedagógico” ou “proposta pedagógica”, especialmente quando se discute a educação de crianças menores de 3 anos (HADDAD e OLIVEIRA, 2006).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), elaborado pelo MEC em 1998 e distribuído às instituições de Educação Infantil de todo o país, reconhece o direito da criança à infância como parte de seus direitos de cidadania, aponta algumas metas para o desenvolvimento integral das crianças, discute alguns fundamentos teóricos e apresenta orientações para a prática dos profissionais da Educação Infantil junto às crianças, elaboradas a partir do que pode ser chamado de um referencial construtivista.

Cada vez mais considerada como primeira etapa da educação básica, as instituições de Educação Infantil vivem posições que se situam num contínuo entre duas funções básicas: a primeira, de fortalecer nas crianças competências na assimilação de informações úteis a seu futuro escolar e também na vida; e outra, de ser um ambiente de socialização no qual as crianças devem viver plenamente sua infância sem se submeter a práticas ritualizadas presentes em rotinas de escolas, casas e hospitais.

No primeiro caso, o foco de atenção dirige-se às relações ensino-aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos básicos e o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à integração social da criança e seu sucesso no futuro. Nessa perspectiva, as instituições de Educação Infantil são responsáveis por promover as condições e oportunidades de aprendizagem e o conhecimento vincula-se a um projeto didático orientado em âmbitos de experiência ou áreas de conhecimento a partir de uma visão de disciplinas ajustadas às faixas etárias em questão.

No segundo caso, a ênfase recai sobre as especificidades da Educação Infantil, que partilha com a família a tarefa de cuidar e educar a criança a partir de normas e parâmetros que diferem dos tradicionalmente presentes no ensino obrigatório. Essa distinção define o objeto e a função da Educação Infantil de forma qualitativamente diferente das instituições

escolares. O conhecimento a ser trabalhado, nessa perspectiva, vincula-se aos processos gerais de constituição da criança como ser humano em diferentes contextos sociais em sua cultura: suas capacidades intelectuais, físicas, criativas, estéticas, expressivas e emocionais. O conjunto de relações que a criança estabelece com o meio natural e social, entre pares e com os diferentes adultos, constitui o objeto da pedagogia da educação infantil, que tem como foco a criança, com suas próprias peculiaridades.

A questão que se coloca é: como se prepara um professor para trabalhar com crianças de 0 a 3 anos na perspectiva que hoje se apresenta? As características da criança dessa faixa etária, bem como suas maneiras de aprender, justificariam a necessidade de que, já em sua formação inicial, o futuro professor tivesse contato com questões específicas da faixa etária e do dia-a-dia de berçários e mini-grupos¹.

Alarcão (1996, p. 83) aponta para a especificidade da formação dos professores, já que os futuros docentes, ainda como alunos das escolas de Pedagogia, são uma espécie de “híbridos”: não deixando de ser alunos, já assumem o papel de professores. Sugere que os futuros professores sejam colocados em situações de experiência direta o quanto antes, o que possibilitaria o “aprender fazendo”, uma idéia fortemente embasada pela concepção de professor reflexivo. Em se tratando da formação inicial do professor de 0 a 3 anos, essa especialização se faz bastante necessária. Ainda enquanto estudantes de Pedagogia, os futuros professores poderiam ser acompanhados em seus estágios por um professor supervisor, prática que os ajudaria a entrar nas creches e CEIs mais preparados para atuar diante da criança pequena e dos fazeres e desafios específicos do trabalho com essa faixa etária.

Essa possibilidade, porém, ainda é nova para a maioria dos cursos de graduação em Pedagogia, cujo programa de formação inicial de professores de Educação Infantil enfoca, quase que exclusivamente, os conteúdos de trabalho com crianças de 3 anos em diante. Mais ainda, tem sido verificada a existência de lacunas nos currículos dos cursos destinados à formação inicial do professor de creche em relação a conhecimentos básicos a respeito do desenvolvimento do bebê e da criança pequena e em relação ao domínio pelo professor de procedimentos de saúde e nutrição importantes para o cuidado das crianças.

Há outros assuntos que os educadores desconhecem ao terminarem seus cursos superiores e ingressarem nos centros de educação infantil do município (CEIs) e creches

¹ Mini-Grupo é a denominação comum para os agrupamentos de crianças de 2 a 3 anos nos centros de educação infantil (CEIs) da rede municipal paulistana.

como professores. Questões relacionadas à convivência, à vida no grupo infantil, à resolução de conflitos aí criados, objetivos básicos do trabalho educacional com as crianças pequenas, muitas vezes não fazem parte da formação inicial dos professores, o que lhes corrobora a idéia de que não é de sua responsabilidade tratar delas. Muitas destas lacunas dão origem a demandas de formação continuada no momento em que os professores já estão atuando com o grupo de crianças pequenas.

Segundo Scarpa (1994, p.33), a própria natureza da função docente, conforme concebida hoje justifica repensar a formação inicial dos professores, dado que a evolução das ciências, as transformações das circunstâncias sociais, culturais e tecnológicas introduzem transformações substanciais na maneira como o papel do professor é visto. Assim, a formação do professor deve se constituir numa experiência permanente, estendendo-se por toda a vida profissional. Segundo aquela pesquisadora, há duas possibilidades de compreensão de formação continuada. A primeira seria simplesmente a substituição da falta de aprendizagem durante a formação inicial, suprimindo ou sanando as deficiências dos professores e a má qualidade da educação oferecida a eles no sistema escolar. A segunda identifica a formação continuada como intencional e partilhada, além de necessária – já que a formação profissional não pode ser circunscrita aos anos escolares, nem devemos esperar que a formação inicial seja idealizadamente completa.

Na realidade das unidades educacionais da rede pública, a responsabilidade pela formação continuada de suas equipes profissionais estaria diretamente ligada aos gestores (diretor e coordenador pedagógico) de CEIs e EMEIs, responsáveis por qualificar as práticas pedagógicas vividas na instituição, concretizar o projeto pedagógico de cada unidade escolar e viabilizar um currículo que propicie às crianças um ambiente de aprendizagens seguro e desafiador. Entretanto, o papel de diretores e CPs como *formadores* de sua equipe de trabalho apenas recentemente tem sido consolidado. Dessa forma, programas oficiais como o *A Rede em rede*, desenvolvido pela Diretoria de Orientação Técnica de Educação Infantil da Secretaria Municipal de São Paulo a partir de 2006, ou projetos de formação continuada com responsabilidade técnica de instituições especializadas, têm sido desenvolvidos para apoiar as instituições de Educação Infantil na tarefa de aprimoramento das competências docentes dos professores que trabalham com as crianças pequenas.

Dentro deste panorama, faz-se necessário pesquisar como se tem dado, atualmente, a construção e reconstrução de práticas específicas de trabalho com a faixa etária de 0 a 3 anos por professores em processos de formação continuada, investigar se seus saberes e práticas se

modificam ao longo da formação, em especial o modo como eles concebem a criança pequena.

Nessa tarefa, o registro feito pelos professores das práticas por eles efetivadas pode nos oferecer um rico material de análise.

2. 2 REGISTROS DE PROFESSORES: IDÉIAS E CONCEPÇÕES

Zabalza (1994, p.10) propõe que através de seus registros diários os professores podem explorar os dilemas enfrentados em sua prática, tanto no que diz respeito à sua elaboração mental quanto a seu discurso sobre a prática. Ele distingue três tipos mais comuns de diários, considerando as diferentes formas utilizadas pelos professores para registrar: aquele que cuida da descrição de tarefas e cujo foco principal são as atividades desenvolvidas na aula, narradas com maior ou menor detalhamento; o que coloca seu foco nos sujeitos envolvidos no processo, descrevendo características, sentimentos, percepções dos alunos e do professor; e aquele no qual todos os aspectos encontram-se presentes. Segundo o autor, a atividade docente é uma atividade profissional reflexiva e “o próprio ato de escrever sobre sua prática leva o professor a aprender através da sua narração. Ao narrar sua experiência recente, o professor não só a constrói linguisticamente como também a reconstrói ao nível do discurso prático e da atividade profissional. Quer dizer, a narração constitui-se em reflexão.” (ZABALZA, 1994, p.10)

Weffort (1995) situa o registro ao lado de outros instrumentos metodológicos do professor como o planejamento e a reflexão. Para ela, o registro é condição para que o professor se aproprie de seu pensamento, tornando-se consciente de sua própria prática. Destaca a importância do registro *escrito*, distinguindo-o do simples relato oral:

Pensar sobre a prática sem o seu registro é um patamar da reflexão. Outro, bem distinto, é ter o pensamento registrado por escrito. O primeiro fica na oralidade não possibilitando a ação da revisão, ficando no campo das lembranças. O segundo força o distanciamento, revelando o produto do próprio pensamento, possibilitando rever, corrigir, aprofundar idéias, aprofundar o próprio pensar. (WEFFORT 1995, p.9)

Nóvoa (2000, p. 20) destaca a importância de considerar as histórias de vida dos professores, propondo aproximações diferentes da leitura de seus registros, que classifica como histórias de vida narradas oralmente, memórias escritas ou narrativas ou descrições de situações práticas, entre outros. Considera que o foco de estudo dos registros pode variar, conforme os objetivos e as dimensões que se privilegie. Os objetivos de estudo dos registros podem ser essencialmente teóricos, relacionados com a investigação; essencialmente práticos, relacionados com a formação; ou essencialmente emancipatórios, relacionados com a investigação-formação. As dimensões em que estes estudos se dão podem também variar entre a dimensão *da pessoa* (do professor); a dimensão *das práticas* (dos professores) ou a dimensão *da profissão* (de professor). O cruzamento entre os diferentes objetivos e dimensões cria campos de estudo distintos, nos quais um ou outro aspecto pode ser melhor enfocado.

Outros autores, como Oliveira-Formosinho (2002) e Giacopini (2008) apontam para outras formas de registro, considerando anotações, filmes, fotografias e gravações como documentos que possibilitam a retomada de processos vividos e a reflexão sobre eles, tanto para os professores quanto para os alunos.

2.3 OBJETIVO DO TRABALHO

Este trabalho analisa alguns registros escritos produzidos por professoras que atuavam com crianças de 2 a 3 anos, em um CEI da rede municipal de educação da cidade de São Paulo, no qual atuei como formadora. As professoras eram responsáveis pelos agrupamentos infantis comumente denominados mini-grupos (para as crianças de 18 a 36 meses). Seus registros foram produzidos ao longo do segundo ano de um processo de formação continuada.

No presente estudo, trabalhamos exclusivamente com os relatos diários, escritos, de quatro professoras de um CEI da rede municipal paulistana. Não consideramos outras formas de documentação, como portfólios, fotos ou gravações, embora estes materiais tenham também sido produzidos durante o tempo da pesquisa.

A partir deles investigamos:

- Sobre o que as professoras mais escreveram? E como escreveram?

- Como as professoras se apropriaram dos conteúdos da formação? Os registros nos dão indícios de que as professoras realmente transformaram as práticas trabalhadas no processo de formação?
- O que seus registros revelam para nós, formadores, de modo que possamos aperfeiçoar a *nossa* prática ?

3 UMA PEDAGOGIA PARA A PRIMEIRA INFÂNCIA: EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Os agrupamentos de crianças pequenas são ambientes de intensa aprendizagem, ambientes, por assim dizer, de ação criativa e transformadora, que envolvem vivamente as atividades de construir significações nas interações que as crianças pequenas estabelecem entre si e com um ambiente culturalmente estruturado. Ao participar destas interações, as crianças são colocadas em condição de desenvolver formas culturalmente mediadas de sentir, perceber, resolver problemas, pensar e comunicar-se. Esses agrupamentos são, portanto, “cenários” de acontecimentos vitais no desenvolvimento infantil.

Essa concepção é fundamentada nos trabalhos produzidos a partir das colocações de Vygotsky (1991, 2001) e Wallon (1995). No Brasil, principalmente a partir da década de oitenta, tais idéias, que fundamentam uma construção social da criança e ressaltam que o desenvolvimento da mesma se faz nas interações que ela estabelece com diferentes parceiros em práticas culturais complexas, têm sido trazidas para a discussão do que seria uma educação promotora de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. (OLIVEIRA, 2001)

Segundo a interessante leitura dos pesquisadores americanos Newman e Holzman (2002), para Vygotsky, a criação de significado é uma atividade revolucionária do desenvolvimento humano. Ela se faz na atividade humana histórica ordinária, cotidiana, de cada hora. Ela é uma ação particular que muda a totalidade das circunstâncias (“cenários” históricos) da existência humana e as combinações destas circunstâncias. Embora Newman e Holzman relacionem mais especificamente o sentido de *atividade revolucionária* à atividade infantil de aprendizado da língua, enfatizando como especialmente revolucionária, por suas características, a aprendizagem de conceitos espontâneos e de conceitos científicos, nós cremos ser possível aplicar a mesma idéia à atividade das crianças pequenas no ambiente de creches e CEIs. Porém, o quanto esta atividade criativa das crianças seria compreendida e incorporada nos currículos dos grupos iniciais da Educação Infantil?

Certamente a maneira como o professor organiza o tempo, o espaço e as atividades para os bebês e crianças pequenas, reflete suas concepções de infância, de educação infantil, de desenvolvimento e de aprendizagem. Nos contextos de berçários e grupos de educação infantil inicial, uma concepção romântica de educação costuma ser muito forte. Nessa concepção, o desenvolvimento obedece a leis internas e naturais de maturação, sendo pouco

influenciado pelas experiências de aprendizagem. Em outras palavras, o desenvolvimento é visto como um pré-requisito para aprender.

Esse olhar sobre o desenvolvimento infantil pode ser explicado pelo fato de serem muito visíveis as conquistas do ser humano no primeiro ano de vida, especialmente no plano motor: a preensão, a capacidade de sustentar-se sentado, engatinhar, andar e tantas outras. Essas conquistas são ansiosamente esperadas e comemoradas, não apenas pelos pais, mas também pelos professores, a ponto de tornar-se importante perguntar em que medida estes se implicam nelas: acham que estão, de alguma maneira, promovendo estas conquistas? Estão participando da grande revolução que cada criança deve promover em seu desenvolvimento? Acreditam que suas ações as influenciam ou, pelo contrário, têm uma concepção de que as crianças se desenvolverão independentemente de suas propostas ou da maneira como organizam os tempos e espaços dos ambientes criados nas creches?

Certamente a maioria dos professores planeja atividades e organiza os espaços dos berçários e mini-grupos. Porém, muitos deles parecem reproduzir a estrutura de escolas tradicionais, mais preocupadas com a aquisição de habilidades. Dessa maneira, por exemplo, atividades planejadas, como espalhar brinquedos no chão *para que* um bebê caminhe até eles, ou contar uma história *para que* sua lição de moral seja apreendida pelas crianças, ou cantar músicas didáticas *para que* as crianças aprendam, por exemplo, sobre as partes do corpo são apenas aspectos de um todo que entra em ação quando esta criança interage em determinado ambiente.

Mais uma vez a releitura de Vygotsky feita por Newman e Holzman é especialmente estimulante para investigar a prática dos professores da primeira infância, na medida em que enfoca a perspectiva não-dualista do *método da práxis* adotada por Vygotsky. Na perspectiva daqueles autores, “os instrumentos internos cognitivos, comportamentais, criativos, lingüísticos são inseparáveis de seus resultados pelo fato de que seu caráter fundamental (seu aspecto definidor) é a *atividade* de seu desenvolvimento, em vez de sua *função*. Pois sua função é inseparável de seu desenvolvimento”. (NEWMAN e HOLZMAN 2002, p.56). Assim, estes autores nos lembram que Vygotsky rejeita a noção metodológica causal ou funcional de instrumento *para* um propósito, ou resultado, em função de uma noção dialética do *instrumento-e-resultado* no estudo da Psicologia. Na primeira acepção, uma atividade é planejada com a convicção de que ela serve *para* atingir um objetivo específico ou *para* desenvolver determinada habilidade; na segunda, compreende-se a atividade como um *continuum* onde há muito mais em jogo do que atingir um único objetivo ou desenvolver uma

habilidade: há *criação de significados/aprendizagem-conduzindo-desenvolvimento*. Um bom exemplo é o da linguagem, que, usada primeiramente como instrumento comunicativo, acaba por moldar as mentes daqueles que se adaptaram ao seu uso. Com isso Vygotsky especifica para a Psicologia o princípio sócio-metodológico da transformação do indivíduo e da espécie por meio do uso de instrumentos em atividades concretas.

Nos contextos de berçários e agrupamentos de crianças pequenas, a diferenciação entre fazer uma atividade *para* desenvolver X habilidades, ou fazer uma atividade *e* desenvolver X, Y, Z habilidades apresenta-se como particularmente relevante. Ao apanhar brinquedos espalhados pelo chão, um bebê estará provavelmente observando o ambiente e as reações dos outros bebês durante seu percurso até os objetos. Da mesma forma, ao escutar uma história, por mais que seja objetivo do(a) professor(a) que as crianças apreendam a lição de moral nela contida – como não bater nos amigos, por exemplo – uma criança de 2 ou 3 anos estará desenvolvendo muitas outras habilidades, como perceber que o livro em questão é portador fixo do mesmo texto, ou que a voz da professora se modifica quando lê o que determinado personagem diz.

Acreditamos que os contextos de atividade nos berçários e mini-grupos relacionam-se, necessariamente, com contextos de atividade na acepção vygotskyana, nos quais ocorrem a interação colaborativa, a inter-subjetividade e o desempenho assistido – até mesmo se o professor não tenha objetivado isso. As próprias características do pensamento infantil, a linguagem incipiente e a impulsividade da criança pequena criam uma zona de comunicação específica entre crianças e adultos, fortemente criadora de contextos. Nesse sentido, a maneira como os assuntos são visitados por cada grupo de crianças pode variar, a depender da forma como são organizadas as atividades nos tempos, espaços e materiais e o modo como se dão as relações e interações entre professor e crianças, bem como as relações entre as crianças.

Em relação ao estilo de interação privilegiado pelo professor na sua relação com as crianças, Tonucci (2005) aponta para a falta de sentido de uma programação de Educação Infantil concebida a partir do modelo da escola de ensino fundamental. Critica as “aulinhas” criadas pelos professores, considerando esse sistema muito distante da vida e dos interesses reais das crianças, no qual “a criança pode assumir somente um papel de espectador, de ouvinte, de executor passivo de tarefas e, por vezes, também de repetidor”.

Nesse sentido, conhecer, compreender e valorizar as características do pensamento da criança pequena são competências fundamentais, muitas vezes ausentes no profissional que

trabalha com crianças pequenas, no CEI. Muitas vezes o adulto deixa de reconhecer os modos de pensar e agir das crianças pequenas, surpreendendo-se com o que falam ou dizem, porque as concebe a partir do seu próprio ponto de vista, e não do ponto de vista das próprias crianças.

O que Tonucci (2005) nos fala sobre a relação entre a originalidade do pensamento infantil e aquilo que os adultos entendem por criatividade pode deixar claro a mudança de perspectiva que compreender o olhar da criança acarreta:

A criatividade, na mentalidade adulta, é a habilidade de romper com as regras para encontrar soluções novas e encontrar efeitos novos. A criança, porém, não conhece essa criatividade. Ela não conhece as regras ou os procedimentos ortodoxos e corretos, não podendo, respectivamente, nem rompê-las nem aplicá-los. Portanto, diante dos problemas a serem resolvidos, ela aplica suas regras, e nós, que não as conhecemos, pensamos que ela esteja inventando as regras e as soluções.

Trata-se, pois, de soluções estranhas, originais, que, de acordo com o modo como são lidas e de como nos colocamos em relação à criança, consideramos *criativas* ou então *erradas*. A escola deveria utilizar, estudar atentamente os erros das crianças, em vez de ter medo deles e exterminá-los com intervenções corretivas e cegas (TONUCCI, 2005 p.18).

4 UM ESTUDO EMPÍRICO

O contexto analisado no estudo empírico que ora se apresenta faz parte do programa de formação do *Projeto Capacitar - Zona Leste*, coordenado pelo Instituto Avisalá de São Paulo e dirigido a equipes de quinze unidades educativas (CEIs diretos, CEIs conveniados e EMEIs)² de uma Diretoria Regional de Educação (DRE)³ da Secretaria Municipal de Educação localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo, entre os anos de 2006 e 2007. Dentre essas quinze unidades educativas (UEs) foram escolhidas três - um CEI direto, um CEI conveniado e uma EMEI - para receber uma formação mais direta durante o ano. O grupo de quinze UEs foi chamado de *grupo expandido* e o das três unidades diretas foi chamado de *grupo direto*. Foi neste projeto que atuei como formadora.

No período citado, o Projeto Capacitar teve a duração de dois anos e uma de suas mais importantes características foi trabalhar sempre em três dimensões de formação: a pedagógica, a gerencial e a de saúde. No primeiro ano, o foco da formação se deu em dois temas principais: *o fomento à brincadeira infantil*, enfatizando especialmente o arranjo dos ambientes de aprendizagem em cantos de atividades diversificadas (no primeiro semestre), e a *leitura pelo professor* (no segundo semestre) por meio de visitas mensais a dois CEIs e a uma EMEI que recebiam a formação direta do Projeto para desenvolver atividades junto a um grupo de crianças (formação *in loco*).

No segundo ano (2007), foram mantidas, em princípio, as mesmas três unidades educacionais (um CEI direto, um CEI conveniado e uma EMEI) para receber atuação direta durante o ano. Da mesma forma, em cada DRE, o *grupo expandido* de 15 unidades Educacionais (CEIs diretos, CEIs conveniados e EMEIs) também permaneceu o mesmo. Nesse segundo ano do projeto, foi dada continuidade à questão da leitura de histórias para as crianças feita pelo professor, o que mobilizou muito as equipes das unidades envolvidas. Outro foco bastante trabalhado e discutido nesse segundo ano foi a *criação de contextos para a Educação Infantil*. As quatro horas mensais de formação nas três unidades foram transformadas em reuniões de supervisão, dessa vez com todas as professoras do período,

² Na rede municipal de educação de São Paulo, os centros de educação infantil (CEIs) atendem crianças de 0 a 3 anos, e as escolas municipais de educação infantil (EMEIs) atendem crianças de 3 anos a 5 anos e 11 meses.

³ As diretorias regionais de educação (DREs) do município de São Paulo são regiões que reúnem as unidades educativas dos diferentes bairros da cidade.

geralmente divididas em três grupos organizados por faixa etária das crianças, e mais uma hora com a equipe gestora da unidade (CP⁴ e diretor) e equipe técnica da DRE para avaliação e encaminhamentos do trabalho do dia. Nesse período, foi proposto que os professores dos CEIs e da EMEI atendidos diretamente pelo projeto passassem a registrar seu dia-a-dia com as crianças na instituição. Para que o acompanhamento mais proximal do trabalho dos CEIs e da EMEI pudesse ocorrer, as reuniões de supervisão eram pautadas a partir das necessidades formativas - dúvidas e questões - trazidas e/ou identificadas nos registros das professoras.

O acordo com as professoras de cada uma das unidades era basicamente o mesmo: no encontro de formação pedagógico geral (do qual participavam as equipes dos dois CEIs e, eventualmente, também a da EMEI), a formadora recolheria os registros escritos durante o mês pelas professoras. Estes registros eram de importância crucial no processo de formação, já que, a partir de sua leitura, era elaborada a pauta da reunião de supervisão, que acontecia, geralmente, uma semana ou quinze dias depois do encontro de formação geral.

A prática da leitura de registros de professores, seguida da reflexão do formador sobre eles e de uma devolutiva organizada a partir desta reflexão, tem sido uma das principais características de projetos de formação continuada de professores como o *Capacitar*. Estas devolutivas caracterizam o momento da supervisão, em nosso caso, mensal. Sempre acompanhados pela coordenadora pedagógica, os encontros de supervisão tinham também como objetivo servirem de modelo para a coordenadora pedagógica, que, ao final do projeto, poderia dar continuidade a eles. Os registros eram dessa forma dinâmicos que punham em funcionamento o mecanismo da supervisão: a pauta dos encontros estava intimamente relacionada àquilo que as professoras registravam, e a como registravam, a partir da interpretação da formadora.

Outro fato merece consideração, neste caso: como nos momentos de supervisão as quatro professoras dos dois Mini-Grupos do período da tarde estavam juntas, as informações e a forma de registrá-las de cada uma delas era socializada, por exemplo, quando a formadora lia, ou pedia que uma das professoras lesse o trecho de seus diários que havia gerado a problematização que seria feita na ocasião em voz alta para todas. Uma das consequências trazidas por esta prática, realizada mensalmente durante um ano, foi o aumento da intimidade entre os participantes da reunião. O estilo de escrita de cada professora, nesse contexto, aquilo

⁴ Coordenador (a) Pedagógico (a).

que cada uma priorizava ao registrar, que escolhia escrever ou deixar de escrever eram fatores determinantes na condução das reuniões.

Tendo em vista que as informações sobre o trabalho das professoras dos Mini-Grupos presentes em seus registros eram discutidas em grupo pela formadora, acreditamos que as reuniões de supervisão podem ter estimulado mudanças importantes em suas formas de pensar, agir e planejar seu dia-a-dia com as crianças. Assim, as reuniões de formação, mediadas pelos registros, iluminados pela formadora, terminavam por constituir-se em situações nas quais as professoras, ao refletir e avaliar o trabalho umas das outras, repensavam o próprio trabalho e o modificavam.

Para investigar como os registros das professoras revelam sua compreensão sobre o processo ensino-aprendizagem das crianças de 2 a 3 anos, foi selecionado um dos CEIs participantes do Projeto, cuja coordenadora pedagógica era muito colaborativa e interessada no desenvolvimento do mesmo em sua unidade, tendo, inclusive, feito a tentativa de instituir a prática de registros no CEI nos anos anteriores e se dizendo bastante frustrada por não ter conseguido. Segundo ela, a passagem dos CEIs para a Educação ainda era muito recente, e como a exigência dos registros não existia anteriormente, era bastante difícil conseguir que as professoras escrevessem.

Localizado na Zona Leste de São Paulo, este CEI funcionava 12 horas por dia, de segunda a sexta-feira, e atendia, em 2007, 112 crianças de 6 meses a 6 anos. Elas nele permaneciam o dia todo, entrando a partir das 6h30 e saindo até as 18h30. Os professores da instituição, porém, trabalhavam somente meio período: uma equipe entrava às 6h30 e saía às 12h30; e a outra entrava às 12h30 e saía às 18h30. Isto significa, na prática, que os grupos de crianças permaneciam os mesmos, porém tinham em geral professoras diferentes pela manhã e à tarde.

A equipe docente do CEI era composta por 22 professoras, em sua maioria com curso superior de Pedagogia completo ou em fase de conclusão. Quatro delas eram professoras volantes⁵ com formação de magistério em Nível Médio.

Neste CEI as crianças estavam agrupadas da seguinte maneira:

⁵ As professoras volantes, embora formadas, não possuem um grupo permanente de crianças sob sua responsabilidade. Dividem-se entre os vários grupos do CEI, auxiliando o trabalho das outras professoras.

Agrupamento	Idade das crianças	Total de crianças	Número de professoras
Berçários	6 meses a 2 anos	25	3 (manhã) e 3 (tarde)
Mini-grupos	2 a 3 anos	24	2 (manhã) e 2 (tarde)
1º ESTÁGIO	3 a 4 anos	18	1 (manhã) e 1 (tarde)
2º ESTÁGIO	4 a 6 anos	20	1 (manhã) e 1 (tarde)

Assim, as crianças de cada um dos Mini-Grupos entravam na instituição no período da manhã, durante o qual eram acompanhadas por uma dupla de professoras. No período da tarde, a dupla de professoras da manhã era substituída por outra. As duas duplas de professoras dos Mini-Grupos à tarde foram as responsáveis pelos registros que analisamos no presente estudo.

A professora A (MG A-B) tinha 49 anos, era formada em magistério nível médio em 1979, formada em Pedagogia em 1984, solteira, não tinha filhos, havia começado a trabalhar no CEI em 2007 e, na época do programa de formação, era também professora de classe de ensino fundamental numa escola estadual no período da manhã.

A professora B (MG A-B) tinha 56 anos, era casada, tinha 3 filhos e trabalhava no CEI havia 11 anos, primeiramente como Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI) e depois como Professor de Desenvolvimento Infantil (PDI). Formou-se no magistério nível médio em 2004, através do curso ADI-Magistério⁶, e em 2007 concluiu o curso de Pedagogia.

A professora C (MG C-D) tinha 33 anos, formada em magistério nível médio em 1993 e em Pedagogia em 2000. Casada, sem filhos, havia começado a trabalhar no CEI em 2005. Também trabalhava como professora numa escola estadual de ensino fundamental no período da manhã.

A professora D (MG C-D) tinha 43 anos, era casada, tinha 2 filhos e trabalhava no CEI havia 11 anos, primeiramente como ADI e depois como PDI. Tal como a professora B, ela

⁶ O Programa ADI-Magistério foi uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação de promover a habilitação dos educadores efetivos de sua rede de creches, ou CEIs, que não possuíam o requisito legal de curso de Pedagogia ou de magistério de nível médio. Tal programa cumpriu a carga horária estipulada e m um arranjo curricular inovador que foi objeto de análises acadêmicas (OLIVEIRA et alii, 2004; OLIVEIRA, SILVA, AUGUSTO e CARDOSO, 2006; CAPESTRANI, 2007)

formou-se no magistério nível médio em 2004, através do curso ADI Magistério e concluiu o curso de Pedagogia em 2007.

Os registros das professoras foram produzidos entre os meses de março e setembro de 2007, durante o segundo ano de acompanhamento do CEI pelo projeto de formação Capacitar Zona Leste. Neste período, a formadora realizou reuniões mensais de supervisão de trabalho com as professoras do Mini Grupo A-B e Mini-Grupo C-D, sempre juntas. As reuniões tinham uma hora de duração e eram acompanhadas pela CP do CEI, pela diretora, por duas assistentes técnicas da DRE e, eventualmente, pela supervisora do CEI.

Os registros manuscritos pelas professoras e por elas apresentados à formadora, foram xerocopiados e depois digitados e numerados. No decorrer da análise, os conteúdos de registros selecionados são apresentados no texto.

Entre março e setembro de 2007, as professoras do Mini-Grupo A-B produziram um total de 88 registros escritos (Anexo A), e as professoras do Mini-Grupo C-D produziram um total de 84 registros escritos (Anexo B). Sua análise possibilitou a identificação de 38 tipos de atividades oferecidas pelas professoras às crianças durante o período acima referido. Os 38 tipos de atividades foram agrupados em blocos, de acordo com os campos de experiências aos quais estão relacionadas: Cuidados; Conversa; Histórias; Escrita; Música e Dança; Corpo e Movimento; Jogo Simbólico; Desenho; Artes; Teatro e Fantasia; Outros. Isso possibilitou a elaboração de uma síntese comparativa entre a ocorrência das atividades nos dois agrupamentos.

Para melhor visualização da distribuição e da frequência das atividades realizadas no período, foram produzidas duas planilhas, cada uma delas relacionada a um dos Mini-Grupos (Anexos D e E).

4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A leitura dos registros chama a nossa atenção para dois aspectos importantes: o primeiro deles diz respeito às formas de registrar das professoras, e o segundo ao conteúdo registrado. Primeiramente nos debruçaremos sobre suas formas de registrar.

4.1.1 Quanto às formas de registrar

No caso do MG A-B, a professora A é quem assina a maior parte dos registros, que são assumidos pela professora B apenas do registro MG A-B 59 até o registro MG C-D 65. As duas professoras registram de formas bastante diferentes. Desde o início, a professora A produziu registros que, de acordo com Zabalza (1994), poderiam se caracterizar como mistos, focando tanto as atividades desenvolvidas quanto descrevendo, eventualmente, características e relações entre as crianças:

13/03/07 - 18 crianças - Terça-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, fizemos uma roda de conversa, com tema: música, quais as músicas que eles mais gostavam, depois coloquei alguns CDs, com músicas infantis: Coleção Cirandinhas. Eles adoraram, com gestos eles iam acompanhando os sons e os ritmos das músicas, começou a chover e eles nem perceberam os raios que caíam lá fora, tão distraídos acompanhando as músicas, o Jorge bateu palmas com ritmo, a Júlia sabia cantar a maioria delas, o Lucas que é bem tímido começou também a acompanhar, uma graça, adorei! Foi uma dinâmica muito apreciada por todos, depois fomos um pouco brincar com os brinquedos da sala, e continuamos cantando e brincando, depois fizemos a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora. (MG A-B 3)

A professora B escreve bem menos e seus registros trazem apenas informações sobre o que foi realizado no dia, de forma bem sucinta:

18/06/07 - Segunda-feira - 20 crianças

Iniciamos nossas atividades após o café da tarde.

- Roda de conversa

- Tema passeios de fim de semana

As crianças se assentaram na roda, alguns falaram onde foram com os pais e os demais apenas repetiram o que ouviram dos colegas.

Momento da história contamos uma história que fala de bruxa e também de pequenos animais, tais como: rato, gato. Autora: Eva Furnari

O Amigo da Bruxa

Atividades na área externa II

Recreação, cantigas de roda, as crianças observaram pipas, pássaros

Às 15.45 entramos para nos preparar para o jantar.

Higienização pessoal, jantar, realizamos as trocas. (MG A-B 59)

Nem a professora A nem a B, porém, refletem ou problematizam as situações descritas em seus diários, limitando-se a descrevê-las, com maior ou menor detalhamento.

Já as formas de registrar das professoras do MG C-D possibilitaram construir outro tipo de conclusões, oferecendo alguma idéia sobre sua cultura pedagógica, saberes e crenças, bem como sobre os modelos de educação infantil nos quais foram formadas. Ambas compartilham a escrita dos registros, que obedece a um formato por elas pré-determinado compreendendo os itens: objetivos, desenvolvimento e observações. A partir do registro MG C-D 48, o item rotina passa também a constar dos registros, que trazem a relação de todas as atividades desenvolvidas na tarde:

ROTINA – Lanche, Área externa – quadra – músicas, Higiene, Sopa, Cantinhos: bonecas, panos, panelinhas. (MG C-D 48)

A partir do registro MG C-D 15, as professoras passam a eleger e comentar uma única atividade – a leitura de histórias - para a qual especificam objetivos:

Atividade: História – O Ursinho Apavorado - Autor: Keith Faulkner - Cia. Das Letrinhas

Objetivo: Desenvolvimento da linguagem oral, concentração, emoções etc. (MG C-D 15)

Atividade: História: A felicidade das borboletas, de Patrícia Engel Secco

Objetivo: Oferecer condições para a criança:

- adquirir discriminação visual como: cores, qual animal etc.

- ser um ser observador. (MG C-D 28)

Atividade: História: Mas que bicho lagartixo, de Sylvia Orthof

Objetivo: Oferecer condições para a criança:

- conhecer novos animais;
- aprender a pronunciar os nomes dos animais. (MG C-D 30)

É importante perceber que, ainda que a atividade seja a mesma (leitura de histórias), as professoras definem objetivos diferentes para ela a cada dia, revelando sua crença de que as histórias devem sempre ensinar alguma coisa às crianças, conforme discutiremos mais adiante.

A discriminação de objetivos também aparece nos registros de outras atividades do MG C-D:

Atividade: Corre-cotia

Objetivo: Desenvolvimento da coordenação motora, socialização, regras, cooperar com os colegas, respeitar o direito do outro, a assumir responsabilidade, a dar oportunidade aos demais. (MG C-D 11)

Atividade: Tomar sol

Objetivo: Oferecer oportunidade para as crianças tomarem sol. (MG C-D 42)

Atividade: Casinha

Objetivo: Oferecer oportunidade para as crianças se socializarem e aprenderem a dividir brinquedos. (MG C-D 43)

Atividade: Pintura com tinta plástica

Objetivo: Possibilitar à criança a possibilidade de desenvolver a criatividade. (MG C-D 51)

Atividade: Roda de conversa

Objetivo: Desenvolvimento da linguagem oral, capacidade de saber ouvir e esperar a vez. (MG C-D 41)

Atividade: História: A Galinha Ruiva, “Mundo da Criança” (conto popular inglês).

Objetivos: Desenvolvimento da linguagem oral, gosto pela história etc... (E a importância de ajudar uns aos outros)." (MG C-D 19)

É possível perceber que nem sempre as professoras têm clareza dos objetivos de cada atividade. Nos exemplos acima, objetivos gerais aparecem misturados a objetivos específicos, e, no caso da atividade de pintura, as professoras não definem objetivos relacionados à especificidade da área, ou a competências expressivas que as crianças poderiam desenvolver ao pintar.

Porém, ao definir e incluir em seus registros escritos objetivos para as atividades, as professoras estão revelando o quanto consideram isto importante. Ao fazê-lo, revelam que estão pensando sobre o significado das atividades para as crianças e sobre o que as crianças podem estar aprendendo – ou seja, revelam a crença de que as atividades devam, necessariamente, proporcionar aprendizagens para as crianças.

A partir do registro MG C-D 53, porém, as professoras deixam de registrar objetivos. Pensamos que isto ocorra porque elas passam a concentrar o foco de seus registros na leitura diária de histórias e em algumas atividades relacionadas a ela, como as brincadeiras que acontecem depois da roda de leitura e as oficinas de criação de fantasias, inspiradas nos personagens das histórias lidas. A organização de uma sequência de leitura com um foco temático (Bruxas, Fadas e Monstros) também parece influir na supressão dos objetivos diários nos registros, já que, neste caso, eles permaneceriam os mesmos.

Além de objetivos, as professoras do MG C-D também escrevem em seus registros o *desenvolvimento da atividade*. A leitura dos registros torna possível perceber que o que chamam de *desenvolvimento* se refere aos *procedimentos* para a realização da atividade, revelando formas de organização do ambiente, dos materiais, de sua própria organização pessoal e da organização das crianças:

Desenvolvimento da atividade:

Arrumamos quatro cantinhos: bonecas, carrinhos, carrinhos de montar e livros. Enquanto confeccionávamos os chapéus chamando criança por criança, as outras brincavam no cantinho de sua preferência. (MG C-D 68)

Desenvolvimento da atividade:

Organizei o ambiente com cadeiras em círculo. Apresentei o livro e os personagens. Retornei a lembrar a importância de prestar atenção na professora no momento da história. Conforme contava, mostrava as ilustrações. Terminando conversamos sobre a história e fiz algumas perguntas. (MG C-D 35)

Desenvolvimento da atividade:

Antes de lermos a história organizamos a sala, enquanto as crianças comiam lanche no refeitório. Colocamos os colchonetes em forma de círculo para as crianças sentarem, depois apagamos a luz e fechamos a cortina e a porta. Li a história fazendo entonação com a voz. Todos sentaram e apresentavam-se curiosos para saber como era a história. (MG C-D 53)

Desenvolvimento da atividade:

Fizemos uma cabana usando lençóis, fita crepe e cadeiras. Nossa roda de conversa foi embaixo da cabana. Fizemos a cabana, enquanto as crianças estavam no lanche. Quando retornaram à sala entraram direto na cabana. (MG C-D 63)

É no item *observações* que as professoras do MG C-D geralmente dão detalhes sobre a atividade, transcrevendo inclusive falas das crianças:

Observações:

No momento da história, dei oportunidades às crianças para fazerem intervenções e suposições referentes à história. Elas ficaram atentas o tempo todo e não saíram do lugar. As crianças que mais falaram, opinaram e contaram a história foram: Bruna, Vitória C., Vitória R., Mariah, até o Alexandre e a Natacha falaram; e Luís Felipe disse que o urso entrou na casa. Bruna debateu dizendo que não. Ela disse também que não era para eu colocar a mão no urso, porque ele morde. Algumas crianças afirmaram que tinha um lobo mau na história. Todas as crianças gostaram da história e participaram o tempo todo. (MG C-D 34)

Ainda com relação às formas de registrar, os diários do MG A-B e C-D apresentam uma característica curiosa: ao justificar a escolha de determinados livros que lêem para as crianças, as professoras integram uma citação ou trecho da resenha retirada da própria obra literária ou de algum outro texto informativo, sem no entanto identificar essa inserção como citação ou destacá-la do próprio texto:

[...] fizemos a leitura do livro: “EU GOSTO MUITO”, Autoras: Ruth Rocha e Dora Lorch, ilustrações: Walter Ono, esse livro fala do menininho e das coisas que ele gosta, *essa fase marca a aprendizagem do controle sobre os músculos esfínterianos, a criança aprende a reter as fezes e a urina, o que, simbolicamente, significa reter os sentimentos.*

Brincar com água, com terra ou com outros materiais que se assemelham aos produtos do próprio corpo ajuda no amadurecimento da criança que está essa fase. A indicação da idade é sempre aproximada. Pois as crianças, além de terem desenvolvimento diferenciado, frequentemente passam por pequenas regressões no processo de amadurecimento, podendo voltar a atividades que já tenham abandonado. (o grifo é nosso) (MG A-B 72)

Observação:

Todos prestaram muita atenção e ouviram a história em silêncio. Gustavo por sua vez não se contentou e pronunciou os personagens. As crianças estavam ansiosas para terminar a história, só para manusear o livro. Fiz algumas perguntas e Luís Felipe, Fabrício, Gustavo, Vitória Rafaela foi os que mais responderam. Passei o livro para que todos manuseassem, ficaram ansiosos esperando a vez, todos participaram. O objetivo da história foi de que temos que ajudar uns aos outros, por esse motivo expliquei e reforcei qual a importância de ajudarmos os colegas e repartirmos os brinquedos. “Curiosidade é a palavra-chave do mundo da criança.” *Os conteúdos do mundo da criança foram criados para ajudar as crianças a saciar seu desejo de descobrir como o nosso mundo funciona. Eles foram desenvolvidos para ser as ferramentas de uma exploração intuitiva e divertida, porque sabemos que elas aprendem mais quando estão se divertindo. Respeitando a inteligência das crianças, por isso só criamos produtos que sejam fortalecedores [...]* (grifo nosso) (MG C-D19)

Isto mostra que as professoras estão buscando justificar para a formadora – que é para quem elas dirigem seus registros – o desenvolvimento de suas competências de escolha de obras e seus conhecimentos sobre a fundamentação da importância dessas leituras para as crianças.

4.1.2 Quanto ao conteúdo dos registros

Passaremos agora à análise dos dados relacionados ao conteúdo dos diários das professoras.

O que fazem as crianças dos Mini-Grupos A-B e C-D durante a tarde? O que faz parte de sua rotina diária? O que nos revelam os registros de suas professoras com relação ao currículo que está em ação neste CEI?

É preciso lembrar que a síntese de atividades foi destacada de um contexto particular, ou seja, de registros que foram produzidos pelas professoras durante um projeto de formação continuada que envolvia objetivos específicos claros. É importante lembrar também que os resultados apresentados dizem respeito ao conteúdo relatado pelas professoras em seus registros, o que não significa que não tenham realizado mais atividades do que as registradas.

A tabela abaixo apresenta as 38 atividades selecionadas a partir dos registros examinados que foram agrupadas em sub-grupos de cores diferentes segundo o campo de experiências ao qual se relacionam. A segunda coluna mostra, em porcentagem, quantos registros mencionam aquela determinada atividade num total de 88 registros dos MG A-B (ou seja, em um total de 88 dias em que foi feito registro). A terceira coluna refere-se à mesma informação, num total de 84 registros dos MG C-D. Como os registros se referem a dias, as porcentagens tratam do valor relativo da presença do item registrado no total dos dias.

Campos de Experiência	REGISTROS ATIVIDADES	MG A-B	MG C-D
Cuidados	Despertar das crianças	53%	0%
	Calçar sapatos e ajudar a se vestir após o despertar	13%	0%
	Higiene / lavar as mãos	66%	36%
	Levar ao banheiro	36%	0%
	Tomar água	1%	1%
	Lanche / Café da tarde	84%	37%
	Sopa/Jantar	68%	33%
	Troca de roupas no final do dia	57%	0%
	Saída	60%	32%
Conversa	Roda de conversa	43%	24%
	Exposição da professora sobre algum assunto/ conceito importante	14%	7%
Histórias	Roda de histórias	7%	0%
	Roda de leitura	57%	54%
	Roda de leitura com participação das crianças	0%	7%
	Checagem / Perguntas às crianças sobre a história lida	8%	20%
	Manusear livros	11%	29%
	Folhear revistas	1%	0%
Escrita	Atividade de escrita pela professora	1%	0%
Música e dança	Cantar em grupo/ roda de música	30%	12%
	Dançar com as professoras	2%	0%
	Ouvir CDs	9%	7%
	Assistir TV / DVD	5%	1%
Corpo e Movimento	Brincar no parque / área externa	41%	37%
	Tomar sol	0%	1%
	Movimento / brincadeiras tradicionais	3%	13%
	Relaxamento em duplas	2%	0%
Jogo Simbólico	Brincar com brinquedos na sala	7%	1%
	Casinha	2%	1%
	Cantos	11%	35%
	Faz-de-conta	3%	0%
Desenho	Desenho	6%	5%
	Desenho do próprio corpo no chão	2%	0%
Atividades de Artes	Pintura	3%	4%
	Colagem	0%	2%
	Oficina de criação	0%	4%
Teatro e Fantasia	Fantasiar / pintar as crianças	6%	7%
	Teatro pelas professoras / professoras fantasiadas	10%	5%
Outros	Recreação com as volantes	1%	0%
	Festa / Lanche especial	6%	5%

Dentro do conjunto de experiências do cuidar encontram-se as práticas de higiene e alimentação que, tradicionalmente, na maioria das creches ou CEIs, vêm sendo tratadas de forma mecânica dentro da rotina dos grupos de crianças pequenas, resíduo da forte marca assistencial e higienista que caracterizou a história dessas instituições. Hoje, porém, ocorre uma mudança bastante interessante e importante para a nossa reflexão: momentos como lavar as mãos, aprender a usar o banheiro, alimentar-se e vestir-se e outros continuam a ser valorizados no currículo dos grupos de crianças pequenas (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, 2007), porém sob outra justificativa educativa. Estes momentos são vistos como oportunidades para aprendizagens ligadas ao desenvolvimento da personalidade, da autoestima e do auto-cuidado. Continuam sendo centrais no trabalho com a faixa etária de 2 a 3 anos de idade - e até mesmo nos agrupamentos posteriores dos CEIs, até 5 anos - exigindo consideração e tempo do professor para sua realização e desenvolvimento, mas de forma bastante diferente da perspectiva anterior. Hoje, a criança não deveria ser apenas *cuidada pelo adulto*, mas principalmente *aprender a se cuidar*, tornando-se participante ativa de suas próprias aprendizagens (HEVESI, 2004). Ela não é vista apenas como alguém que recebe os cuidados que lhe são dispensados.

As atividades de cuidado são as mais frequentemente relatadas pelas professoras do Mini-Grupo A-B. São rigorosamente mencionadas: o café da tarde aparece em 84% dos registros e o momento de lavagem de mãos das crianças em 66% deles. Ou seja, essas atividades fazem parte da rotina, todos os dias. Não há, porém, nenhuma reflexão sobre as interações entre as crianças e suas possíveis aprendizagens nestes momentos. Por exemplo, *despertar as crianças*, ação que inicia o período de convívio das professoras com o grupo, consiste em 53% das atividades mencionadas. Em nenhum dos registros, porém, as professoras nos contam como as crianças foram acordadas, suas reações, o que disseram, ou quanto tempo levou para que o grupo estivesse confortável e pronto para tomar o café da tarde. O mesmo ocorre com relação aos momentos em que as crianças são ajudadas a calçar os sapatos, ou a se vestir, depois de despertar (atividade mencionada em 13% dos registros), ou às trocas de roupas que as professoras relatam que fazem antes das crianças irem para casa (mencionadas em 57% dos registros).

Com relação aos momentos de higiene e lavagem de mãos as professoras também não comentam nada sobre a atuação das crianças, nem sobre a própria, ao conduzi-las ou ajudá-las, nem sobre a organização coletiva destes momentos. As professoras também não lançam luz nenhuma vez à ida ao banheiro, momento em que importantes aprendizagens relacionadas

ao conhecimento e ao cuidado de si estão sendo construídas, que mesmo assim é mencionada em 36% dos registros.

No caso do MG C-D, as professoras não são tão específicas quanto suas colegas do MG A-B na discriminação dos momentos de cuidado. Porém, não deixam de mencionar os momentos de higiene e lavagem de mãos (em 36% dos registros), o café da tarde (em 37% dos registros) e o momento do jantar (em 33% dos registros). Da mesma forma que as colegas, elas não se detêm sobre como se deram estes momentos.

É importante perceber, porém, que o fato de não escrever mais atentamente sobre estes momentos não significa que as professoras não atuem neles de forma cuidadosa ou promotora da compreensão ou da participação das crianças no cuidado do próprio corpo. O não relatar o que acontece de fato nestes momentos coloca uma questão importante: elas não os identificam como importantes conquistas relacionadas ao cuidado de si, ainda não os reconhecem como envolvendo competências fundamentais que necessitam da mediação do professor.

Aquilo que consideramos um dos diferenciais mais importantes para o professor da primeira infância não é percebido como exigindo delas competências específicas: as professoras *não sabem que sabem*, ou ainda, *não sabem que não sabem*.

Atividades relacionadas à leitura de histórias são relatadas praticamente todos os dias nos registros das professoras dos Mini-Grupos. No Mini-Grupo A-B, a leitura de histórias foi mencionada em 57% dos registros diários. No Mini-Grupo C-D, a roda de leitura foi mencionada em 54% dos registros.

Contar histórias sem lê-las correspondeu apenas a 7% das menções a atividades nos registros do MG A-B. A partir do registro MG A-B 7 são relatadas apenas rodas de histórias onde as mesmas são *lidas*. Consideramos que este seja um aspecto importante, já que uma das orientações mais veementes da formação vinha ao encontro da qualificação da prática da leitura pelo professor.

O que nos revelam, porém, as professoras em seus registros, quanto às suas crenças e visão sobre a leitura de histórias? Ou melhor: que perspectivas de trabalho seus relatos abrem para nós, formadores, se conseguirmos ler as entrelinhas de suas observações?

É possível perceber que passa a haver uma preocupação das professoras quanto à seleção dos livros que serão lidos para as crianças. Como resultado das orientações da formadora, elas passam a procurar títulos que consideram adequados e organizar seqüências

de leitura para as crianças. Encontram justificativas para suas escolhas em algumas concepções que têm sobre seu grupo de crianças: a de que as crianças precisam ser ensinadas, e a de que os livros podem ensinar coisas importantes às crianças.

A concepção inicial das professoras quanto à leitura de histórias não está ligada, portanto, ao *prazer de ler* – ou, no caso das crianças pequenas, ao prazer de escutar histórias, fundamental para o desenvolvimento da paixão pela leitura e da compreensão de que os livros podem ser portadores de textos encantadores cujo código pouco a pouco poderá ser apropriado pelas próprias crianças.

Tonucci (2005) considera que a experiência de um adulto que lê em voz alta para as crianças amadurecerá nelas o desejo de aprender a ler o quanto mais cedo possível. Esta não é, porém, a perspectiva inicial que as professoras do MG A-B têm ao começar a ler, e não apenas contar histórias, e organizar suas primeiras sequências de leitura para o grupo. Elas acreditam que os livros devam conter mensagens e ensinamentos importantes. Mesmo quando não os encontram neles, acham uma maneira de extrair estes ensinamentos ou lições de moral das histórias lidas. Acreditam que os livros também possam ser profiláticos, ajudando a resolver problemas comuns às crianças desta faixa etária: o medo de bruxas ou outros seres sobrenaturais, por exemplo:

[...] nossa história hoje é “TENHO MEDO, MAS DOU UM JEITO”, autoras: Ruth Rocha e Dora Lorch, editora Ática, ilustrações: Walter Ono, este livro pretende mostrar às crianças algumas situações do dia-a-dia que envolvem um perigo real – fogão aceso, objetos cortantes, rua com trânsito... – mas, ao mesmo tempo, que existem maneiras de lidar com esses perigos. Num primeiro momento, texto e imagem despertam o receio perante essas situações. Porém, logo em seguida, aliviam a tensão, colocando a criança diante da solução para o medo que a aflige. Depois de ter lido esta história, começamos a questionar se eles tinham medo de alguma coisa como o menino da história. O Lucas A. disse que tinha medo de morrer atropelado, pois uma mulher morreu, que morava perto da casa dele. O Kleber disse que já tomou um choque na tomada da sala, mas agora a mamãe liga a televisão para ele assistir os desenhos, a Júlia L. tem medo de atravessar a rua sozinha, a Sara tem medo de cair de novo, pois ela já rasgo o queixo duas vezes no mesmo lugar, a Vitória tem medo de escada, no final da semana passada ela caiu da escada e machucou o olho direito, e ficou todo roxo, explicamos para

elas que eles não podem atravessar a rua sozinhos, tem que ser acompanhados por um adulto, quando tiver medo de alguma coisa chame a mamãe para ajudar, como usar a tesoura, mexer no fogão, atravessar a rua, ligar algum eletrodoméstico, etc. para todos prestarem muita atenção, pois eles ainda são pequenos e precisam de ajuda de um adulto. (MG A-B 70)

Esta crença dá origem a duas atitudes bastante frequentes nos relatos das professoras: a preleção e o comentário ao final da história, como se a voz da professora devesse sintetizar aquilo que a história tem de melhor – um ensinamento, um lembrete, uma regra de convívio social.

Nos registros das professoras do MG C-D, é comum aparecer também uma fala moralizante ou conclusiva do próprio professor quanto a algum conceito que ele julga importante transmitir às crianças a partir das histórias lidas.

Aproveitei a história para falar sobre higiene: a importância do banho (estar sempre limpo e cheiroso), escovação, antes de sair de casa para ir a qualquer lugar (shopping, escola, parque...). (MG C-D 4)

Através dessa roda de conversa as crianças aprenderam que somos professoras e não tias. Algumas ainda não sabem pronunciar a palavra PROFESSORA, mas aceitaram que somos professoras. (MG C-D 6)

A mensagem do livro nos mostrou que sozinhos podemos muito pouco, mas com ajuda e ajudando podemos realizar muitos dos nossos sonhos; tentei passar essa mensagem para as crianças usando argumentos que eles compreendam. (MG C-D 29)

Uma atitude compartilhada pelas professoras dos MG A-B e B-C é também a verificação do quanto as crianças conseguiram reter das histórias lidas:

[...] Leitura do texto: Bicho Papão na minha Imaginação, fizemos algumas perguntas no final da leitura — Como era o Bicho-Papão particular? —

Quem contava as histórias de Bicho-Papão? — Quando era que o Bicho-Papão aparecia? — No final, quem era o Bicho-Papão?” (MG A-B 44)

[...] Fiz algumas perguntas e a maioria soube responder, passei o livro para as crianças manusearem e junto com elas fui comentando novamente.” (MG C-D 25)

Assim, as professoras não parecem convencidas de que a beleza, o humor, o lirismo da literatura sejam motivos suficientes para que as crianças escutem histórias, pensem sobre elas ou as tornem assuntos para suas conversas. Entretanto, é possível observar que, pouco a pouco, os registros vão revelando algumas transformações no olhar das professoras, considerando as possíveis aprendizagens das crianças na roda de leitura. Começam a surgir registros que transcrevem falas e reações das crianças:

[...] depois contamos a do URSINHO APAVORADO, assim que comecei a virar a página, a Júlia Luisa, começou a chorar, com medo dos bichos, o Jorge ficou apavorado com uma expressão de terror, o Kleber deu muitas risadas, não teve medo, alguns nem se mexeram do lugar, sem saber o que fazer, olhavam para o livro, calados e depois que chegou ao final da história, que o ursinho foi dormir com os pais, eles ficaram contentes e até bateram palmas.(MG A-B 7)

Da mesma forma, os registros passam a fazer considerações sobre a importância da leitura e o envolvimento das crianças neste momento:

[...] nesta hora, que a gente percebe, como é importante a leitura para eles, percebi que o interesse, foi aumentando a cada dia, eles pediram para que eu lesse mais uma história, aí comentei que no dia seguinte ia ler a história de uma bruxa muito boazinha, o nome é A Bruxa Vassorilda, bateram palmas, e ficaram felizes. (MG A-B 9)

Estas transformações não são percebidas como tais pelas professoras, que as relatam, mas não refletem sobre elas. Parecem estar tão encantadas quanto as próprias crianças na descoberta de uma atividade prazerosa, na qual podem se estender por mais tempo do que a maioria das atividades cotidianas. Mas não refletem sobre o porquê:

Coloquei vários livros no chão, em cima de um cobertor para verificar, qual o tipo de livro chamaria mais atenção das crianças, o que eles iriam fazer, se pegariam para tentar ler, ou só iam ver as figuras, que tipo de capa, ou que tamanho, se eles pediriam para ler, foi muito gratificante, pegavam os livros e viravam as páginas, tentando ler, tinha um silêncio na sala, alguns trocavam rápido outros demoravam mais, alguns pediam para ler mais histórias de monstros, fantasmas e de Bicho-Papão, tirei algumas fotos da atividade.(MG A-B 42)

À medida que a leitura de histórias se consolida como uma atividade permanente diária e as professoras passam a selecionar os títulos que farão parte da sequência de leitura, surgem novos dados em seus registros. Um deles diz respeito à descoberta de que alguns livros são inadequados para as crianças do mini-grupo, pela complexidade dos textos ou temas neles expressos, tal como relatado pelas professoras do MG A-B:

[...] a história do Tatu e o Menino (de Antônio Costa), trabalhamos com o tema a diferença, sem preconceito, eles ficaram parados sem saber o que dizer, às vezes isso acontece, choca muito eles são pequenos não sabem o que fazer, na sala ao lado tem uma criança diferente, especial.. (MG A-B 20).

A escolha dos títulos mais adequados para a faixa etária está intimamente ligada ao conhecimento que as professoras têm dos livros infantis. Pode-se dizer, assim, que o conhecimento das professoras dos títulos do acervo do CEI⁷ está sendo construída

⁷ No final deste trabalho encontra-se disponibilizada como **Anexo C** a lista das obras infantis do acervo do CEI, citadas pelas professoras em seus registros.

praticamente junto com a construção do conhecimento do conteúdo dos livros pelas crianças. Da mesma forma, a competência para selecionar os títulos mais adequados para a faixa etária está sendo construída neste momento.

Vemos aqui um fenômeno interessante: importantes competências das professoras se desenvolvem ao mesmo tempo em que decidem confiar que crianças tão pequenas possam se interessar pela leitura de histórias. Acreditar nisso é, aliás, uma das condições que permitem que essas competências se desenvolvam. As professoras aceitam os termos da formação e passam a modificar suas práticas. Em face das respostas das crianças, que as surpreendem e encantam, elas passam a relatar episódios nos quais estão justamente em jogo suas competências específicas de leitoras de histórias para as crianças do Mini-Grupo, tal como dividi-las em capítulos:

[...] neste momento paramos de ler a história para saber as respostas das crianças, algumas diziam que poderiam morar juntas, outras diziam que não, mas como a história era muito grande e polêmica, deixamos para o outro dia continuarmos essa história." (MG A-B 51)

Atividade: História Bruxinha e as maldades da Sorumbática (continuação)

Desenvolvimento da atividade:

Professora organizou todas as crianças sentadas ao seu redor e comentou um pouco da história e dos personagens. Verificamos que a maioria está atenta e quando perguntamos da história lida no dia anterior, eles relatam fatos que nos surpreendem. (MG C-D 73)

As professoras dos Mini-Grupos C-D se referem também a outras competências específicas relacionadas à leitura de histórias pelo professor, como o uso de diferentes entonações, do suspense e da preparação das crianças, antes de iniciar a leitura:

Comecei a história fazendo entonação na voz para chamar a atenção [...] (MG C-D 54)

Antes de apresentar o livro, eu fiz um suspense sobre a história. Exemplo: Ah! A história de hoje é muito legal! É sobre... e então perguntei: Será que fantasma existe? (MG C-D 55)

Apresentamos o livro: falando o nome da história, motivamos as crianças dizendo que a história é muito legal... e é de terror! Quando falamos a palavra TERROR todas as crianças abriram os olhos bem grande. E ficaram o tempo todo atentos e ouvindo e olhando as figuras. (MG C-D59)

À medida que as sequências de leitura de livros de histórias se desenrolavam, os registros passam também a incluir observações sobre o desenvolvimento das competências leitoras das crianças:

[...] estendi cobertores pelo chão, colocamos as crianças em volta, espalhamos vários livros, para eles manusearem sozinhos, escolheram os livros e passaram uma tarde tranquila e gratificante, eles já estão se habituando com os livros, não rasgaram nenhum, que sucesso!!! (MG A-B 46)

Todas as crianças tiveram interesse em participar da atividade. Ficaram nessa atividade por uma hora e meia. A Bruna por decisão própria pegou um livro e de pé contou a história para os outros colegas, que estavam sentados. Emily veio perguntar o nome da menina da história que foi contada na sexta-feira (25/05/07). No decorrer do tempo as crianças trocaram os livros entre si, sem confusões e brigas. Essa é uma atividade que eles amam. (MG C-D 38)

A leitura diária das histórias alimenta para as crianças e professoras um repertório comum de situações imaginárias que passam a constituir a tessitura do cotidiano dos Mini-Grupos. Dão origem a assuntos para conversas entre professoras e crianças e entre as crianças, e também para suas brincadeiras. Vamos analisar como as professoras relatam estas transformações em seus registros.

No Mini-Grupo C-D, as professoras relatam que passam a preparar o ambiente para a leitura de histórias:

Como a história falava de escuridão, improvisei apagando a luz e fechei as cortinas para as crianças sentirem o que é escuridão e no momento que ia aparecer o personagem fazia um barulhão com tom de voz bem alto, imitando o som do personagem. (MG C-D 15)

A especial predileção de uma das professoras do Mini-Grupo A-B por se fantasiar após a leitura de histórias é incorporada na transformação lúdica do cotidiano do grupo, e surge relatada diversas vezes nos registros:

[...] aí a professora B, aproveitou a distração das crianças e colocou uma meia-calça branca na cabeça e se escondeu atrás do portão da quadra, ficou só com a cabeça de fora, e fazia barulho, imitando um fantasma, as crianças ficaram olhando assustadas, outros corriam, corriam pela quadra, gritando, gritando, outros ficaram parados para ver o que é que era, o que está escondido, tentando descobrir o que era aquilo, mas quando a professora B levantou, e eles viram o corpo, a Ariane gritou é a professora B, e eles olharam melhor, sem medo e começaram a dar risadas, aí ela se aproximou, e eles foram ao encontro dela, tentando segurá-la e ela saiu correndo e todas corriam atrás dela, foi muito engraçado, eles foram perdendo o medo, e até queriam colocar a meia-calça na cabeça, essa brincadeira foi muito prazerosa. (MG A-B 43)

Assim, a criação de contextos lúdicos, que encantam tanto as professoras quanto as crianças, passa a fazer parte da rotina dos grupos. Fantasiar-se, o que inicialmente parece surgir como um recurso usado pela professora para a melhor fixação da história na memória das crianças, também sofre uma transformação ao longo do tempo. Surgem relatos de momentos de brincadeira que envolvem cada vez mais a professora e as crianças, e nos quais se desenvolve um modo de relação que acaba se tornando bastante característico do MG A-B: a professora se fantasia como um personagem das histórias lidas e surpreende as crianças, iniciando um jogo, que pode ser de pega-pega ou esconde-esconde, provocando sempre com

muita movimentação e ruído. Esses momentos são lindamente relatados e as professoras, tão encantadas quanto as crianças com a atividade, descrevem (sem parecer perceber) uma das mais claras situações de aprendizagem do material analisado, na qual as crianças aprendem a fazer o mesmo que a professora – “brincar de assustar”... :

Depois a Professora B colocou um lençol na cabeça, fazendo vários gestos representando um fantasma, as crianças começaram a correr pela sala gritando, gritando, depois que ela começou, fazendo uns sons diferentes, eles começaram a notar que se tratava de uma pessoa fantasiada, explicamos a todos que era apenas uma brincadeira, aí eles começaram a pedir para colocar o lençol, o primeiro a pedir foi o Erick, depois o Kleber, e assim por diante, eles corriam atrás dos amigos, foi um corre-corre, todos riam, e saíam correndo... (MG A-B 41)

Depois fizemos uma atividade dando continuidade à história. A professora D saiu da sala, vestiu essas fantasias. Enquanto isso, as crianças aguardavam na sala com a luz apagada e as cortinas fechadas. No momento que a professora entrou fantasiada algumas crianças gritaram, outras pularam sorrindo e quatro choraram (Wesley, Thalita, Alexandre e Gustavo). Antes de terminar a brincadeira eles já tinham parado de chorar, estavam felizes e participando. Então, a professora convidou as crianças que queriam voar na vassoura com a bruxa até o castelo. Uma criança de cada vez participou dessa atividade. Falamos que no dia seguinte a bruxa Sorumbática vai voltar. As crianças estão aguardando ansiosas. A ansiedade é tanta que às 17:50 hs o Fabrício perguntou: Tia e a bruxa? (MG C-D75)

Na mesma direção, apesar de aparentemente envolver mais criatividade – pelo menos do ponto de vista das professoras – surgem também os momentos em que os personagens da história devem ser representados pelas crianças na hora de contá-las

Hoje a história foi contada com a participação das crianças no decorrer da mesma. Gabrielly era a dona da festa. (MG C-D 4)

Organizamos a sala com colchonete tipo sofá, deixamos a sala escura e arrumamos colchonete como se fosse uma cama com travesseiro e cobertor, copiando da história, e convidamos “Luís Felipe” para ser nosso personagem principal (Sérgio), o domador de monstros. Seguindo a história, íamos mexendo com a imaginação de todos, conforme contava a história, trazia para o nosso real, envolvendo o “Luís Felipe” na história, trazendo a história para nossa sala. Estava tão real que “Luís Felipe” quis sair da cama, disse que estava com medo, então convidamos “Fabrício” onde permaneceu até o fim, e participou atento, demonstrando interesse e alegria. (MG C-D 76)

Durante ou após a leitura, representados pelas crianças ou pelas próprias professoras, os personagens dos livros tomam forma, ganham vida, vêm consolidar e dar substância material à experiência literária do grupo. De onde surge essa necessidade?

Para as professoras, representar os personagens das histórias parece também estar ligado à idéia de fechamento, de consolidação de uma experiência, da fixação de uma vivência trazida por uma história, ou do encerramento de um projeto. Além disso, conforme colocam as professoras do MG C-D, apenas uma criança de cada vez participa desta atividade, sem que seja possível interagir com as outras, que só podem assumir a função de contemplar os companheiros fantasiados. Os personagens são decididos de antemão, as professoras ajudam as crianças a se paramentar, e as crianças são convidadas a “ser outros”, quase como num desfile ou teatro de um personagem só. Enquanto isso, as outras crianças esperam sua vez – que pode vir logo em seguida, se a atividade for para todos no mesmo dia, ou nos próximos dias, quando é o caso de representar o personagem ao mesmo tempo em que a professora conta a história.

Além da leitura de histórias, outra atividade cuja referência pelas professoras sofre transformações em seus registros são as conversas entre as crianças.

Que assuntos são importantes para as crianças de 2 a 3 anos? Do que gostam de falar? Apesar de não terem sido foco da formação no primeiro ano, as situações de conversa entre professoras e crianças, bem como entre as crianças, sempre foram estimuladas durante o Projeto. Como vimos, porém o investimento na leitura de histórias e da brincadeira parece ter aumentado o repertório comum de experiências do grupo, o que provocou o aparecimento de mais situações de conversa no grupo.

Saber conversar com as crianças pequenas, considerando o sincretismo de seu pensamento, escutando atentamente o que dizem e pouco a pouco estendendo suas possibilidades de comunicar-se, é uma das competências mais importantes do professor dessa faixa etária. Nos agrupamentos de crianças pequenas, porém, é muito comum que o trabalho de linguagem confunda-se com o mero uso da linguagem, não se atentando para o fato de que a linguagem é estruturante para o desenvolvimento de outros conhecimentos e aprendizagens.

É verdade que, em alguns registros, as professoras transcrevem as falas das crianças, o que revela sua atenção às mesmas. No entanto, não refletem sobre o desenvolvimento da conversa:

"A Professora começou com a fala de uma criança que disse: “fui ao shopping tomar sorvete.” Em seguida Mariah disse:

— Fui com a mamãe e a Bianca. Bruno disse: — Fui no shopping ver a bicicleta e o papai brigou. Luís Felipe: — Fui na Bahia e comprei uma bicicleta. Maurício tentou se pronunciar mas não conseguiu. Alexandre disse: — Pedi uma bicicleta para a mamãe. Luís Felipe disse: — Fui no McDonald's e comi três batatas. Mariah disse: — Fui no McDonald's e comi o número 3. Kaique disse: — Comi batata, suco e levei a minha tartaruga ninja. Gustavo disse: — Fui no cinema e assisti o Shrek. Bruno disse: — Minha mãe comprou o boneco do Shrek e deu pra mim. Mariah disse: — Minha mãe me deu a ???? do mundo. Maria Eduarda disse: — Minha mãe toma sorvete. Geovana falou bem baixinho. Bruna disse: — Fala mais alto que eu não estou ouvindo nada. Em seguida, aproveitando a roda, a professora contou a história da bicicleta." (MG C-D 49)

As professoras também relatam situações nas quais elas fazem perguntas às crianças sobre as histórias lidas, verificando o que apreenderam das mesmas, situações em que dão ensinamentos ou lições de moral e rodas de conversa do tipo “vezamento”, nas quais o assunto é único e todas as crianças devem responder à mesma pergunta, como por exemplo sobre o final de semana:

[...] após o café fizemos uma roda de conversa, falamos do final de semana de cada um, alguns foram na casa da vovó, outros no Shopping, ajudaram a mamãe a limpar a casa, outros jogaram bola com o papai. (MG A-B 29)

Iniciamos nossas atividades após o café da tarde.

- Roda de conversa

- Tema passeios de fim de semana

As crianças se assentaram na roda, alguns falaram onde foram com os pais e os demais apenas repetiram o que ouviram dos colegas. (MG A-B 59)

Estas situações continuam a ser relatadas ao longo de todo o período dos registros. Porém, mais uma vez as histórias lidas pelas professoras começam a se tornar assuntos das conversas, cujo registro revela aspectos importantes como a qualidade das interações, a qualificação das respostas das crianças diante das observações dos outros e a extensão dos temas de conversa em detrimento dos questionamentos e checagens relatados nos primeiros registros. As conversas sobre as histórias deixam de ser apenas verificações da possibilidade de ter havido consenso sobre algum tema e as professoras passam a estender os assuntos, como numa conversa real:

[...] fui contando a história e mostrando cada página, parava para perguntar se eles gostam das mesmas coisas da menina da história, gosta de colinho da mamãe, brinca dentro do berço. Aí perguntei se eles ainda dormiam em berço, o Jorge disse: — Eu durmo. O Lucas: — O Dani dorme. Aí perguntamos quem era o Dani, ele falou: — É o nenê da mamãe, aí eu disse: — Ele é seu irmão, ele ficou admirado. E falou com uma cara engraçada: — É mesmo! Continuando, tirar a roupa da gaveta para olhar o que tem dentro. Amanda: — Eu gosto! Mas a mamãe não gosta, fica brava. Quem gosta de pegar a bolsa da mamãe? Júlia: — Eu gosto, pego para brincar de passear, tiro tudo para ver o que tem lá dentro, minha mãe fica brava e me bate. Quem gosta de brincar na banheira? Vocês ainda tomam banho na banheira? Gustavo: — Eu tomo! Ou outros olharam todos admirados, aí nós fomos explicando, que o Gustavo é bem pequeno, veio fazer pouco tempo do berçário, depois de tanta brincadeira, a menina da história, pegou sua chupeta e seu paninho e foi dormir, aí perguntamos: — quem dorme com

paninho e chupeta, em casa? Várias crianças responderam que dormem, dormem também, aqui na creche. (MG A-B 73)

“Guilherme” falou que era a mãe dele na parte que foi lido: ... ela faz isso quando fica nervosa... Ele ainda falou que não faz bagunça no quarto dele. ‘Fabrício’ falou que faz bagunça no quarto dele. “Luís Felipe” disse: Na escola não pode fazer sujeira, que tem que jogar no lixo. ‘Maurício’ repetiu: No carro. ‘Luís Felipe’: quando o Rodrigo (padrasto) fica nervoso com a mãe, ele fica de cara feia. Mostrei a figura da mamãe nervosa e o ‘Fabrício’ falou: Ela parece um bicho. Mostrei a figura do quarto, que ainda não tinham arrumado a bagunça. ‘Geovana’ falou: Tá mostrando de novo, deixa eu ver, tia [...]” (MG C-D 54)

As conversas se estendem, as crianças são mais pessoalmente implicadas nas mesmas, como neste exemplo:

[...] a história hoje é “Múmia”, Coleção Vale das Letras, texto Patrícia Amorin, esta história fala sobre uma família de múmias que tem pai e mãe e dois filhos, que adoravam brincar dentro das pirâmides, mas eles não viam o Sol há muitos anos e resolveram mudar para uma floresta. Se um dia você encontrá-los, não tenha medo. É apenas uma família feliz, vivendo livre como passarinhos. As crianças ficaram admiradas, quando ficaram sabendo que a múmia tem uma família, aí começaram a dizer eu também tenho: irmão, irmã, pai, mãe, todos queriam falar ao mesmo tempo. Aí falamos para cada um ir contando devagar, íamos chamando pelo nome e aí cada um foi falando, alguns sabiam dizer até os nomes, às vezes pegávamos as agendas que tinham o nome da mamãe e falávamos para eles a sua mãe chama-se Maria, Helena, Fátima... etc., eles ficaram admirados como que a professora sabia o nome da mãe, aí nós íamos explicando que olhamos na sua agenda, “nessa agenda tem a foto de cada criança, eles adoraram mostrar uns para os outros” é muito legal essa troca. (MG C-D 58)

As professoras, porém, não refletem sobre estas mudanças. Estas parecem não terem sido percebidas por elas, embora saltem aos olhos da formadora durante a leitura. Apenas uma

vez (em 1% dos registros feitos no grupo) é relatada uma atividade em que uma das professoras do MG A-B faz uso da escrita numa atividade coletiva, diante das crianças, numa situação plena de significado para os pequenos. Ela escreve a letra de uma canção na lousa (*A Canoa virou*) e vai trocando os nomes das mães das crianças a cada vez que o grupo canta:

[...] ler uma poesia com rimas e conversar com as crianças sobre a possibilidade de troca da palavra chave com o nome da mamãe (música ‘A canoa virou’), escrevemos na lousa, e íamos cantando e trocando o nome de cada mãe dos alunos da sala. (Essa atividade foi maravilhosa, eles ficaram felizes quando colocamos o nome de suas mães). (MG A-B 37)

O aspecto do uso significativo da escrita, porém, não é comentado pela professora. Esse tipo de brincadeira, tão importante para as crianças desta faixa etária, traz grande prazer para as do Mini-Grupo A-B. Ao nomear pessoas ou fatos das vidas das crianças, as professoras promovem a valorização de suas experiências pessoais, ao mesmo tempo em que promovem um contexto de socialização, tornando-os assuntos comuns para o grupo. As vivências pessoais, os próprios pais, os irmãos, os animais de estimação são temas de grande interesse para as crianças desta faixa etária, e os professores poderiam aproveitar essas oportunidades para utilizar as linguagens da cultura, como a escrita. A professora faz isto nesta atividade, mas não parece reconhecer as implicações e a profundidade dessa atitude para as crianças do MG A-B.

Cantar em grupo ou participar de rodas de música teve sua ocorrência registrada em 30% dos dias no MG A-B e em 12% dos registros diários do MG C-D. Além disso, é relatado que as crianças escutam CDs em 9% dos dias no MG A-B e em 7% dos dias no MG C-D. As professoras, porém, não escrevem sobre o que as crianças fazem, ou como se relacionam com a Música, nem se referem aos possíveis interesses e aprendizagens das crianças com relação à Música como linguagem. A Música surge nos relatos como uma atividade cuja finalidade é passar o tempo:

[...] trocamos todos, para irem embora, enquanto eles esperaram os pais, cantamos algumas musiquinhas para passar o tempo, eles adoram, pedem para cantar de novo, algumas que eles mais gostam. (MGA-B 9)

Hoje as crianças estavam agitadas e não estavam prestando atenção na história, mesmo assim consegui contar, e mesmo com a falta de interesse algumas crianças prestaram atenção, fiz algumas perguntas e como sempre Luís Felipe tirou de letra acertou todas. Como a história falava de banda e música, convidei a todos para cantarmos, estávamos ensaiando uma música para o Dia das Mães, aproveitei a história e o desinteresse das crianças e reforcei a música para ver como eles estavam, e se já tinham memorizado a letra. Para a minha surpresa eles se interessaram mais pela música, cantamos todos juntos e chamei um de cada vez para ir ao centro da roda para cantar; os mais tímidos mesmo com vergonha cantaram baixinho, mas cantaram, hoje eles tiveram a preferência pela música, não se interessaram pela história. (MG C-D 23)

Os relatos também revelam uma concepção de ensino e aprendizagem das professoras, que entende a Música como apoio ou recurso para consolidar temas de interesse:

[...] aproveitamos a data do Dia do Circo, e retomamos a história do Pinóquio, ele foi vendido para um circo, então falamos sobre o dia do Circo, cantamos a música O Circo (Xuxa), colocamos o nariz de palhaço nas crianças, e eles adoraram. (registro MG A-B 5)

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, fizemos a nossa roda de leitura; a história de hoje é da Casa que o João construiu, coleção: Mundo da Criança – História do Mundo, um conto popular francês, Companhia Editora Nacional. O conto “A casa que o João construiu” é uma adaptação do autor Charles Perrault de uma antiga história contada pelos camponeses franceses. As crianças adoraram as figuras são grandes e a história tem rima, todos queriam pegar o livro para ver, depois cantamos músicas referentes à história, como por exemplo: A casa, o gato, o cachorro, a igreja etc., depois fomos brincar no parque, e lá tem uma casinha, então eles lembraram da casa que João tinha construído, depois fizemos a higiene pessoal e

foram jantar, após o jantar trocamos todos, e foram embora.(MG A-B 30)

As atividades especificamente designadas como de corpo e/ou movimento são muito pouco citadas, considerando a totalidade dos registros. No Mini-Grupo A-B, surgem mencionadas como brincadeiras tradicionais (em 3% dos dias) ou como relaxamento em duplas (em 2% dos dias). É justamente aqui, porém, que ocorre um fato interessante. Durante o acompanhamento das professoras pela formadora, as mesmas apresentaram um projeto de trabalho para desenvolver com as crianças, ao qual deram o nome de *Meu Corpo*. Duraria um mês (de agosto a setembro) e consistiria de atividades diárias com o objetivo de ensinar as crianças a conhecer as partes de seu corpo e desenvolver bons hábitos de higiene. Em uma das reuniões, a formadora sugeriu às professoras que um projeto com foco na corporeidade e no movimento das crianças de 2 a 3 anos poderia incluí-las de forma mais ativa.

Este é um momento exemplar de uma prática de formação que se apóia nos registros de professores de modo a ampliar suas possibilidades de reflexão sobre a própria prática: por meio das necessidades formativas apreendidas de sua leitura, a formadora pode selecionar materiais e organizar situações de tematização dos mesmos. O conceito de necessidade formativa aqui é definido como o conjunto de desejos, problemas e deficiências encontrados pelos professores no desenrolar do seu ensino na instituição na qual atuam (Scarpa, 1998: p.48).

Constituindo um material privilegiado de contato entre as professoras e a formadora, os registros não apenas tornavam claras as necessidades formativas das professoras, mas revelavam *de que maneira* elas atuavam cotidianamente na situação diagnosticada como necessária de ser transformada. Ao planejar a cada dia o trabalho com a ênfase em apenas uma parte diferente do corpo ou dar longas explicações às crianças sobre a importância de lavar as mãos ou manter seus narizes limpos, as professoras revelam algumas de suas crenças sobre quais conteúdos acreditam ser importantes ou adequados para as crianças do Mini-Grupo, e também sobre suas formas de aprender. Privilegiam a “aula” como forma de ensinar, propondo às crianças o modelo típico da escola transmissiva, no qual a criança pode assumir um papel apenas de espectador ou de um repetidor. Além disso, elas acreditam também que as crianças aprenderão melhor as partes do corpo se estas forem apresentadas e “estudadas” uma de cada vez.

Para responder a essa situação, a formadora organizou uma reunião na qual ela e as professoras discutiram a construção do eu corporal nas crianças, tendo como principal referência a teoria de Wallon (1995). Apresentar informações de ordem teórica e discuti-las com as professoras precisamente neste momento parece ter sido extremamente importante para elas e uma decisão acertada da formadora. Foi sugerido a elas que propusessem às crianças atividades menos transmissivas e mais lúdicas, nas quais pudessem vivenciar sensações corporais em brincadeiras das quais o grupo participasse ativamente, sem que a professora fosse a única responsável por sua condução. A formadora apresentou como sugestões atividades de sensibilização em que as próprias crianças podem organizar-se para acariciar-se com diferentes objetos como pedaços de algodão, rolinhos de pintura ou penas de pássaros. Essas atividades pareciam mais adequadas à faixa etária do Mini-Grupo do que aprender partes do corpo isoladamente.

Na verdade, o registro dessas atividades, com todos os seus problemas e equívocos, fornece antes de tudo às professoras e à formadora uma oportunidade importante para a resolução de problemas: são apresentadas novas idéias, há questionamento e reflexão. O resultado dessas propostas gera uma mudança não apenas na maneira como as atividades passam a ser propostas, mas igualmente nos registros das professoras, que passam a apresentar uma riqueza de detalhes, com menções às crianças e suas reações:

[...] Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, com a rotina de trocar, colocar os sapatos e levá-los ao banheiro, depois foram tomar o café da tarde, após o café, levamos todos para a sala, pedimos para todos sentarem no chão, separamos em duplas, distribuimos rolinhos de espuma e depois colocamos uma música bem tranquila, do CD Mãe Bebê da Natura, depois demos explicações e demonstrações como eles iam fazer, nós as professoras fizemos uma na outra o seguinte, passamos o rolinho bem devagar, no nosso corpo e depois no corpo da amiga, pedimos para eles fazerem a mesma coisa, com bastante calma e bem devagar, passando o rolinho, em todo o corpo do amigo, pedimos para tirarem os calçados, para passarem também nos pés essa atividade, faz parte do nosso projeto "O Corpo", eles davam risadas, quando passavam o rolinho, nos pés, embaixo do braço, na barriga, foi muito legal, tiramos algumas fotos." (MG A-B 81)

[...] Foto 4: A professora B passando a pena no Guilherme, para ele ficar mais calmo, e ele também fez carícias, passou a pena no pé da professora e dando risadinhas, as outras crianças ficaram observando. E fizeram a mesma coisa nos amigos, que gostaram muito, dando risadas, todos ficaram bem relaxados.

Foto 5: Samuel de camisa laranja passando a pena no rosto da Emily, e a Mirella passando a pena no Bruno e vice-versa, nessa atividade observei que a Mirella compartilhou e gostou pois na atividade de riscar no chão o corpo do amigo ela não quis deitar-se no chão, só chorou, depois recolhemos todas as penas, e fomos lavar as mãos e jantar, mais um dia gostoso e produtivo, as crianças também gostaram muito. (MG A-B 82)

As brincadeiras no parque ou na área externa foram anotados em 41% dos registros feitos pelas professoras do MG A-B, e os momentos nos quais as crianças realizam atividades ligadas ao movimento ou brincadeiras tradicionais apareceram em apenas 3% deles. Na maioria das vezes, as professoras não relatam sobre como as atividades aconteceram, ou sobre a participação das crianças nas mesmas, mas associam-nas aos objetivos de aprendizagem, geralmente ligados ao desenvolvimento da coordenação motora e a regras de convívio que, a seu ver, as brincadeiras possibilitam que as crianças vivenciem:

Atividade: Corre-cotia

Objetivo: Desenvolvimento da coordenação motora, socialização, regras, cooperar com os colegas, respeitar o direito do outro, a assumir responsabilidade, a dar oportunidade aos demais.

Desenvolvimento da atividade:

Levamos as crianças para a parte externa do CEI e fizemos uma grande roda e convidei a todos para sentar com perninha de borboleta e em círculo.

Observação:

Todas as crianças participaram e esperaram sua vez, não saíram do círculo e cantaram com entusiasmo. Eles gostam muito de brincar de corre-cotia e já sabem a letra. (MG C-D 11)

A idéia de que a cada brincadeira ou proposta de movimento correspondam objetivos específicos, justificando assim o porquê de oferecê-los, é freqüente nos registros das professoras do MG C-D.

Atividade: Corre-cotia

Objetivo: Desenvolvimento da coordenação motora, socialização, regras, cooperar com os colegas, respeitar o direito do outro, a assumir responsabilidade, a dar oportunidade aos demais.

Desenvolvimento da atividade:

Hoje estava um sol maravilhoso, levamos as crianças para a parte externa do CEI, e lá já estavam as crianças do Mini-Grupo A-B. Juntamos todas as crianças e brincamos de corre-cotia. As crianças gostaram muito e todas ajudaram a participar”. (MG C-D 39)

Atividade: Brincadeiras livres na quadra com o mini-grupo A-B.

Objetivo: Socializar com as outras crianças das outras salas.

Desenvolvimento da atividade:

As crianças na quadra todas juntas. No 1º momento damos água a eles, depois conversamos explicando que não devem brigar.

Observações:

As crianças brincaram bastante e quase não houve brigas. As crianças maiores ajudaram as menores, não deixando-as machucarem. Eles (mini-grupo C-D) já brincam com as crianças das outras salas. (MG C-D 46)

Apesar de consistirem de apenas 6% das menções nos registros do MG A-B, as atividades de desenho, ao lado da leitura de histórias e da roda de conversa, são algumas das que mais passam por transformações ao longo do período. A primeira menção ao desenho só é feita no registro MG A-B 36:

07/05/2007 - Segunda-feira – 17 crianças

1º dia → Combinar com o grupo a confecção do convite. (Desenharam com giz de cera a capinha do convite) (MG A-B 36)

As professoras comentam simplesmente que as crianças desenharam com giz de cera a capinha do convite que as mães receberão para a comemoração de seu dia no CEI. Nenhuma observação é feita sobre o desenho como linguagem, ou mesmo sobre que desenhos as crianças possam ter feito neste momento.

A segunda menção ao desenho das crianças surge um pouco adiante, desta vez revelando uma prática bastante comum nos grupos de crianças pequenas: o desenho após a escuta de uma história:

Depois dessas explicações levamos todos para o refeitório, nas mesinhas, e demos folhas para que eles desenhasssem sobre a história da múmia, eles adoram desenhar, depois recolhemos as folhas e ficamos aí mesmo para jantar, depois lavamos as mãos, trocamos e foram embora. (MG A-B 58)

O “desenho depois da história” está normalmente relacionado à necessidade que os professores têm de investigar o que a criança entendeu da história lida, representando o seu conteúdo. Porém, como observa Nalini (2005, p. 39), em geral os professores aceitam qualquer produção sem interessar-se sobre o que, por que e como as crianças desenharam. Nesse tipo de atividade, encontramos alguns paradoxos: há uma aparente valorização da capacidade da criança representar elementos da história lida, mas pouca ou nenhuma atenção à especificidade da linguagem do desenho. As crianças podem desenhar o que quiserem, do jeito que quiserem. Tampouco se respeita as possibilidades expressivas desta faixa etária já que, entre 2 e 3 anos, o desenho das crianças não necessariamente é figurativo.

É mais uma vez o planejamento ligado ao projeto *Meu Corpo* que trará, para as professoras e crianças do MG A-B, a oportunidade de viver o desenho de uma forma mais significativa:

[...] Sabendo disso que nós observamos é que cada um compreende sobre o seu corpo, então fizemos a seguinte atividade, pegamos papel pardo e canetão, pedimos que cada dupla ficassem juntos, pedimos que um de cada dupla deitasse no chão em cima do papel e o outro ia riscando em volta do seu corpo, nesta atividade, eles foram observando a diferença de cada um, altura, peso, mão, pé, pernas, cabeça, depois mostramos os papéis com os riscos feitos por eles do corpo eles deram risadas dizendo: — Olha que coisa engraçada, eu sou assim? — O Kleber é bem mais alto (falou Lucas). —

Nossa, a Rafaela é bem pequena (disse Ariane) e as comparações foram faladas por todos, alguns olhavam admirados, sem saber o que dizer, outros olhavam e apontavam para os amigos, olha eu sou assim, essa atividade despertou o interesse deles, que eles queriam desenhar mais, pediam até para pintar as roupas, os tênis, as calças, depois penduramos todos os desenhos na parede, e eles ficaram observando, muito curiosos. (MG A-B 72)

Embora ainda “atrelada” a uma atividade anterior, como se fosse um fecho ou conclusão, a atividade de desenho é relatada aqui como uma experiência de pesquisa das crianças. Embora a pertinência deste desafio seja questionável, já que o “desenho” em questão consistia em obedecer a uma consigna da professora - contornar o corpo de outra criança, deitada sobre um papel, no chão - há uma valorização das produções das crianças, já que, ao final da atividade, os contornos desenhados são expostos na parede.

Aproximadamente à época em que estes registros estavam sendo feitos, a formadora havia levado exemplos de desenhos de crianças de até 3 anos para serem analisados e discutidos no encontro mensal de formação. A análise de desenhos infantis a partir de uma perspectiva não figurativa foi um dos conteúdos do Projeto Capacitar.

É de grande importância para a ampliação do olhar das professoras sobre o desenho das crianças as idéias de Kellogg (1969), que compreende o desenho infantil como uma extensão do gesto, e não como representação. Kellogg propõe que a atividade de desenho das crianças seja encarada como uma pesquisa, sugerindo que o professor aprenda a perceber e valorizar formas de preenchimento dos espaços, a escolha das cores e principalmente os diferentes tipos de rabiscos que as crianças produzem ao desenhar, desviando o olhar do aspecto figurativo do desenho e encontrando nele outras características que não a representação.

As idéias de Kellogg provocam uma ressignificação da atividade do desenho no dia-a-dia. Se o mais importante no desenho da criança não é a representação, o professor passa a valorizar outros aspectos e organiza a atividade de desenho de outra forma. As professoras do MG A-B, porém, pretendiam que as crianças desenhasssem *partes de seu corpo*. O registro a seguir ilustra bem o dilema que as professoras vivem, ao pedir mais uma vez que as crianças contornem e representem seus corpos e revelando como encaram a improvisação de algumas crianças neste momento:

[...] A Mirella não quis deitar-se no chão, ficou chorando, o Erik levantou-se e pediu para desenhar, livre e sem modelo, e foi falando o que estava desenhando, a Ariane fez o contorno bem bonitinho, até completou, depois que o modelo levantou-se eu perguntei: — o que está faltando? Ela respondeu, desenhando, os olhos e a boca, os outros mais pequenos faziam espirais em volta dos modelos. O Samuel não quis contornar em volta, fez os desenhos livres; e outros, como o Kelvin, fez linhas circulares espalhadas; outros mais atrás faziam só rabiscos (linhas verticais e horizontais múltiplas) nesta atividade deu para observar e descrever detalhadamente o trabalho da criança pequena, e a sua evolução nos rabiscos iniciais. (MG A-B 77)

Nos registros do MG A-B, as menções ao desenho aparecem em 5% dos registros. Mais pragmáticas que as colegas do MG A-B, as professoras do MG C-D estabelecem objetivos para as atividades de desenho:

Atividade: Desenho livre

Objetivo: Oferecer condições à criança:

- Bons momentos para criar e usar a imaginação através do desenho;
- De ter oportunidade para escolher os materiais de sua preferência;
- para desenvolver no desenho através das histórias lidas. (MG C-D 44)

Como se vê, entre os objetivos surge claramente a crença de que o desenho pode se desenvolver por meio das histórias lidas, espontaneamente. Assim, as professoras tendem a valorizar as produções que correspondam mais imediatamente a essa crença:

Logo em seguida organizamos a sala com mesa e cadeiras, distribuímos folhas de sulfite e canetinhas coloridas e deixamos eles criarem à vontade. A maioria desenhou a bruxa, três o castelo, dois o fantasma e mais dois desenharam a mãe. Em seguida colocamos em exposição na lousa para eles observarem. A bruxa do 'Luís Felipe' ficou muito bonita e definida. (MG C-D 71)

Ao descrever como desenho uma atividade feita com tinta, as professoras também revelam que não vêem diferenças entre o desenho e a pintura. A valorização da capacidade de figurar continua evidente:

No primeiro momento a maioria escolheu o canto da tinta plástica, mas no decorrer da atividade passaram pelos dois cantos. As crianças já estão sabendo manusear o pincel durante a pintura, estão tendo coordenação ao espalhar a tinta; hoje não sujaram as mãos. Demonstraram gosto e interesse em fazer as atividades. Até as crianças mais novas não estão amassando a folha e esperam a tinta secar. A maioria disse que desenhou a Bruxa, somente 3 o fantasma. Luís Felipe, Fabrício e Mariah têm o desenho definido de uma figura humana. Luís Felipe por sua vez não quis pintar usando a tinta plástica na cor branca. As demais crianças aceitaram todas as cores. No fim da tarde colocamos os desenhos de todos em exposição na lousa. (MG C-D 62)

Os relatos do Mini-Grupo C-D sobre outras atividades de artes visuais revelam que a justificativa das professoras para oferecê-las não está na oportunidade para a pesquisa e expressão plástica das crianças, e sim no desenvolvimento de habilidades motoras que a atividade pode, a seu ver, proporcionar:

Atividade: Colagem de papel picado

Objetivo: Desenvolvimento da coordenação motora grossa.

Desenvolvimento da atividade:

Distribuímos uma folha e alguns papéis picados bem coloridos para cada criança, passamos cola e orientamos para todos colarem o papel, fazendo o que quisessem.

Observações:

As crianças gostaram e exploraram bem o papel, algumas disseram que estavam fazendo alguma coisa. Bruna e Guilherme disseram que estavam montando uma árvore, Marcos um carro, Alan o homem aranha, Luís Felipe

uma flor, Alexandre, Thalita, Wesley, a Bruxa. Os demais apenas colaram – exploraram as cores e o espaço. (MG C-D 13)

Entretanto, é também em função de um projeto – ou melhor, de uma sequência de leitura – que as professoras do MG C-D passam a planejar e oferecer uma situação onde as atividades plásticas surgem como mais significativas tanto para si, quanto para as crianças: as oficinas de criação. Embora consistam de apenas 4% dos registros, as oficinas de criação são relatadas com grande entusiasmo. Integram mais de uma possibilidade de pesquisa e expressão plástica: desenho, recorte, pintura, colagem, costura. As crianças e os adultos trabalham juntos, pois, para realizar as propostas da oficina, muitas vezes as crianças requerem a ajuda das professoras.

As oficinas de criação acabam por influenciar também a organização do ambiente e dos materiais, o que faz com que as professoras abandonem, pelo menos nestas ocasiões, a postura de que as crianças devem fazer sozinhas uma única atividade recomendada, que é apenas supervisionada pelos adultos. Entretanto, as oficinas de criação são encaradas como atividades ocasionais, quase que “extra-curriculares”. Sua condução e espírito, que poderiam ser a tônica do dia-a-dia do Mini-Grupo, são reservados apenas para poucas ocasiões.

[...] Enquanto confeccionávamos as fantasias das crianças que ainda não tinham, as outras liam no canto dos livros e brincavam com os carrinhos. *O Kaique quis a fantasia das tartarugas ninja, depois mudou a opinião, quis a dos monstros. *Vitória Rafaelle quis o TNT cor de rosa para fazer a fantasia da bruxa.

* O Fabrício estava muito prestativo, ajudou a professora D segurar o TNT para ela cortar. * Enquanto as outras crianças foram brincar na área externa, o Allan fez questão de ficar para ajudar a arrumar a sala. (MG C-D 61)

São poucas as menções ao jogo simbólico nos registros das professoras. No MG A-B, a casinha é mencionada em 2% dos registros, e, no MG C-D, em apenas 1% deles. Alguma menção ao faz-de-conta surge quando as professoras organizam alguma proposta de jogo nos cantos de atividades diversificadas. Os cantos de atividades são mencionados em 11% dos registros do MG A-B e em 35% dos registros do MG C-D. Neste caso, porém, as professoras

do MG C-D apenas citam as propostas que planejaram para os cantos, sem observar ou comentar aspectos como as relações que as crianças estabelecem entre si, os papéis que elas assumem no jogo simbólico, os enredos que criam com seus possíveis conflitos e resoluções.

Finalmente, é interessante comentar brevemente a presença do teatro no cotidiano dos Mini-Grupos. Nas ocasiões especiais relatadas em 6% dos registros das professoras do MG A-B e em 5% dos registros das professoras do MG C-D (festas de aniversário ou encerramentos de projetos), há sempre lugar para a representação de personagens, na maioria das vezes pelos adultos - como já visto anteriormente, as professoras apreciam muito fantasiar-se, disfarçar-se e maquiar-se para divertir as crianças. As crianças também são estimuladas a fantasiar-se ou maquiar-se, mas mais uma vez a ênfase nesta experiência parece estar muito mais ligada à idéia da representação de personagens como medida profilática, para que o medo de alguns personagens diminua. Apenas uma vez, nos registros das professoras do MG C-D, é relatada uma ocasião em que agentes de saúde organizam uma apresentação para as crianças do CEI:

Atividade: Teatro sobre a dengue

Objetivo: Oferecer à criança informação

Desenvolvimento da atividade:

Hoje tivemos a visita de 3 agentes de saúde que fizeram um teatro para as crianças no refeitório, onde todas as crianças se encontravam sentados em suas cadeiras. Terminando, a Aninha e a Rita aproveitaram o momento e apresentaram um teatro para as crianças, que foi improvisado no momento (nada combinado e ensaiado!). Todas as crianças gostaram e ficaram atentas, demonstrando interesse.

Observações:

Estava uma tarde fria, o momento foi propício para um teatro. Todos participaram do momento, teve algumas crianças que ficaram com medo, pois as agentes da saúde estavam com o rosto pintado representando palhaços, fora isso tudo correu bem. Passamos uma tarde diferente e todos gostaram. (MG C-D 38)

O teatro, tal como as histórias, deve “ensinar” algo – esta é a crença das professoras, e é sob esses termos que ele acontece no CEI. Às crianças é reservado o papel de espectadoras, e espera-se que as informações oferecidas pelo teatro sejam por elas compreendidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE NOS DIZEM OS REGISTROS

A análise preliminar dos dados pode nos ajudar a estabelecer relações com as questões levantadas no início deste trabalho. O que nos revelam os registros das professoras com relação ao currículo que está realmente em ação no cotidiano dos Mini-Grupos? E com relação à definição de seu papel de professoras desta faixa etária? E, por fim, o que revelam os registros com relação às implicações da formação continuada em seu desenvolvimento profissional?

Em primeiro lugar, é importante considerar que estas professoras não se recusaram a escrever e envolveram-se na tarefa de registrar. Escrevem, e escrevem muito. Seus registros, como vimos, passam por transformações durante o período pesquisado, tornando-se mais extensos e detalhados.

- Quanto ao currículo em ação: experiências reais que são vividas pelas crianças em seu dia-a-dia na instituição de Educação Infantil

As planilhas que mapeiam as atividades mais frequentes no dia-a-dia do Mini-Grupo (Anexos 4 e 5) tornam bem visível a sua ocorrência. A distribuição mais ou menos regular das atividades no período nos leva a pensar que a tarde do Mini-Grupo segue uma rotina básica, assim organizada:

- Atividades de cuidado: despertar, alimentação e higiene - História - Atividade na sala de convivência - Atividade na área externa - Cuidado e alimentação - Saída

Os registros nos dão indícios de alguns pontos de referência sobre os quais o arranjo dessas situações de aprendizagem é baseado. A maioria das atividades é realizada coletivamente, ou seja, a mesma proposta é oferecida para todas as crianças, ao mesmo tempo. Mesmo os momentos de cuidado físico são coletivos. Realizados com todo o grupo ao mesmo tempo, eles sugerem que as crianças passam um bom tempo esperando, pois enquanto algumas são atendidas, as outras aguardam. Somente depois de todas terem ido ao banheiro,

feito a higiene e se alimentado, chega o momento de outra atividade começar. Essas práticas estão ligadas aos modelos de atendimento individual de crianças que, paradoxalmente, terminam por acarretar a coletivização das atividades na prática.

A proposta de organizar cantos de atividades diversificadas, trabalhada pelo Projeto em 2006 e em 2007, trouxe alguma possibilidade de romper com esse modelo. Entretanto, no início, as professoras chegaram a manifestar sua dúvida e insegurança com relação a tal proposta, tanto no que dizia respeito à sua possibilidade de abalar a manutenção da ordem e disciplina na sala, quanto ao fato de que as crianças teriam oportunidades diferentes umas das outras de aproveitar as propostas - já que decidir o que fazer, onde ir e quanto tempo ficar em cada canto passava a ser escolha delas. Embora essas dúvidas não tenham sido registradas pelas professoras em seus diários, a ênfase nas atividades coletivas e a crença de que todas as crianças devem ter chances iguais de fazer o que a professora decide parecem encontrar explicação também nos modelos assistenciais de atendimento em creches. “Todo mundo tem que passar por tudo” e, acrescentemos, “passar por tudo juntos”, o que evitaria desigualdades e frustrações. Isso parece justificar também o porquê fantasiar todas as crianças, fazê-las interpretar os personagens das histórias uma de cada vez ou ter direito de falar uma única vez na roda de conversa, enquanto as outras esperam.

Mesmo assim, é inegável que o trabalho com as sequências de leitura trouxe um diferencial à rotina das crianças do Mini-Grupo. As crianças passaram a escutar histórias *lidas* todos os dias e o repertório de enredos, imagens e personagens passa a fazer parte do cotidiano dos dois agrupamentos. Vemos, portanto, um currículo em ação em que, ao final do Projeto, as crianças tinham contato com a Literatura como atividade permanente, ou seja, presente todos os dias, e tornavam-se a cada dia mais competentes como ouvintes de histórias, e aprendiam que os livros eram portadores de texto, manuseando-os diariamente.

- Quanto à definição do papel próprio pelas professoras

Os dados apreendidos dos registros podem também revelar algo sobre quais representações as professoras dos Mini-Grupos possuem sobre seu próprio papel. Talvez porque em cada um dos Mini-Grupos uma delas era também professora de crianças de 7 a 10 anos no período da manhã (professoras A e C), e de serem elas as responsáveis mais usuais pela escrita dos registros, suas formas de planejar e registrar, bem como suas maneiras de organizar os ambientes e de dirigir-se às crianças, revelam que elas tomam emprestado muitas

de suas formas de agir do ensino fundamental, apresentando uma postura que poderíamos chamar de tradicional. As preleções, as lições de moral, as conversas sobre coisas importantes para o grupo, como bons hábitos e exortações para que não briguem, são muito frequentes em sua relação com as crianças. Também é freqüente a idéia de que uma sequência de leitura sobre determinado tema vá ajudar as crianças a desenvolverem um novo comportamento, como perder o medo. Novamente, vêem-se como alguém que sabe o que as crianças precisam saber, e cuja tarefa é transmitir informações às crianças.

Aqui se coloca uma questão muito interessante para nós formadores: se esta representação do papel de professor ainda subsiste tão fortemente para as professoras de crianças de 0 a 3 anos, o enfrentamento de questões específicas da faixa etária deve gerar uma grande frustração, já que as formas de agir e pensar das crianças pequenas não correspondem àquilo que as professoras esperam delas. Assim, as professoras revelam sua ausência de conhecimentos sobre a natureza do papel de professor de crianças pequenas, desconhecendo a profundidade de fazeres e saberes que no cotidiano de um Mini-Grupo não são fortuitos, mas fundamentais.

Competências como prestar atenção e valorizar as formas das crianças cuidarem de si mesmas, incentivar a socialização, entender e não apenas evitar os conflitos entre as crianças, atuar no desenvolvimento da linguagem oral em situações significativas, bem como da aproximação das crianças com outras linguagens da cultura, consiste no próprio cerne do trabalho com as crianças pequenas, não se constituindo em tarefas “extras”, a serem feitas se houver tempo para tal.

É verdade, porém, que os registros revelam uma transformação. Em vários momentos, as professoras parecem surpresas com o que vêem nas crianças e parecem felizes com isso. Para nós formadores isso aponta para a necessidade de problematizar esta surpresa e alegria, discutindo com as professoras que é preciso muito mais considerar as crianças a partir do ponto de vista delas e não do ponto de vista do adulto.

- Quanto à própria organização dos registros – os registros como instrumentos reais da transformação da prática das professoras.

Esse trabalho não investigou, como fez Zabalza, as formas específicas (as idiossincrasias) de escrita de cada professora, embora estas características sejam importantes, ao fim e ao cabo, para a estruturação do trabalho de coordenação ou supervisão, que se apóia nas

informações dos registros. Nossa intenção foi investigar em que medida os diários podem realmente ser instrumentos estruturantes do trabalho que desenvolvem com as crianças.

Desde o início da sistemática de reuniões com a formadora, as professoras se dispuseram a fazer os registros, compreendendo que suas observações eram o substrato do trabalho de formação: as idéias e práticas expressas nos registros eram discutidas e problematizadas no encontro coletivo.

De modo geral, as professoras não escreveram ou apresentaram nos registros dúvidas sobre o trabalho que realizavam com as crianças. A tarefa da escrita dos registros não é por si só, suficiente para que ele se constitua num instrumento reflexivo. Seu olhar ainda não está dirigido para os modos de relação, conquistas e aprendizagens das crianças. O foco de seus registros está em seus próprios modos de pensar e fazer. Todavia, as condições em que as professoras produziram seus registros, conforme vimos anteriormente, devem ter influenciado a maneira como elas se relacionam com eles: talvez eles não sejam feitos *para elas*, mas *para a formadora*. Cabe à *formadora* depreender informações, interpretando os diários. Nesse sentido, as professoras ainda não podem beneficiar-se daquilo que Zabalza (1994, p.194) afirma que seja uma das principais características do diário: a possibilidade de penetrar na perspectiva ‘particular’ dos professores, de extrair a “alma” do pensamento deles sobre suas aulas.

A escrita dos diários, o planejamento de atividades e a reflexão sobre elas estavam diretamente relacionados aos conteúdos priorizados pelo Projeto e trabalhados nos encontros de formação. Isso explica, portanto, a predominância dos comentários sobre as atividades de leitura de histórias, de organização da roda de histórias, e da “prestação de contas” sobre as competências de escuta de histórias pelas crianças. São estes os conteúdos que mais se evidenciam nas observações das professoras, como se realmente estivessem aumentados por uma espécie de “lupa” diante de seu olhar, merecedores de mais atenção. É a partir desses conteúdos “iluminados” pela formação que é possível também fazer aproximações com outros campos de experiência importantes para o Mini-Grupo. As contextualizações proporcionadas pela formadora ampliaram o olhar das professoras, em princípio circunscrito aos conteúdos para os quais estão sendo mais instrumentalizadas a trabalhar com as crianças.

A questão que se coloca aqui é trabalhar com registros de professoras de Mini-Grupo, que trabalham com crianças de 2 a 3 anos, considerando seu percurso profissional. Lidamos com profissionais que já atuavam diante desta faixa etária antes de se formarem pedagogas. É

importante lembrar que a situação delas é diferente da situação dos professores cujos diários foram analisados por Alarcão (1996), que trabalhou com estudantes que iniciavam a docência, e por Zabalza (1994), que orientou docentes que haviam concluído sua formação inicial havia pouco tempo e que, além de tudo, não atuavam frente a grupos de crianças tão pequenas. Também se diferencia dos contextos de formação continuada e produção de registros em instituições particulares de Educação infantil (LOPES, 2005 E PROENÇA, 2007), nas quais os professores contavam com o acompanhamento permanente de um coordenador pedagógico consciente de sua função formadora.

E interessante perceber como, participantes de um projeto de formação continuada, as professoras passam a utilizar o instrumental que o programa oferece. Conforme observa Nóvoa (2000, p. 17) os professores são um grupo particularmente sensível àquilo que chama de *efeito da moda*, ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, sofrem em suas práticas de um *efeito de rigidez* que os torna profundamente indisponíveis para a mudança. Estariam, portanto, encarando os conteúdos da formação como “modismos”?

Para nós formadores, mais importante que a modificação de seu desempenho em algum momento da formação, seria saber se os professores perceberam o modelo proposto pela formação. Na verdade, as professoras são receptivas às práticas, mas as executam a partir de velhos modelos.

6 CONCLUSÕES

TRANSFORMAR A FORMAÇÃO, OU A FORMAÇÃO QUE SE TRANSFORMA

Nós formadores assumimos projetos de formação continuada com a convicção de que práticas docentes poderão ser mudadas e que conseguiremos mediar as aprendizagens dos professores na busca de serem mais sensíveis e reflexivos a respeito de seus modos de fazer educação infantil.

A oportunidade de acompanhar de perto estas quatro professoras nos fez pensar o quanto a educação infantil ainda é uma área frágil, ainda sem uma cultura própria, e o quanto as competências específicas que habilitem professores de crianças de 0 a 3 anos estão ainda em construção. Nesse campo é particularmente desafiador elaborar estratégias e metodologias que sejam provocadoras de reflexão e mudanças voltadas para as novas concepções e modelos de educação infantil.

A formação consiste numa situação privilegiada, na qual, ao mesmo tempo em que atuam, os professores podem ser incentivados a pesquisar, com o auxílio de um parceiro mais experiente que, por sua vez, ajude a trazer à tona seus dilemas. Como os projetos de formação realizados por instâncias que estão fora da estrutura da Secretaria de Educação, e mesmo os por esta conduzidos, têm um tempo limitado e se acabam, cabe ao coordenador pedagógico de cada CEI, EMEI ou instituição de educação infantil particular, ou pública, fazer a leitura dos cadernos de registros dos professores sobre sua prática.

O *dinamo escrita de registros-leitura pela formadora-devolutivas* vivido no Projeto oferece um modelo de trabalho para os CPs que estão nas creches e CEIs, diariamente acompanhando o trabalho dos professores. A escrita dos registros pode se tornar um instrumento de reflexão e transformação das práticas de educação infantil das professoras de crianças de 0 a 3 anos, dentro do contexto de um projeto de formação continuada, projeto que todo CP deve se responsabilizar por coordenar. Para tanto é preciso que esse profissional faça um trabalho eficiente de transformar os registros escritos em instrumentos, desenvolvendo formas reais de interagir com eles, sem satisfazer-se com o simples fato das professoras estarem registrando. Os cadernos de registros podem ser por ele lidos à medida que os registros vão sendo produzidos. Com isso, a leitura e as devolutivas aos diários possuem, portanto, um caráter de atualidade, de uma situação vivida no presente. Isso transforma o objetivo da leitura e da devolutiva, por estar dentro de um contexto de formação continuada

de professores, em movimento para refletir e transformar práticas que estejam acontecendo naquele período nos grupos de crianças.

A leitura feita pelo CP precisa ser a de um pesquisador. Seu olhar precisa estar apurado e desenvolvido para que o registro seja realmente utilizado como um instrumento de formação, e a consequente especialização de professores desta faixa etária. É evidente que para isso, o CP também deve ser sujeito de processos de formação continuada, e ser ajudado nessa tarefa, o que abre demandas importantes para as políticas educacionais comprometidas com uma Educação Infantil de qualidade no país. É isso o que tem me estimulado a também escrever sobre minha própria prática.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. (org.) **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto, 1996, 189 p.

ANJOS, A.M.; AMORIM, K.S.; FRANCHI-VASCONCELOS, C.R. e ROSSETTI-FERREIRA, M.C. Estudo de processos interativos de bebês. **Estudos de Psicologia**, Natal, vol. 9, nº 3, p.513-522, 2004.

BANDIOLI, A.; MANTOVANI, S (orgs.). **Manual de Educação Infantil de 0 a 3anos**: uma abordagem reflexiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMAIONI, L. **L'interazione tra bambini**. Roma: Editora Armando, 1980.

CAMPOS, M.M.; ROSEMBERG, F.(orgs.) **Creches e pré-escolas no Hemisfério Norte**. São Paulo: Cortez/FCC, 1994.

CAPESTRANI, R.M. **De auxiliar de educação infantil a professor de desenvolvimento infantil: mudanças subjetivas mediadas pela participação no programa de formação ADI-Magistério**. 2007. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

CARVALHO, A.M.A.; PEDROSA, M.I. Cultura no grupo de brinquedo. **Estudos de Psicologia**, Natal, vol. 7, nº 1, p. 181-188, 2002.

GIACOPINI, B. E. **Documentação Pedagógica: do Projeto Educativo ao cotidiano das creches e escolas de educação infantil de Reggio Emilia**. São Paulo: Centro de Estudos Castanheiras, 2008. 86 p.

HADDAD, L.; OLIVEIRA, Z.M.R. Curriculum for Early Childhood Education in Brazil. In Rebecca S. New e Moncrief Cochran (Eds.) **Early Childhood Education: an international encyclopedia**. V.4, p. 947-952, 2006.

HEVESI, K. A participação da criança no cuidado de seu corpo. In: FALK, J. (org.) **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara: JM, 2004. p. 79-88.

KELLOG, R. **Analyzing Children's Art**. Palo Alto CA: National Press Books, 1969. 308 p.

LOPES, A.C.T. **Registro de práticas: formação, memória e autoria – análise de registros no âmbito da Educação Infantil**. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MAZZILLO, T. M. O diário do professor-aluno: um instrumento para a avaliação do agir. In: A.R.MACHADO (Org.) **O ensino como trabalho – uma abordagem discursiva**. Londrina: Eduel, 2004. p. 297 – 325.

NALINI, D. O que fazer após ler uma história para as crianças. **Revista Avisalá**, São Paulo, v. 22, p. 38-41, abr. 2005.

NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. **Lev Vygotsky: cientista revolucionário**. São Paulo: Loyola, 2002.

NÓVOA, A. (org.) **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 2000. 215 p.

OLIVEIRA –FORMOSINHO; AZEVEDO, A. O Projeto dos Claustros no Colégio Pedro V: uma pesquisa cooperada sobre o processo de construção da qualidade. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M. (orgs.) **Formação em Contexto: uma estratégia de integração**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. 231 p.

OLIVEIRA, Z.M.R. A creche no Brasil: mapeamento de uma trajetória. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 14, p. 43-53, 1988A.

_____, Z.M.R. **Jogo de papéis: uma perspectiva para análise do desenvolvimento humano**. 1998B. Tese (Doutoramento em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988B.

_____, Z. M. R.; BAZZONI, C.; CARVALHO, D.L.; MARINO, D.; NARCISO JR., J.; MELLO, A.M.; AUGUSTO, S; CARDOSO, F.M.; OLIVEIRA, J.M.M.R.; VITORIA, T. Desafios no planejamento curricular de programa de formação pedagógica de educadores de creches em curso normal de nível médio. **Contrapontos**, Itajaí, v.4, nº1, p. 43-56, 2004.

_____, Z.M.R.; SILVA, A.P.S.; AUGUSTO, S.O.; CARDOSO, F.M. A construção da identidade docente: relatos de educadores de centros de educação infantil concluintes de curso normal em nível médio. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.129, p. 547-571, 2006.

_____, Z. M. R. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2001.

PEDROSA, M.I.P.C. **Interação criança-criança: um lugar de construção do sujeito**. 1989. Tese (Doutoramento em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

PROENÇA, M.A.R. **O registro reflexivo na formação contínua dos educadores**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2003, 219 p.

RAYNA, S.; LAEVERS, F; DELEAU, M. **L'Éducation Préscolaire: quels objectifs pédagogiques?** Paris: INRP/Nathan Pédagogique, 1996.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; SECAF, R.; RUBIANO, M. R.; OLIVEIRA, Z.M.R. Day care as substitute mother care or as a diverse socialization context? **Cahiers de Psychologie Cognitive**, v. 5 nº3/4 p. 282, 1985.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K.S.; VITÓRIA, T. A creche enquanto contexto possível de desenvolvimento da criança pequena. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, IV (2), p.35-44, 1994.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas - Educação Infantil**. São Paulo, SP, 2007. 149 p.

SCARPA, Regina. **Era assim, agora não: uma proposta de formação de professores leigos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 129 p.

SILVEIRA, R.E.S.; PICOLO, T.; DELPHINO, V.R..P; FARIA, L.M.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Oportunidades de contacto entre o adulto e a criança em creche. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Ribeirão Preto, v. 158, nº4, p.130-163, jan/abr1987.

SOARES, A.P.; ROSSETTI-FERREIRA, M.C. Novos ares para a Educação Infantil. In: M.C.ROSSETTI-FERREIRA e cols. (orgs.) **Os Fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez,1998. p.179-182.

TONUCCI, F. A verdadeira democracia começa aos três anos. **Revista Pátio Educação Infantil**, São Paulo, III, v. 8, p.16-20, jul/out 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2001. 496 p.

_____, **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 135 p.

WALLON, H.**As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.278 p.

WEFFORT, M. F. **Observação, Registro, Reflexão: instrumentos metodológicos I**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995. 64 p. (Série Seminários, 1).

ZABALZA, M.A. **Diários de aula: contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores**. Porto: Porto Editora, 1994. 207 p.

ANEXO A

REGISTROS MINI-GRUPO A-B

1 - 09/03/07 - 12 crianças - Sexta-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossa atividade, logo após o café da tarde, cantamos na sala e fizemos uma roda de conversa sobre as histórias que eu estou contando todos os dias para eles, se eles estão gostando. O Kleber disse que adora, a Júlia gostou da do Pinóquio, até cantou um pedaço da música, o Richard pediu para contar outra. Fomos lá fora, então contei a do Chapeuzinho Vermelho; todos gostaram do lobo mau, não tiveram medo. Depois brincamos um pouco no parque, que fica atrás do refeitório, fizemos a higiene pessoal e fomos jantar, após o jantar, lavamos as mãos, levamos ao banheiro, enquanto estávamos fazendo a troca de roupas, eles assistiram desenho na televisão pequena que eu trouxe de casa, eles gostam muito. E foram embora p/ suas casas.

Obs.: O Igor correu na sala, caiu e bateu a cabeça, falamos com sua mãe e colocamos gelo, ele passou bem, até o final da tarde.

2 - 12/03/07 - 19 crianças - Segunda-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, colocamos o DVD do Chapeuzinho Vermelho, eles adoraram, depois fizemos uma roda de conversa sobre as historinhas, cantamos as músicas, e observando o questionamento que cada criança apresentava, observamos também, quais os personagens que eles mais gostaram (sempre falando do Lobo Mau). Depois fizemos a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar, quando íamos trocando, coloquei o DVD (Patati Patatá na Cidade dos Sonhos) eles adoraram. Depois foram todos embora.

Obs.: O Erik Martins foi embora mais cedo, pois estava com dor de ouvido e febre.

3 - 13/03/07 - 18 crianças - Terça-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, fizemos uma roda de conversa, com tema: música, quais as músicas que eles mais gostavam, depois coloquei alguns CDs, com músicas infantis: Coleção Cirandinhas. Eles adoraram, com gestos eles iam acompanhando os sons e os ritmos das músicas, começou a chover e eles nem perceberam os raios que caíam lá fora, tão distraídos acompanhando as músicas, o Jorge bateu palmas com ritmo, a Júlia sabia cantar a maioria delas, o Lucas que é bem tímido começou também a acompanhar, uma graça, adorei! Foi uma dinâmica muito apreciada por todos, depois fomos um pouco brincar com os brinquedos da sala, e continuamos cantando e brincando, depois fizemos a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

4 - 14/03/2007 - 18 crianças - Quarta-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, fizemos uma roda de conversa, todos sentados no chão, contamos a história da Cinderela, depois de contar a história, íamos falando o nome de cada criança, falando e eles repetindo que eles eram príncipe e princesa e as professoras rainhas, eles adoraram ser chamados de princesa e príncipe depois passamos um brinquedo para cada um, e eles iam falando o seu nome. Depois fomos brincar um pouco na quadra, após a entrada, fizemos a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar, trocamos todos e foram embora.

5 - 15/03/07 - 20 crianças - Quinta-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, aproveitamos a data do Dia do Circo, e retomamos a história do Pinóquio, ele foi vendido para um circo, então falamos sobre

o dia do Circo, cantamos a música O Circo (Xuxa), colocamos o nariz de palhaço nas crianças, eles adoraram, falamos da importância do sorriso, da alegria, depois levamos para eles brincarem no parquinho, voltamos para a sala, fizemos a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar, trocamos todos e foram embora com o nariz, as mães adoraram.

6 - 16/03/07 - 20 crianças - Sexta-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, assistimos o filme da (Xuxa) O Circo da XUXA, continuando o tema: circo, fizemos uma roda de conversa, sobre o tema circo, se eles já foram assistir o circo de verdade, no final da tarde, fomos ao encontro Pedagógico com supervisão da Paula, e mais alguns visitantes (2 supervisoras), depois fomos jantar, após o jantar fizemos a higiene pessoal, e trocamos todos, foram embora.

7 - 19/03/07 - 19 crianças - Segunda-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, fizemos vários sofás (com colchonetes) depois contamos a história do livro: FELIZ HORA DE DORMIR, Editora: Brinque-Book, escrito por Beth Harwood, eles adoraram, aproveitamos para falar sobre a importância da higiene pessoal, depois contamos a do URSINHO APAVORADO, assim que comecei a virar a página, a Júlia Luisa, começou a chorar, com medo dos bichos, o Jorge ficou apavorado com uma expressão de terror, o Kleber deu muitas risadas, não teve medo, alguns nem se mexeram do lugar, sem saber o que fazer, olhavam para o livro, calados e depois que chegou ao final da história, que o ursinho foi dormir com os pais, eles ficaram contentes e até bateram palmas. Fizemos a higiene pessoal, e foram jantar, após o jantar, trocamos todos, e foram embora.

8 - 20/03/07 - 20 crianças - Terça-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, nós lemos a história Aquarela (Vinícius de Moraes e Toquinho) da Coleção Mundo da Criança, eles estão gostando, sempre pedem mais, após a leitura, cantamos a música Aquarela, depois fomos brincar um pouco na quadra, voltamos para jantar, após o jantar, fizemos a higiene pessoal e trocamos todos, antes dos pais vierem buscá-los, cantamos várias músicas de roda, eles gostam muito, pedem até para repetir algumas músicas. E depois foram embora.

9 - 21/03/07 - 21 crianças - Quarta-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades logo após o café da tarde, viemos para a sala fizemos uma roda de leitura, lemos a história: Os Monstros, Editora Brasileira, texto: Imelda Huschen, eles adoraram que o mesmo Renatinho, descobriu dentro do seu armário, vários monstros, a cada página que ia mostrando, eles ficavam maravilhados, os olhos bem arregalados uma expressão de terror, depois fui lendo, e a expressão foi mudando, pois o menino ficou amigo dos monstrinhos, viver esse momento maravilhoso no mundo das histórias, com as crianças é muito prazeroso, as carinhas e os gestos, que eles fazem é muito, divertido, nesta hora, que a gente percebe, como é importante a leitura para eles, percebi que o interesse, foi aumentando a cada dia, eles pediram para que eu lesse mais uma história, aí comentei que no dia seguinte ia ler a história de uma bruxa muito boazinha, o nome é A Bruxa Vassorilda, bateram palmas, e ficaram felizes, depois fomos jantar, após o jantar fizemos a higiene pessoal, e trocamos todos, para irem embora, enquanto eles esperaram os pais, cantamos algumas musiquinhas para passar o tempo, eles adoram, pedem para cantar de novo, algumas que eles mais gostam.

Sem nenhuma ocorrência.

10 - 22/03/07 - 20 crianças - Quinta-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades logo após o café da tarde, lemos a história: A Bruxa Vassorilda. Eles ficaram admirados pela beleza do livro, íamos lendo e virando as páginas, elas tinham alto-relevo, sobressaíam do livro, e ficaram sabendo que também existem Bruxas boas. Gostaram muito e no final da atividade de leitura a Professora B colocou uma máscara de Bruxa e uma roupa preta de saco de lixo. Alguns correram assustados, ou começaram a chorar, outros dançavam com a Bruxa, foi uma atividade muito produtiva, pois logo após a dança ela tirou a máscara e eles viram que era uma bruxa boazinha. Queriam mais, todos queriam colocar a máscara, até os que estavam com medo colocaram a máscara e começaram a dançar. Depois fomos à quadra mostrar a Bruxa para as outras crianças. Depois fizemos a higiene pessoal e fomos jantar. Após o jantar trocamos todos e foram embora.

23/03/07 - Sexta-feira - Reunião Pedagógica – Período: Manhã

11 - 26/03/07 - 20 crianças - Segunda-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, lemos a história (.....). Eles adoraram, pois nesta história tinha muitos animais. Cantamos algumas músicas, fazendo os gestos dos animais, depois fomos brincar na quadra, após a quadra fizemos a higiene pessoal e fomos jantar, voltamos para a sala, trocamos todos, na espera dos pais, cantamos novamente música do tema: animais.

12 - 27/03/07 - 20 alunos - Terça-feira - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades logo após o café da tarde. Lemos a história da Galinha Ruiva, conto popular inglês da coleção Mundo da Criança. O conto a Galinha Ruiva foi escrito para nos lembrar que não devemos ser preguiçosos nem interesseiros. Ajudar alguém sem pedir nada em troca é uma coisa boa. Após a leitura do livro, passamos em mãos, para cada criança poder manusear a cada página lida e também ver as figuras dos personagens como: a galinha, o pato, o gato e o cachorro. Aproveitamos também para falar sobre os animais e suas utilidades e os cuidados que devemos ter com todos. As crianças adoraram. Depois colocamos vários livros no chão e eles foram pegando cada um o seu, que mais despertasse o interesse. Uns viravam para o amiguinho e mostravam os animais que tinham no seu livro, e outros ficavam procurando uma galinha, igual ao livro lido. A experiência foi gratificante, percebemos que houve um grande interesse pelos livros, teve um bom progresso, ninguém rasgou nenhum livro, ficamos muito contentes. Após essa atividade fomos jantar, após o jantar fizemos a higiene pessoal e trocamos todos, na espera dos pais, cantamos várias músicas: da galinha, do cachorro, do gato e do pato. Obs. O (.....) bateu a cabeça na parede, prestamos os primeiros socorros (colocar gelo e pomada) e comunicamos aos pais.

13 - 20/03/07 - 21 crianças - Quarta-feira - Período: Tarde

Como diariamente despertamos todos para tomar café. Alguns já sabem colocar os sapatos sozinhos, outros ainda precisam de auxílio da professora, em seguida fomos tomar o café da tarde, levamos todos ao banheiro e depois fizemos a roda da história. Hoje o livro é A Bicicleta, da Coleção O mundo da criança, de Toquinho e Mutinho, Companhia Editora Nacional. Fizemos uma roda de leitura, colocamos um pano no chão, espalhamos vários livros, e depois falamos para cada criança pegar o livro que mais gostou. Todos pegaram rapidinho, só a Júlia que queria o mesmo livro que a Sara, mas depois mostramos outros e ela quis trocar. Eles viravam a página, alguns olhavam o livro de ponta cabeça, sem noção de leitura, mas com a ajuda da professora foram virando os livros e começaram a folhear com muito interesse, principalmente os mais coloridos. Às vezes faziam algumas trocas. Essa atividade foi bem prazerosa, pois a cada folha virada saíam vários comentários, tipo: — Olha

que livro grande! — Esse menino é feio! — Olha, um bicho feio! — Olha essa menina! — No meu livro também tem cachorro! — Olha o patinho! — Olha o jacaré! E assim por diante, até pegarem vários livros, com o olhar de admiração. De vez em quando saiu até uma risada. Depois peguei a máquina fotográfica e pedi para eles olharem para mim. Cada foto que tirava e acendia o flash eles batiam palmas, e pediam para tirar mais fotos. A tarde foi muito legal, percebi que eles ficaram eufóricos querendo mais. Fomos recolhendo os livros e dizendo para eles que no outro dia continuaremos a ler mais livros e deixaremos eles pegarem novamente. Depois fomos lavar as mãos, ir ao banheiro e depois jantar. Após o jantar fizemos a higiene pessoal, e trocamos todos para irem embora. Obs.: O Guilherme bateu a cabeça dando uma trombada com o amigo. Fizemos o socorro corriqueiro, e ele está bem. Comunicamos aos seus pais.

14 - 29/03/07 - Quinta-feira - 21 crianças - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades. Despertamos todos, com a ajuda da professora colocaram os sapatos e depois fomos todos ao banheiro, para depois tomarem o café da tarde. Após o café da tarde fizemos os cantinhos (cozinha, monta-tudo, bichinhos e carrinhos). Na cozinha estendemos um lenço, como se fosse um telhado. As meninas adoraram, ficaram brincando embaixo todas contentes, uma graça. Depois levamos ao banheiro e fomos jantar. Após o jantar fizemos a higiene pessoal e foram embora. Na espera dos pais cantamos algumas músicas de roda.

15 - 30/03/07 - Sexta-feira - Período: tarde - 20 crianças

Iniciamos nossas atividades, despertando todos, colocando os sapatos, levando ao banheiro. Alguns já conseguem fazer sozinhos, outros ainda precisam de um tratamento especial com a ajuda do professor. Depois fomos tomar café da tarde. Distribuímos revistas para cada um procurar: ovos de Páscoa, coelhos... depois pedimos para que eles mostrassem para os amigos o que eles encontraram. Depois cantamos várias músicas do coelhinho. Depois fizemos a higiene pessoal e foram jantar. Após o jantar, espalhamos os brinquedos, enquanto fazíamos a troca eles iam brincando livremente. Depois foram embora.

16 - 02/04/07 - Segunda-feira - 21 crianças - Período: Tarde

Após o despertar levamos todos ao banheiro, depois fomos tomar o café. Após o café, fizemos cantinho lá no parque, deixamos eles brincarem livremente, uns brincaram no parque, no escorregador; outros, sentados nos colchonetes, com os brinquedos; outros brincaram de bola. Depois fizemos uma roda cantada, lavamos as mãos, tomaram água, e foram jantar. Após o jantar, trocamos todos. Enquanto esperaram os pais, cantamos as músicas comemorativas da Páscoa. Depois foram embora para casa.

17 - 03/04/07 Terça-feira - Período: Tarde - 21 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, fizemos a roda de história, contamos (lemos) a história: Os Três Carneirinhos, um conto popular norueguês, da coleção O Mundo da Criança, História do Mundo. O conto “Os Três Carneirinhos” nos lembra que ser inteligente é muito mais importante do que ser forte. E que conversar é sempre o melhor caminho para resolver as coisas. Depois da leitura deixamos todos olharem os livros ia passando de mão em mão, depois a Professora B pegou uma viola e começou a tocar e cantar várias músicas do repertório do Paulo⁸. Ela falou que era “a Paula”. As crianças adoraram,

⁸ Nessa época, a SME disponibilizava profissionais que se responsabilizavam por oficinas de linguagens específicas. Os CEIs e EMELs podiam escolher e solicitar “oficineiros” de acordo com as linguagens de sua necessidade ou preferência. O CEI Danielle Monteiro havia escolhido Música, e, uma vez por semana, o Prof.

deram muitas risadas, e cantaram juntos. Depois fomos brincar um pouco na quadra, e depois lavamos as mãos, levamos no banheiro, foram jantar, após o jantar cantamos várias músicas sobre a Páscoa e trocamos todos, depois foram embora.

18 - 04/04/07 Quarta-feira - 22 crianças - Turma: Tarde

Iniciamos nossas atividades, depois do despertar das crianças levamos ao banheiro, lavamos as mãos, e foram tomar o café da tarde, após o café levamos para o parque, após o parque, levamos para assistir uma peça teatral que as professoras fizeram com o tema: A Princesa e o sapo, eles adoraram. Depois voltamos para a sala e questionamos se eles gostaram, quais os personagens que eles mais gostaram. Explicamos que devemos cumprir nossas promessas, eles ficaram bem interessados na conversa, pediam para que a peça fosse repetida. Depois fomos jantar e fizemos a higiene pessoal e foram embora.

19 - 05/04/07 Quinta-feira - 22 crianças - Turma: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, fizemos uma roda de conversa, falamos sobre a Páscoa, cantamos várias músicas referentes a esta data. Depois fomos tomar o café da tarde, após o café retomamos o assunto Páscoa, a importância dessa data, fomos brincar no parque, voltamos, lavamos as mãos e fomos jantar, após o jantar, pintamos todos de coelho e colocamos máscaras com as orelhas e recortamos o lugar do rosto, eles ficaram uma graça, depois entregamos ovos de Páscoa e um saquinho de bombom, ficaram muito felizes, foram embora cantando a música do coelhinho.

20 - 09/04/07 - Segunda-feira - Turma: Tarde - 21 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, levamos para a quadra, lá fizemos roda cantada, depois sentamos embaixo da árvore e lemos duas histórias: A história do Tatu e O Menino (de Antonio Costa), trabalhamos com o tema a diferença, sem preconceito, eles ficaram parados sem saber o que dizer, às vezes isso acontece, choca muito eles são pequenos não sabem o que fazer, na sala ao lado tem uma criança diferente, especial. Depois fomos lavar as mãos e jantar, após o jantar fizemos a higiene pessoal e foram embora.

21 - 10/04/07 Terça-feira - Turma: Tarde - 19 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, levamos ao banheiro, depois, tomar café da tarde, voltamos para a sala e lemos o livro Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, ilustrações de Ziraldo. Nessa história trabalhamos o medo, eles gostaram muito, porque tinha um lobo, alguns comentários surgiram na hora que estava lendo:

- Eu não tenho medo de lobo.
- Que lobo grande!
- Olha! Nessa história, também tem lobo.
- Que medo do lobo!
- A menina tem medo do lobo.

E assim por diante, perguntaram também se nessa história tinha bruxa, observaram a boca do lobo, que era bem grande. Depois todos viram o livro na mão, cada criança que pegava o livro fazia um comentário sobre o lobo. A menina não chamou muita atenção, só o lobo. Depois cantamos algumas músicas de lobo, fizemos gestos, e depois fomos brincar na

quadra, depois fizemos a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

22 - Dia 11/04/07 Quarta –feira - Turma: tarde - 18 crianças

Iniciamos nossas atividades de leitura, logo após o café da tarde, lemos para as crianças o livro Bicos e Penas, da Coleção O Mundo da Criança, texto: Silvia Bassi, que fala sobre as aves, que ave é o único animal com pena, aproveitamos também para falar da importância da preservação da natureza, os costumes das aves, a alimentação, os mais conhecidos. Depois da apresentação, através das figuras do livro, cantamos algumas músicas relembrando algumas aves, como por exemplo: gavião, pato, papagaio, galinha... assim, por diante, as crianças adoraram, pois cada música que nós íamos cantando, fazíamos os gestos; a ave que eles mais se identificaram foi a galinha, que é mais conhecida pela maioria. Depois fomos ao parque, procuramos observar se havia algumas aves, ou bichinhos que eles comem, e depois brincaram livremente, depois fizeram a higiene pessoal e fomos jantar, após o jantar, trocamos todos e foram embora.

23 - 12/04/07 Quinta-feira - Período: Tarde - 20 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar, levamos todos ao banheiro, em seguida fora tomar café, após o café fizemos a roda de leitura, pois eles pedem e esperam ansiosos para saber se na história lida tem bruxa ou lobo, mas hoje a história lida era de brincadeiras. O livro: Brincadeira de criança, Editora: Larousse (Júnior) de Anna Claudia Ramos. Este livro conta a história da menina que gostava de jogar bola, mas também gostava de brincar de princesa, sereia, herói, caubói, pirata, menina, pai, mãe, virar o que a gente quisesse. As crianças adoraram e foram falando também que gostavam de brincar desta brincadeira que a menina gostava, outra eu gosto é de dançar, outras não se manifestaram só olharam curiosas, outros gostaram de tudo, até queriam mostrar como era a brincadeira, outros falaram que jogavam futebol com o pai, outros comentaram que pegavam roupa da mãe para brincar, outros tinham irmãos para brincar com eles, outros só brincavam sozinhos e assim por diante, essa leitura foi muito atrativa, teve um interesse geral, adorei, a participação de todos, depois foram todos ao banheiro lavar as mãos e fomos jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

24 - 16/04/07 Segunda-feira - Período: Tarde - 20 crianças

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar de todos, levamos ao banheiro, depois tomaram o café da tarde, após o café iniciamos nossa leitura diária. Hoje o livro é Por que o Sol e a Lua vivem no Céu, O Mundo da Criança, Histórias do Mundo, um conto popular africano, versão André Koogan Breitman, Editora Nacional. O conto *Por que O Sol e a Lua Vivem no Céu* lembra como é gostoso visitar a casa dos amigos para brincar. Mas muito cuidado para não abusar do convite e bagunçar a casa.

As crianças a toda hora olhavam para cima, para ver o Sol ou a Lua, então aproveitei para explicar que o Sol aparece de dia e a Lua de noite, alguns falaram que era verdade, tinha também algumas estrelas, outros ficaram só observando o que o amiguinho falava, depois saímos na quadra, eles apontavam o sol da historinha, foi muito interessante a curiosidade das crianças, depois fizemos a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

25 - 17/04/07 Terça-feira - Período: Tarde - 21 crianças

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, como todos os dias levamos ao banheiro, colocamos os sapatinhos e fomos tomar o café da tarde. Após o café fizemos a roda de história, eles sozinhos começam a sentar e perguntar qual é a história de

hoje, aí eu comecei dizendo o nome da história e iniciei a leitura, a leitura hoje é O Leão e o Rato, uma Fábula Grega, da Coleção O Mundo da Criança, Histórias do Mundo, versão: André Koogan Breitman, Companhia Editora Nacional.

A fábula “O Leão e o Rato”, nos lembra que não devemos medir o valor das pessoas pelo tamanho que eles têm. Até mesmo os menores amigos podem ser grandes nas horas difíceis. Todos prestaram muita atenção, eles pediam para ver as figuras, alguns faziam o rugido do Leão, o Kleber sempre atento, falou: — o leão é bem grandão. Ele é o rei da Floresta. Todos olharam para ele admirados, e assim continuamos a ler a história, depois foram brincar um pouco no parque, em seguida fomos jantar, após o jantar fizemos a higiene pessoal e foram embora.

26 - 18/04/07 Quarta-feira - Período: Tarde - 21 crianças

Iniciamos nossas atividades logo após o café da tarde, fizemos a roda de leitura, com a leitura: O Menino e a Baleia, Coleção Mundo da Criança, Histórias do Mundo – uma história japonesa, Companhia Editora Nacional. A história “O Menino e a Baleia” lembra que a compaixão é uma virtude e que nem sempre precisamos fazer tudo sozinhos. Quando nós trabalhamos em grupo, fica mais fácil resolver o problema.

Eles adoraram a história, eles gostam muito quando na história tem bruxas, monstros, baleias, lobos... estes ficam prestando atenção com os olhos estralados, alguns até fazem um comentário, outros não, só ouvem cada dia que passa percebo que o interesse pela leitura dos livros vão crescendo, fico muito contente, até a disciplina melhorou, eles sabem que na roda de leitura tem que ficar quietinho para prestar atenção na história, todos estão de parabéns. Depois fomos brincar no parque e lá viram um caminho de formigas, todos levando folhinhas. Aí eles lembraram da história do Menino e a Baleia, olha que graça as formigas trabalham juntas, uma ajudando a outra. Depois fomos para a mesa após a higiene pessoal e foram jantar, trocamos todos e foram embora.

27 – 19/04/07 Quinta-feira - Período: Tarde - 21 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar, levamos todos para o banheiro, depois fomos tomar café da tarde, depois voltamos para a sala, fizemos a roda de conversa, depois aproveitamos para contar (ler) a história diária: O Tatu, editora Ática, série: Lelé da Cuca. Essa história fala sobre um tatu que queria artista, ele tentou de tudo, cantar, tocar, mas o seu caso não tinha jeito, mas no final ele descobriu que o seu talento estava no próprio corpo, sacudiu o traseiro e fez um sonzão, assim ele conseguiu entrar numa banda. As crianças acharam muito engraçada esta história, queriam pegar o livro para ver o tatu; o livro era bem colorido, e todos queriam ver o livro. Depois fomos brincar um pouco na quadra, depois fizemos a higiene pessoal, e foram jantar. Após o jantar, trocamos todos e foram embora.

28 – 20/04/07 Sexta-feira - Período: Tarde - 21 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, levamos todos para a quadra, sentamos embaixo da árvore, nela agora tem alguns troncos cortados, como um banquinho, alguns sentaram nos banquinhos, outros no chão bem à vontade, levei um livro grande para ler, a história de hoje é A Polegarzinha, do livro: Viagem ao país dos contos, Editora Hemma, eles gostaram muito desta história, pois fala de uma menina bem pequenina, ela começa assim: Há muito tempo, numa casa perto de um rio, morava uma mulher bondosa e querida por todos. Só que ela era triste porque não tinha filhos. Um dia, descobriu uma menina bem pequenina, que havia sido colocada por uma fada dentro de uma flor. Eles arregalavam os olhos para ver a menina no livro, ficaram encantados, todos queriam ver fui passando o livro, e cada um que pegava o livro fazia um comentário, foi muito gratificante, o interesse cada vez

maior; depois fizemos a higiene pessoal e fomos jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

29 - 24/04/07 Segunda-feira - Turma: Tarde - 22 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, depois fomos tomar café, após o café fizemos uma roda de conversa, falamos do final de semana de cada um, alguns foram na casa da vovó, outros no Shopping, ajudaram a mamãe a limpar a casa, outros jogaram bola com o papai. Depois fomos na quadra, brincamos de roda cantada, depois fizemos a higiene pessoal e fomos jantar. Após o jantar, trocamos todos e foram embora.

30 - 24/04/07 Terça-feira - Período: Tarde - 22 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, fizemos a nossa roda de leitura; a história de hoje é da Casa que o João construiu, coleção: Mundo da Criança – História do Mundo, um conto popular francês, Companhia Editora Nacional. O conto “A casa que o João construiu” é uma adaptação do autor Charles Perrault de uma antiga história contada pelos camponeses franceses. As crianças adoraram as figuras são grandes e a história tem rima, todos queriam pegar o livro para ver, depois cantamos músicas referentes à história, como por exemplo: A casa, o gato, o cachorro, a igreja etc., depois fomos brincar no parque, e lá tem uma casinha, então eles lembraram da casa que João tinha construído, depois fizemos a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar trocamos todos, e foram embora.

31 - 25/04/07 Quarta- feira - Período: Tarde - 21 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, hoje o tempo estava nublado, então brincamos na quadra primeiro e depois voltamos para a sala e fizemos a roda de história, eles pedem para contar de novo, já estão acostumados, virou uma rotina, a história hoje é A Festa no Céu, um conto do nosso folclore, autora: Angela Lago, Melhoramentos, da série: Mundo Colorido, reúne belíssimos contos ilustrados pelos mais importantes artistas gráficos de todo o mundo: histórias onde o real, o mágico e o fantástico – que existem em todas as crianças – são apresentados em linguagem mais simples, mas muito bem cuidada, comecei a ler a história, todos ficaram curiosos, pois o livro é bem colorido, e desperta o interesse, ficaram contente, de ver que a tartaruga consegue chegar no céu, mesmo não tendo asas para voar, ficaram preocupados quando ela caiu, mas depois que colaram os seus pedacinhos, eles ficaram admirados. O Kleber que é um dos mais velhos, falou que era verdade que a tartaruga tem o casco todo coladinho pois o seu avô tem uma tartaruga e a dele é assim mesmo, todos ficaram curiosos para conhecer uma tartaruga de perto, eles adoram história que tenha bichos conhecidos, depois foram jantar e trocamos todos para irem embora.

32 - 26/04/07 Quinta- feira - Período: Tarde - 22 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde, espalhamos vários livros no chão e deixamos que cada um pegasse livremente, o livro do seu interesse, todos correram para escolher um, alguns pegavam e logo trocavam por outro, outros viravam as páginas como se soubessem ler, era até engraçado, pois faziam direitinho, virando as páginas, e mexendo a boca, olhando de longe dava a impressão que estavam lendo de verdade, outros mostravam os livros um para o outro comparando as figuras, fiquei muito contente com o resultado dessa atividade, pois viravam as páginas devagar sem rasgar, isso é muito gratificante, pois eles têm em média apenas dois anos, estou sentindo que no dia a dia o interesse está aumentando, a leitura diária está sendo gratificante e prazerosa para as crianças, depois guardamos os livros e fomos jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

33 - 27/04/07 Sexta-feira - Período: Tarde - 19 crianças

Iniciamos nossas atividades logo após o café da tarde, sentamos todos na sala em roda, ficamos no meio para lermos mais uma história, hoje a história é do “Patinho Feio”, livro Fábulas de Ouro, Maltese, depois fizemos algumas perguntas, para ver se eles prestaram atenção, ficamos contentes com as respostas, comentamos que não devemos tratar nossos amigos com indiferença nem fazer maldade com eles, depois fomos brincar um pouco no parque, fizemos uma roda cantada eles adoraram, voltamos para lavar as mãos e fomos jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

30/04/07 - PONTE

01/05/07 - FERIADO

34 - 02/05/07 - Quarta- feira - Período: Tarde - 20 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar de todos, levamos ao banheiro e depois fomos tomar o café da tarde, depois voltamos para a sala de aula, e fizemos a roda de conversa, fizemos algumas perguntas, sobre o final de semana prolongado, e depois iniciamos a nossa leitura diária, hoje a história é: A Princesa e o grão de ervilha, o livro: Meu primeiro livro de contos de fada, Companhia das Letrinhas, algumas crianças perguntaram o que era ervilha, explicamos como era, um legume muito importante para a nossa alimentação, de cor verde e bem pequena e redondinha, depois fizemos a higiene pessoal e fomos jantar, mas o que foi incrível, a comida servida no jantar era uma sopa de legumes tinha ervilha (...)

35 - 04/05/07 Sexta- feira - Período: Tarde - 21 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, trocamos os com xixi, e depois fomos tomar café da tarde, voltamos para a sala, e fizemos a nossa roda de leitura, a história hoje é Meus Porquinhos, autores: Audrey Wod e Dom Wood, editora: Ática, depois fizemos vários cantos na sala, e eles brincaram livremente cada um escolheu o seu cantinho, o mais procurado foi o da Biblioteca, ficaram curiosos, pegavam os livros, sentavam no chão e faziam que estavam lendo, outros olhavam as figuras coloridas, foi muito interessante essa atividade depois fizemos a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar, trocamos todos e foram embora.

36 - 07/05/2007 - Segunda-feira – 17 crianças**PROJETO DIA DAS MÃES**

1º dia → Combinar com o grupo a confecção do convite. (Desenharam com giz de cera a capinha do convite).

Mamãe Querida,
Venha comemorar o seu dia conosco!
Estamos preparando uma surpresa para você!
Vai ser linda, você não pode perder!

Dia: 10/05/2007

Horário: 16:00 h.

Local: CEI

Obs.: Estaremos dando atestado de horário e dia para a mãe que trabalha; não falte, seu (a) filho(a) ficará muito triste

37 - 08/05/07 Terça- feira - 18 crianças

2º dia → Leitura da história do Dia das Mães, ler uma poesia com rimas e conversar com as crianças sobre a possibilidade de troca da palavra chave com o nome da mamãe (música “A canoa virou”), escrevemos na lousa, e íamos cantando e trocando o nome de cada mãe dos alunos da sala. (Essa atividade foi maravilhosa, eles ficaram felizes quando colocamos o nome de suas mães).

A HISTÓRIA DO DIA DAS MÃES

Tudo começou nos Estados Unidos da América, na pequena cidade de Webster, Estado de Virgínia. Uma dedicada professora primária e filha exemplar, Ana Jarvis, tinha como símbolo de sua vida a recém falecida mãe. Tanta dedicação chamou a atenção dos amigos que resolveram prestar uma homenagem à mãe de Ana: a senhora Ana Reeves Jarvis. Era um segundo Domingo de Maio e Ana resolveu estender a cerimônia a todas as mães de sua cidade. A cerimônia foi realizada em público e tem-se aí a idealização do Dia das Mães que passou a ser comemorado todos os anos e se estendeu aos poucos por todo o mundo.

Uma placa comemorativa existente na Igreja Episcopal de Grafton, West Virginia, assinala a primeira celebração pública do Dia das Mães no segundo Domingo de Maio dia 10 de 1908.

Sua oficialização se deu em 1914, quando o presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, determinou sua Oficialização, fixando para o evento o segundo Domingo de Maio.

A introdução dessa festividade no Brasil deu-se em 1919 por iniciativa da ACM – Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. A Associação promoveu uma solenidade da qual foi presidente o escritor Álvaro Moreira e a oradora oficial a poetisa Júlia Lopes de Almeida. A partir daí, o evento se estendeu a outros estados Brasileiros, até que em junho de 1931, a presidente do 11º Congresso Internacional Feminista, Alice Tibiriçá, solicitou ao presidente a oficialização desta data. Foi então que o Presidente Getúlio Vargas a 5 de Maio de 1932 oficializava pelo Decreto 21.336 a comemoração do Dia das Mães no segundo Domingo de Maio.

É a mais terna e comovente homenagem que se registra no calendário.

Mãe é um símbolo inigualável porque encarna a sensibilidade, a espera e o perdão.

Ninguém melhor do que ela para sentir o pensamento dos filhos, para confiar que se realizem, mas também sempre pronta a perdoar-lhe as faltas que possam cometer com seres humanos. O Dia das Mães, além de uma significativa homenagem, é uma emocionante lembrança. Porque a imagem da mãe jamais se consegue esquecer.

É uma saudade constante e inesquecível porque é a saudade de nossa melhor amiga. Aquela que jamais hesitou em renunciar a si mesma para realizar a nossa felicidade.

Oswaldo Biancardi Sobrinho

Fonte: Biblioteca Municipal de São Paulo

MÚSICA A CANOA VIROU

A canoa virou

Pois deixaram

Ela virar

Foi por causa da Maria

Que não soube remar

Se eu fosse um peixinho

Eu sobesse nadar

Eu tirava a Maria

Do fundo do mar

38 - 09/05/07 Quarta-feira - 16 crianças

3º dia → Confecção do trabalho do dia das mães (Suporte de Panela), leitura da poesia: “Sempre Estarei ao seu lado”.

(instruções desenhadas de como confeccionar o SUPORTE DE PANELA feito de palitos de sorvete)

SEMPRE ESTAREI AO SEU LADO

Mamãe, quero dizer que te amo
E que de noite, para eu adormecer
Rezo pro papai do céu
E durmo sempre pensando em você

Mamãe, como é grande o seu coração
Quanto amor você passa pra mim
Ah! O mundo seria tão melhor
Se todas as mães fossem assim

O calor de suas mãos macias
Quando me afaga em seu peito
Me traz tanta paz e alegria
Mãe, você não tem defeitos

Hoje lhe trago um presente,
Um simples botão de rosa
Pra colocar em seus cabelos
E você ficar ainda mais formosa

Quero muito te abraçar e te beijar
Nesse seu dia abençoado
Lhe desejar felicidades
E dizer que te amo mamãe
E que sempre, sempre estarei a seu lado
(fotos dos alunos do Mini-Grupo A e B. “Suporte de panela”)

39 - 10/05/07 Quinta-feira - 17 crianças

4º dia → Ensaio música (“Uma Mãe Assim”). Festa para as mães com a presença do Professor Paulo com o seu violão, acompanhando as crianças em algumas músicas, entrega das lembrancinhas feitas pelos alunos e no final bolo, cachorro quente e suco.

MÚSICA: UMA MÃE ASSIM

Mamãe me plantou
Mamãe me regou
Me fez crescer

Mamãe é uma flor
Mamãe é um amor
É meu viver

E quem sabe um dia
O mundo tivesse
Uma mãe assim

Pra poder cuidar
De toda criança
Como cuida de mim.

Oswaldo Biancardi Sobrinho

(fotos da festa de encerramento do Projeto dia das mães, com a presença de pais, professoras e direção. A comunidade.)

40 - 14/05/07 - Segunda-feira – 22 crianças
1º dia → Leitura do texto.

CHAPEUZINHO AMARELO

Chico Buarque

Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa, não aparecia.
Não subia nem descia.
Não estava resfriada, mas tossia.
Ouvia conto de fada e estremecia.
Não brincava de mais nada, nem de amarelinha.
Tinha medo de trovão.
Minhoca, para ela, era cobra.
E nunca apanhava sol porque tinha medo de sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não se ensopar.
Não tomava banho pra não se descolar.
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo.
Era a Chapeuzinho Amarelo.

Perguntamos se eles entenderam a história, de que a Chapeuzinho Amarelo tinha medo? — Por que Chapeuzinho não dormia? — E você tem medo de alguma coisa? Foi muito interessante, a maioria das crianças tinha medo.

41 - 15/05/07 Terça-feira - 22 crianças
2º dia → Leitura do texto: Bicho Papão na minha Imaginação, fizemos algumas perguntas no final da leitura — Como era o Bicho-Papão particular? — Quem contava as histórias de Bicho-Papão? — Quando era que o Bicho-Papão aparecia? — No final, quem era o Bicho-Papão? Faça o desenho do Bicho-Papão, enfeite-o como quiser. Depois a Professora B colocou um lençol na cabeça, fazendo vários gestos representando um fantasma, as crianças começaram a correr pela sala gritando, gritando, depois que ela começou, fazendo uns sons diferentes, eles começaram a notar que se tratava de uma pessoa fantasiada, explicamos a

todos que era apenas uma brincadeira, aí eles começaram a pedir para colocar o lençol, o primeiro a pedir foi o Erick, depois o Kleber, e assim por diante, eles corriam atrás dos amigos, foi um corre-corre, todos riam, e saíam correndo...

BICHO-PAPÃO (....)

Sylvia Orthof

Bicho-Papão a gente inventa.

O meu foi inventado por uma cozinheira gorda, chamada Guiomar. Guiomar era preta, gordíssima, e vivia contando histórias horríveis, de botar cabelo em pé. Eu tenho cabelo crespo, até hoje por culpa da Guiomar. Ela me contou cada uma, arrepiei tanto, que arrepiada fiquei!

Dizem que a gente não deve contar histórias de meter medo para crianças, por isso não vou contar o que Guiomar contava.

Eu sei que de tanto ouvir a cozinheira, criei meu Bicho-Papão particular. Ele era assim: olhos cor de fogo, pés virados para trás, soltava muita fumaça pelas ventas e era mula sem-cabeça, além de pular num pé só e usar toca vermelha, fumava um cachimbo e, de vez em quando, parecer minha professora de Matemática. Tinha vezes que Bicho-Papão era ótimo, nem existia! Mas bastava ser noite de tempestade, lá vinha Bicho-Papão vestido de lençol branco, casaco de padre, chapéu de freira, blusa de crochê e leque de plumas. Era realmente uma coisa impossível, não existia, era meu medo.

42 - 16/05/07 Quarta-feira - 22 crianças

3º dia → Coloquei vários livros no chão, em cima de um cobertor para verificar, qual o tipo de livro chamaria mais atenção das crianças, o que eles iriam fazer, se pegariam para tentar ler, ou só iam ver as figuras, que tipo de capa, ou que tamanho, se eles pediriam para ler, foi muito gratificante, pegavam os livros e viravam as páginas, tentando ler, tinha um silêncio na sala, alguns trocavam rápido outros demoravam mais, alguns pediam para ler mais histórias de monstros, fantasmas e de Bicho-Papão, tirei algumas fotos da atividade.

(fotos)

43 - 17/05/07 Quinta-feira - 22 crianças

4º dia → Levamos todos depois do café da tarde para a quadra, fizemos uma roda de conversa, para ver se eles estavam gostando do Projeto: Medo, o Kleber que é um dos mais velhos, comentou que na casa dele também tinha um monstro, Júlia falou: — No meu guarda-roupa tem um fantasma de olho bem grandão! — A Amanda comentou que já viu um monstro, com os dentes bem grandes! — O Samuel levantou e gritou, eu também já vi um monstro, lá no meu quintal, aí a Professora B, aproveitou a distração das crianças e colocou uma meia-calça branca na cabeça e se escondeu atrás do portão da quadra, ficou só com a cabeça de fora, e fazia barulho, imitando um fantasma, as crianças ficaram olhando assustadas, outros corriam, corriam pela quadra, gritando, gritando, outros ficaram parados para ver o que é que era, o que está escondido, tentando descobrir o que era aquilo, mas quando a Professora B levantou, e eles viram o corpo, a Ariane gritou é a Professora B, e eles olharam melhor, sem medo e começaram a dar risadas, aí ela se aproximou, e eles foram ao encontro dela, tentando segurá-la e ela saiu correndo e todas corriam atrás dela, foi muito engraçado, eles foram perdendo o medo, e até queriam colocar a meia-calça na cabeça, essa brincadeira foi muito prazerosa.

44 - 18/05/07 - Sexta-feira - 23 crianças

5º dia → Lemos o texto: Dormir fora de casa, de Ronaldo Simão Coelho, colocamos os colchonetes no chão para eles ouvirem a história, sentados, bem à vontade, alguns até ficaram deitados, na medida que ia contando a história, alguns comentários iam surgindo, “às vezes eu

dormi na casa da minha avó”, eu durmo na casa do meu pai, toda hora eu tinha que parar para escutar os comentários, outros ficavam bem quietinhos só ouvindo a leitura.

DORMIR FORA DE CASA

Ronaldo Simão Coelho

A menina ficou entusiasmada com o convite.
 Ia passar o dia na casa da colega e dormir fora de casa pela primeira vez.
 Preparou sua bagagem. Encheu uma sacola, que a mãe examinou.
 Havia camisola, escova de dentes, brinquedos.
 A mãe tirou umas coisas e colocou outras.
 Bem feliz, carregando sua boneca preferida, a menina partiu.
 Passou um dia muito bom.
 Brincaram de casinha, de escola, de macaco-disse.
 Pularam corda, viram desenho animado na televisão. Tomaram sorvete, tomaram banho.

A noite foi chegando...

Dormir fora de casa não lhe estava parecendo, agora, tão bom como havia pensado. Estava com vontade de chorar. Ficou meio triste, sem graça. Queria a mãe perto. Queria sua cama, suas coisas. Fez uma carinha boa e pediu:

— Posso telefonar para a mamãe?

Mamãe havia saído. O jeito era agüentar firme.

Distraiu-se com os brinquedos.

O sono chegou devagarinho. Dormiu abraçada à sua boneca, falando baixinho no seu ouvido: “Pode dormir sossegada, que eu estou aqui com você”.

Depois que eu acabei de ler, fiz algumas perguntas para as crianças, — Qual foi o convite que a menina recebeu? — O que ela achou do convite? — Quem arrumou a sacola da menina? — Quem ela levou para lhe fazer companhia? — O que elas faziam durante o dia? — O que aconteceu à noite? — Como ela dormiu? — Você já passou por essa situação? — O que você sentiu?

Na medida que eu ia fazendo as perguntas, alguns levantaram a mão e iam respondendo, outros só acompanhavam curiosos, a Sara como de costume só repete o que os outros amigos respondem, o Richard falou: — Eu dormi na casa da minha tia e fiquei com muito medo. — O Lucas, tia, tia: — Eu dormi na casa da minha avó e tinha um bicho feio no quintal! A Sara — Eu também! E assim por diante. Foi um prazer ficar ouvindo as histórias deles, a hora passou tão rápido que já estava na hora do jantar. Neste dia tínhamos 23 crianças e nem sentimos tanto cansaço!! Foi um dia calmo.

Até segunda-feira!

45 - 6º dia →21/05/07 - 16 crianças - Segunda-feira

Leitura do livro: Abaixo o bicho-papão – Autor: Walcyrr Carrasco, Editora: Companhia Editora Nacional do acervo do CEI, ilustrações de Eva Furnari. Este livro fala dos nossos medos e nesta história, uma fábula sobre os medos que acompanham todas as crianças e como eles são enfrentados com coragem e muito humor.

Colocamos lençóis nas crianças que queriam se transformar em bicho-papão e fantasma, os mais corajosos colocaram e ficaram correndo atrás dos outros, os que ainda têm medo mesmo vendo o coleguinha colocar os lençóis ficaram correndo e gritando, a Professora B também colocou um lençol, só que ela colocou uma máscara em baixo, quando ela tirou o lençol foi uma surpresa, ficaram com os olhos arregalados, levaram um susto aí ela tirou e foi o maior delírio, começaram a rir sem parar, eu, Professora A, tirei algumas fotos, essa

atividade coletiva foi muito gratificante e a participação foi excelente, eles se divertiram muito.

46 - 22/05/07 - Terça-feira - 19 crianças

7º dia → Leitura do livro: *Bruxa, Bruxa, venha à minha festa*, texto: Arden Druce, ilustração: Pat Ludlou, tradução: Gilda de Aquino, editora: Brinque-Book, pertence ao acervo do CEI, esta história fala de Bruxa, Gato, Espantalho, Coruja, Árvore, Duende, Dragão, Pirata, Tubarão, Cobra, Unicórnio, Fantasma, Babuíno, Lobo, Chapeuzinho Vermelho e Crianças, estão indo para uma festa.

Depois de lida a história, fizemos algumas perguntas: — Que tipo de festa será? — Quem os convidou? — Será que eles vão?

As crianças ficaram encantadas com os desenhos do livro, principalmente o da Bruxa e o do Fantasma, depois ao término perguntamos quem queria ir a essa festa, os que quisessem poderiam seguir a Professora B, pois ela colocou a máscara da bruxa, e eles foram atrás dela, para também ir a essa festa; depois pegamos uma caixa de livros do acervo do CEI, estendi cobertores pelo chão, colocamos as crianças em volta, espalhamos vários livros, para eles manusearem sozinhos, escolheram os livros e passaram uma tarde tranquila e gratificante, eles já estão se habituando com os livros, não rasgaram nenhum, que sucesso!!!

47 - 23/05/07 - Quarta-feira - 16 crianças

8º dia → A leitura de hoje é *Quando Mamãe virou um monstro*. Autora: Joanna Harrison, editora: Brinque-Book, pertence ao acervo do CEI; essa história conta que, quando os sobrinhos vêm lanchar, Mamãe fica ocupadíssima, arrumando a casa, fazendo compras, preparando o lanche. Enquanto isso, André e sua irmã não ajudam em nada; muito pelo contrário, só fazem bagunça. De repente, uma coisa estranha acontece com Mamãe...

Voltamos do café colocamos todos sentados em roda, iniciei a leitura e fui mostrando a transformação da mamãe, eles ficaram curiosos, a mamãe foi se transformando quando as crianças faziam bagunça na casa, explicamos para eles, que não podemos deixar tudo fora do lugar, que devemos recolher os brinquedos, depois que terminarmos de brincar, não jogar roupas e sapatos em qualquer lugar, depois fizemos cantinhos na sala, de cozinha com panelinhas para as meninas, e de garagem para os meninos, assim que terminamos essa brincadeira, ensinamos a guardarem os brinquedos, no lugar certo, depois fizemos a higiene pessoal e fomos jantar, após o jantar foram todos embora.

48 - 24/05/07 Quinta-feira - 19 crianças

9º dia → Hoje a leitura é da mãe com medo de lagartixa, autora: Ana Maria Machado, que fala sobre o medo de lagartixa, era uma mãe muito valente, ficava sozinha, cantava no escuro, tomava sopa quente, era mesmo corajosa, enfrentava barata, discutia com o chefe, tomava injeção toda prosa, mas o medo maior era o que a mãe tinha de lagartixa, depois que terminamos de ler fizemos algumas perguntas: — Qual era o maior medo da mãe? — Você tem medo de alguma coisa? De quê? — E a sua mãe? Ela tem medo de quê? — Quais os bichos que apareceram no texto? — Escreva os nomes dos bichos que a mãe deixava ter em casa, mas que não era comum ter.

MÃE COM MEDO DE LAGARTIXA

Ana Maria Machado

Era uma vez uma mãe que tinha medo de lagartixa. No resto, era uma valente: ficava sozinha, cantava no escuro, tomava sopa quente.

Era mesmo corajosa: enfrentava barata, discutia com o chefe, tomava injeção toda prosa.

De bicho de pena e de bicho de pelo, ela gostava muito. Filho dela podia ter cachorro, gato, coelho, periquito, curió, canário, porquinho-da-índia. Nem que fosse tudo ao mesmo tempo, ela não se incomodava, até animava, mais ainda inventava.

Peixe e jabuti, também ela deixava como ninguém. E tinha aquário redondo com peixe vermelho e tinha varanda vermelha com jabuti redondo.

Se os filhos descobrissem macaco de asa, ela era capaz de deixar em casa.

Se para uma vaca encontrassem lugar, não ia ser ela quem ia atrapalhar.

Mas sapo? Minhoca? Perereca? Camaleão? Nem queria saber. Disfarçava e ia se esconder. Os filhos explicavam:

— Mamãe, que é que tem? Um bicho tão bonzinho, não faz nada, olha aí!

Ela olhava. Mas não gostava.

E aqueles lagartinhos nas pedras-do-sol?

— Um bichinho à toa, mãe, deixa de ser boba!

Mas aí ela era boba. Tão boba que no caminho da praia, pelo meio do matinho a pisando forte e falando alto, fazendo barulho só para assustar os lagartinhos — que saíam correndo, morrendo de medo de uma mulher tão grande e barulhenta.

Mas o medo maior era o que a mãe tinha de lagartixa.

49 - 25/05/07 Sexta-feira - 22 crianças - 10º dia

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, em seguida fomos tomar café, após o café fizemos a nossa roda de leitura, hoje o livro é a BRUXINHA e as maldades da Sorumbática, pertence ao acervo do CEI, editora: Ática, história e desenhos: EVA FURNARI. Bruxinhas e Baixinhos estão de volta, nesta nova aventura criada por Eva Furnari.

É a noite da maldade e a terrível Sorumbática está à solta. Seu feitiço pode fazer as tias Naná, Tetê e Dolores virarem geléia de couve e ovo – argh!

Como evitar tamanha tragédia? Poderes mágicos? Nem pensar! Só usando a cuca. Criançada, mãos à obra! Resolvam as charadas propostas pelas bruxolengas e ajudem os nossos heróis a salvar suas tias-bruxas. Fui contando a história tentando junto com eles resolver as charadas, ia lendo cada charada bem devagar, eles são muito pequenos, para adivinharem sozinhos, fui resolvendo e perguntando se eles achavam que estava certa, olhavam admirados, cada vez que eu ia decifrando as charadas, às vezes batiam palmas, ficou assim, a:

1º BRUXOLENGAS – NÓS

2º “ – AMAMOS

3º “ – SORUMBÁTICA

4º “ – ELA

5º “ – É

6º “ – MUITO

7º “ – LEGAL

A frase ficou assim: Nós amamos Sorumbática ela é muito legal.

O feitiço foi desfeito, para a felicidade de todos, tudo voltou ao normal; mesmo eles não conseguirem decifrar sem ajuda da professora, ficaram felizes sabendo que as bruxas boazinhas foram salvas. Depois lavamos as mãos e foram jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora felizes.

28/05/07 - Segunda-feira - Reunião Pedagógica aqui no CEI

50 - 29/05/07 - Período: tarde - Terça-feira –

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, com a higiene pessoal rotineira, levamos todos para tomar o café da tarde, voltamos para a sala e iniciamos a roda de conversa, sobre o final de semana, perguntamos o que eles fizeram no final de semana, se foram passear, onde, se foi legal, com quem, e assim por diante, o Kleber foi ao MC com o irmão e a mãe, a Sara foi na casa da avó, o Lucas ficou na casa da tia, o Guilherme passeou com a mãe, bem longe, o Jorge foi de carro, lá longe, a Ariane foi na feira com a mãe, o Eric foi ao cinema, com a mãe e a tia, a Vitória foi trabalhar com a mãe, a Tayla foi passear com o pai, os outros alunos são pequenos e não sabem comentar aonde foram, às vezes repetem o que os outros dizem, depois continuando a conversa, perguntei se eles estavam gostando das leituras de bruxas, fantasmas e monstros, se eu podia continuar, eles diziam que estão gostando, queriam que contássemos dois ou três livros por dia bem grandão, depois fomos brincar um pouco na quadra, lavamos as mãos e fomos jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora felizes.

51 - 30/05/07 Quarta-feira - 21 crianças Período: tarde - 12º dia

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, iniciamos a rotina de higiene pessoal e fomos tomar café, após o café iniciamos a roda de leitura, a história de hoje é BRUXA E FADA, Menina Encantada, autora: Leda de Oliveira, ilustrações: Pinky Wainer, Difusão Cultural do Livro, acervo do CEI, sobre o livro o elenco de nomes sugestivos: Mabi, Mocréia, Sombria, Ancetrina, Chulípia e Príncípia.

Uma floresta escura, imensa e perigosa. Uma procura nessa escuridão: Por que as bruxas não podem morar com as fadas? , neste momento paramos de ler a história para saber as respostas das crianças, algumas diziam que poderiam morar juntas, outras diziam que não, mas como a história era muito grande e polêmica, deixamos para o outro dia continuarmos essa história; depois fizemos a higiene pessoal, foram jantar e trocamos todos para irem embora.

52 - 31/05/07 - Período: tarde – 13º dia

No dia seguinte, após o despertar de todos, no final do café da tarde, recomeçamos a discussão sobre a história da BRUXA e FADA, muito tempo vivido a perguntar em vão. Depois, a partida da perguntadeira. Se ninguém lhe diz nada, por que continuar ali? Partir, procurar, verificar até onde a tradição está certa... isso é o direito e o dever de quem não quer mais ser contado como carneiro no rebanho dócil. Até o início do século XX, quem vivia de aparências separava luz e trevas, sem perceber que uma não existe sem a outra. Agora, as crianças e a gente grande também estão aprendendo por outros catecismos! Nestes, cabem os poetas – mestres no ofício de celebrar a condição humana, de ser Abel e ser Caim. Mestres em proclamar que qualquer um de nós pode ficar como a menina dessa história, após a leitura todos estavam de olhos arregalados, até que o Samuel, uma criança bem pacata, sai dizendo: — A bruxa não pode morar com a fada, ela é muito feia! — O Kleber disse: — Ela come criança! Aí todos começaram a gritar com medo da Bruxa, conversei com eles e expliquei que a Bruxa é só imaginação e não existe de verdade, depois que eles começaram a ficar mais calmos, sentando novamente, li o versinho do livro:

“Maria ficou conhecida

Como menina encantada

Quando zanga, vira bruxa,

Quando ama, vira fada”.

Todos nós podemos ser fada ou bruxa, depende da nossa atitude o modo de como tratamos as pessoas, expliquei que é muito importante tratar as pessoas com carinho e respeito, para não virarmos bruxa, nem uma pessoa amarga e chata, ninguém quer ser bruxa, a Amanda falou:

— Eu prefiro ser uma princesa! A Sara e a Ariane, responderam que também queriam, a história apesar de grande foi bem aceita pelas crianças, parece que a mensagem foi bem entendida pelas crianças, depois começou a ficar tarde, o tempo passou tão depressa que não percebemos, que já estava na hora do jantar, lavamos as mãos de todos, e fomos jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

53 - 01/06/07 - Sexta-feira - 22 crianças - 14º dia - Obs.: O projeto Medo vai continuar até o dia 15/06/07, motivo: muito interesse das crianças.

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, com a rotina da higiene, em seguida fomos tomar café, depois fizemos os cantos. A cozinha, o escritório, a biblioteca, o salão de beleza, como sempre o preferido das meninas é o da cozinha, mas o que me chamou a atenção é que o canto da biblioteca foi bem procurado, nós arrumamos os cabelos das meninas para a festa do final do mês dos aniversariantes, eles adoram quando tem festa, teve bolo, salada de frutas, suco de laranja, pão com frios, e no final o grande baile, a Professora B se vestiu de nega maluca, e foi uma farra, as crianças se divertiram muito, o dia foi muito prazeroso, foram embora muito contentes, teve criança que nem queria ir embora, o Bruno se negava a ir embora, a mãe teve que carregá-lo à força no colo. Foi um dia especial.

54 - 04/06/07 - Segunda-feira - 21 crianças - Período: Tarde - 15º dia

Iniciamos nossas atividades como de rotina após o despertar das crianças, fomos tomar café, após o café iniciamos a história com a roda de leitura: O amigo da bruxinha, Editora: Moderna, Autora/ilustradora: Eva Furnari, pertence ao acervo do CEI. (...) é uma história sem texto. O Amigo da bruxinha, a arte já consagrada de EVA FURNARI, nos apresenta histórias sem texto de uma bruxinha muito atrapalhada. A criança é solicitada, o tempo todo, a “completar” essas histórias, com sua imaginação, e até ir mais além, caso seja estimulada a criar livremente. Esta história são várias tirinhas sem diálogo, só os desenhos, a 1ª do telefone: O gato e a bruxinha, estão dormindo no sofá, tem uma mesa com um telefone, o gato verifica que a bruxa está dormindo, aí ele pega a varinha da bruxinha e transforma o telefone em um sanduíche bem gostoso, ele come tudo, mas quando ele termina de comer, o telefone toca na sua barriga e agora? O que fazer? O gato deve atender? Como? As crianças começaram dizendo, vira ele de ponta cabeça, outros diziam, não dá pra atender, está na barriga dele, outros só olhavam curiosos sem saber o que falar. 2º O Pirulito, a bruxinha e o gato, estão chupando um pirulito, aí chega uma formiguinha e rouba o pirulito da bruxinha, a bruxinha pega a varinha e sem querer transforma o pirulito bem grande, só que a formiguinha se transformou num elefante e cai em cima do gato. — E agora? O que ele vai fazer? — O que aconteceu com o gato? A Rafaela que é uma das mais novas da turma pediu um pirulito. O Kleber, o mais velho, falou: — Só tem pirulito do livro, ele é de papel! A Amanda falou: — O gato ficou amassado!

O Igor começou a dar risadas, o Gustavo veio do berçário há pouco tempo, ficou parado olhando para o livro com carinho de preocupação, a Júlia falou: — Continua quero ouvir mais! 3º O Tricô: A bruxinha estava sentada no sofá, fazendo uma blusa de lã para o gato, ele está sentado olhando, aí a bruxinha terminou de tricotar, e experimentou a blusa no gato, mas ela ficou bem grande, então ela pegou a varinha e transformou o gato, num gatão bem alto, aí a blusa ficou certinha no gato, ela ficou rindo tirando sarro com a cara do gato.

A Vitória: mostrou que ela estava com uma blusa feita pela mãe, que também estava grande; a Mirella, também tinha uma blusa de tricô, aí eu perguntei: — Quem fez esta blusa? Ela respondeu: — Foi a mamãe. E assim por diante, tinha várias tirinhas uma mais engraçada, que a outra: 4º O Patinho, 5º O Chapéu, 6º O Cão e o Gato, 7º O trapo, 8º A Gangorra, 9º A Mosca, 10º Empate e a 11º Aspirador de Bruxa, todas curtinhas deu para ler no mesmo dia,

eles adoraram, e participaram, deu a nítida impressão que gostaram muito, depois lavamos as mãos e fomos jantar, após o jantar, trocamos todos e foram embora.

55 - 05/06/07 Terça-feira - 22 crianças - 16º dia

Iniciamos mais um dia, após o despertar das crianças, após o café da tarde, fizemos a roda de leitura, hoje colocamos os colchonetes em forma de círculo, pois estava muito frio para sentarmos no chão, a história hoje é: FANTASMA EXISTE? Autoras: Ruth Rocha e Dora Lorch, Ilustrações: Walter Ono, editora: Ática, pertence ao acervo do CEI, Nem todos os medos que nós temos relacionam-se com situações concretas. Nas crianças isso se torna particularmente claro, pois o medo, na maioria das vezes, não tem correspondência externa. Como o medo de fantasmas, por exemplo, que a criança sabe que não existem, mas teme, assim mesmo. Este livro procura mostrar que esse mundo assustador está na imaginação e, portanto, pode ser controlado pela própria criança. Comecei a ler página por página, mostrando as figuras, e ia falando que o medo está na nossa imaginação, quando chegou na parte que mostra o lobo mau... fui explicando que ele só existe nos contos de fada, ele é um animal que pode ser encontrado no zoológico, e está preso na jaula, medo do escuro mas quando acende a luz, não tem nada é só a imaginação, continuei lendo, e eles sacudiam a cabeça concordando com a minha explicação, neste momento a Professora B colocou um lençol no meio da sala, separando o armário, ela ficou escondida, e ela aproveitou para colocar uma máscara feita de tecido, e colocou na cabeça um chapéu de (...), continuei contando a história para eles, quando ela percebeu que eles estavam distraídos ela saiu de trás do lençol e deu um susto nas crianças, foi uma farra, saíram correndo e gritando, um fantasma, fantasma..., depois ela foi tirando a máscara e explicando que era só uma brincadeira, o Richard é o mais medroso, começou a chorar, mas depois que a Amanda gritou: — É a Professora B! Ele reconheceu e começou a rir, foi uma brincadeira inesquecível, ver a reação de cada criança, que antes do projeto, era um pânico total, mas agora depois de várias histórias e explicações, estamos percebendo que a maioria perdeu o medo, se não totalmente, mais parcialmente, agora eles olham com outros olhos, para ver se reconhecem quem é que está atrás das fantasias, teve um fato até engraçado, nesta semana, veio algumas senhoras do Posto de Saúde, com o rosto pintado de palhaço, eu percebi que eles não tiveram tanto medo, pois antes eles tinham medo de tudo, que legal o projeto teve bastante retorno positivo, depois lavamos as mãos e fomos jantar, após o jantar foram todos embora.

56 - 06/06/07 Período: Tarde - Quarta-feira - 21 crianças - 17º dia

Iniciamos nossas atividades logo após o café da tarde, a história hoje da roda de leitura é TENHO MEDO MAS DOU UM JEITO, Autoras: RUTH ROCHA e DORA LORCH, Ilustrações: WALTER ONO, editora: Ática, acervo do CEI; Este livro pretende mostrar às crianças algumas situações do dia-a-dia que envolvem um perigo real – fogão aceso, objetos cortantes, rua com trânsito... – mas, ao mesmo tempo que existem maneiras de lidar com estes perigos. Num primeiro momento, texto e imagem despertam o receio perante essas situações. Porém, logo em seguida, aliviam a tensão, colocando a criança diante da solução para o medo que a aflige. Comecei explicando para as crianças, que com a ajuda dos adultos, podemos perder alguns medos, por exemplo: atravessar a rua, mexer no fogão, subir no alto, para pegar alguma coisa, medo de usar a tesoura, medo de tomada, porque tem coisas que são perigosas. Mas a gente pode aprender como mandar nos medos... a ajuda de um adulto, pode ajudar, e podemos aprender muitas coisas, interessantes que iremos usar pela vida toda. À medida que vamos crescendo, o medo vai desaparecendo, pode pedir ajuda também para um irmão (ã) mais velho, eles concordaram. O Kleber disse: — Eu tenho uma irmã, grande e ela sempre me

ajuda, até faz às vezes comida; depois fomos brincar um pouco no parque, pois estava um sol bem gostoso, voltamos do parque, lavamos as mãos e fomos jantar, após o jantar trocamos e fomos embora.

07/06/07 - Quinta-feira – Feriado

08/06/07 - Sexta-feira – Ponto Facultativo

57 - 11/06/2007 - Segunda-feira - Período: Tarde - 23 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, levamos para tomar café, depois fizemos a roda de conversa e em seguida, a história diária; hoje a história é “João e Maria”, nesta história tem uma bruxa malvada que quer comer o João, mas não consegue; hoje eu trouxe pôsteres sobre a história, bem colorido, e no final, dedoche da bruxa, para colorir e brincar.

*A sequência das histórias esta semana serão estas:

11/06 João e Maria

12/06 Bruxa Malvada

13/06 Fantasma

14/06 Bicho Papão

15/06 Múmia

*Coleção: Vale das Letras

(Textos: Patrícia Amorim), a coleção pertence à Professora A. Comecei a ler a história, mostrando o livro e os cartazes com as ilustrações da história com sequência, eles ficaram admirados depois fizemos a pintura do dedoche da Bruxinha, eles puderam levar para casa, adoraram, quando as mães iam chegando eles falavam: — Olha, mamãe a Bruxinha!

58 - 15/06/07 - Sexta-feira - 21 crianças - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, e depois fomos tomar café da tarde, após o café, iniciamos nossas atividades levando-os para o parque pois o sol estava ótimo, depois lavamos as mãos de todos, e iniciamos a nossa roda de leitura, a história hoje é “Múmia”, Coleção Vale das Letras, texto Patrícia Amorin, esta história fala sobre uma família de múmias que tem pai e mãe e dois filhos, que adoravam brincar dentro das pirâmides, mas eles não viam o Sol há muitos anos e resolveram mudar para uma floresta. Se um dia você encontrá-los, não tenha medo. É apenas uma família feliz, vivendo livre como passarinhos. As crianças ficaram admiradas, quando ficaram sabendo que a múmia tem uma família, aí começaram a dizer eu também tenho: irmão, irmã, pai, mãe, todos queriam falar ao mesmo tempo. Aí falamos para cada um ir contando devagar, íamos chamando pelo nome e aí cada um foi falando, alguns sabiam dizer até os nomes, às vezes pegávamos as agendas que tinham o nome da mamãe e falávamos para eles a sua mãe chama-se Maria, Helena, Fátima... etc., eles ficaram admirados como que a professora sabia o nome da mãe, aí nós íamos explicando que olhamos na sua agenda, “nessa agenda tem a foto de cada criança, eles adoraram mostrar uns para os outros” é muito legal essa troca. Depois dessas explicações levamos todos para o refeitório, nas mesinhas, e demos folhas para que eles desenhasssem sobre a história da múmia, eles adoram desenhar, depois recolhemos as folhas e ficamos aí mesmo para jantar, depois lavamos as mãos, trocamos e fomos embora.

59 - 18/06/07 - Segunda-feira - 20 crianças - (Registro feito pela Professora B)

Iniciamos nossas atividades após o café da tarde.

- Roda de conversa

- Tema passeios de fim de semana

As crianças se assentaram na roda, alguns falaram onde foram com os pais e os demais apenas repetiram o que ouviram dos colegas.

Momento da história contamos uma história que fala de bruxa e também de pequenos animais, tais como: rato, gato. Autora: Eva Furnari

O Amigo da Bruxa

Atividades na área externa II

Recreação, cantigas de roda, as crianças observaram pipas, pássaros

Às 15.45 entramos para nos preparar para o jantar.

Higienização pessoal, jantar, realizamos as trocas.

60 - 19/06/07 - Terça-feira - (Registro feito pela Professora B) - 21 crianças

Atividades realizadas após o café da tarde.

- Roda de conversa as crianças falaram sobre as histórias que lemos no dia-a-dia

- Argumentos não gosto de bruxa tenho muito medo intervenção da profª

- as histórias é muito importante no nosso cotidiano. Precisamos aprender a lidar com os medos desde cedo.

61 - 20/06/07 - (Registro feito pela Professora B) - Quarta-feira

Atividades realizadas após o café da tarde

- Roda de conversa

- Momento da história A Bruxa e a Fada (Menina Encantada) autora Leda de Oliveira

Brincadeiras faz-de-conta diversidade de brinquedos.

25/06/07 - (Registro feito pela Professora B) - Segunda-feira - Encontro Pedagógico (Paula)

62 - 26/06/07 - (Registro feito pela Professora B) - Terça-feira - Período tarde - 21 crianças

Iniciamos nossas atividades após o café da tarde

Roda de conversa: Tema festa junina durante a conversa falamos sobre as comidas típicas que estão inseridas em nosso dia-a-dia (pipoca, bolo de fubá, batata doce, cuscus) as crianças gostaram.

Brincadeiras nos cantos faz-de-conta de casinha cantinho da leitura

Brincadeiras na área externa II.

63 - 02/07/07 - (Registro feito pela Professora B) - Segunda-feira- 21 crianças

Atividades realizadas após o café da tarde.

Roda de conversa na área externa II. Cantigas de roda. Brincadeiras correr, pular, trezinho. Esta semana estamos lendo uma sequência, Fábulas da autora Ruth Rocha, título O Rato do campo e o rato da cidade. A história relata as vantagens de morar no campo, e também as vantagens e desvantagens de morar na cidade grande. Todos gostaram os questionamentos foram poucos. As crianças assistiram a peça apresentada no Ra-tim-bum, com a Paula.⁹

64 - 03/07/07 - (Registro feito pela Professora B) - Terça-feira - 19 crianças

Iniciamos nossas atividades após o café da tarde. Roda de conversa, momento da história. Conto de fábulas, dando continuidade aos contos da Ruth Rocha, título O galo e a pérola, contos faz-de-conta. Casinha, canto.

⁹ Trata-se do espetáculo Rapunzel, do qual a formadora Paula Zurawski faz parte como atriz, adaptado para a TV pela TV Ra-Tim-Bum.

65 - 15/08/07 - (Registro feito pela Professora B) - 17 crianças –

Iniciamos nossas atividades, logo após o café da tarde. Com a roda de conversa e leitura hoje a história que vamos compartilhar é O Grande Baile da Bicharada com tradução e adaptação de Maiara Ragiotti, nº 200.

66 - 10/08/07 - 18 crianças - Proposta de Atividades ; Roda de conversa, Momento da história, Brincadeiras faz-de-conta

Iniciamos nossas atividades após o café da tarde nos organizamos em círculo para iniciar a conversa. As crianças compartilharam fatos do seu cotidiano. Ex: passeios com os pais, comidas preferidas etc...

Momento da história - Lemos a história “Que bicho será que fez o buraco?”, escrita pelo autor Angelo Machado mudando durante a mesma a entonação da voz. As crianças se sentiram atraídas. E uma criança em especial se manifestou através de sua voz e falou: Erick falou o bicho fez o buraco e a bruxa vai pegar o bicho. Com isso podemos perceber que a leitura anterior ficou gravada em sua memória. Foi por isso que usou a sua criatividade para se manifestar, com essa fala.

Brincadeiras na área externa II, cantigas de roda, correr, pular, dançar.

Após o jantar, brincadeiras cantinhos faz-de-conta, casinha, bonecas, panelinhas, posto de gasolina, carrinhos, sucatas e outros.

67 - 27/08/07 - Segunda-feira - Mini-Grupo A e B - 17 crianças

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, fizemos a higiene pessoal, foram tomar café, após o café, preparamos a sala para dar continuidade ao nosso projeto “Meu Corpo”. Desenhos nos dedos de cada um com canetinha (carinhas) colocamos mesas na sala, para que eles pudessem pintar com os dedos, colocamos colchonetes no chão, eles sentaram e levantaram as mãos mostrando os dedos, e cantando a música “os dedinhos”, depois, demos cartolina para que eles desenhasssem com os dedos, molhando na tinta guache de várias cores, desenharam livremente, a coordenadora filmou tudo, essa atividade foi muito criativa, quando ela passava nas mesas, eles iam dizendo o que estavam desenhando, ela adorou. Depois lavamos as mãos de todos e foram jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

Gestos: o nariz - Ariane, Jorge e Lucas (fotos das crianças apontando o nariz)

Gestos as mãos : Kleber, Richard, Kelvin (fotos das crianças mostrando as mãos)

68 - 28/08/07 - Mini-Grupo A e B - Terça-feira - 15 crianças

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, depois fomos tomar café, voltamos para a sala e fizemos os “cantinhos, uma mesa de jogos, outra de cozinha, o pano no chão com as bonecas e bichinhos, uma caixa como garagem, para os meninos brincarem com os carrinhos, eles ficaram brincando livremente, no teto um lençol como telhado da casa de boneca, essa atividade foi muito gratificante, ficamos observando todos brincarem e notamos como eles são criativos, a coordenadora filmou essa atividade, ela gostou muito! Depois levamos todos para lavar as mãos e foram jantar, após o jantar trocamos todos, e foram embora, até amanhã!

Obs. O número de crianças está diminuindo por motivo de catapora, estamos com sete casos já confirmados.

69 - 29/08/07 - Quarta-feira - Mini-Grupo A e B - 15 crianças

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, foram tomar café, após o café fizeram recreação com as volantes, pois eu e a Professora B fomos para a reunião da Paula, na sala da coordenadora, com a presença da diretora, coordenadora e as professoras do Mini-Grupo. Após a reunião de formação e orientações pedagógicas, levamos todos para jantar, trocamos todos e foram embora.

70 - 30/08/07 - Quinta-feira - Período: Tarde - 17 crianças

Iniciamos nossas atividades logo, após o despertar das crianças, começamos com nossa rotina diária, levar ao banheiro, colocar os sapatos, levá-los para tomar o café da tarde, após o café nossa roda de história, nossa história hoje é “TENHO MEDO, MAS DOU UM JEITO”, autoras: Ruth Rocha e Dora Lorch, editora Ática, ilustrações: Walter Ono, este livro pretende mostrar às crianças algumas situações do dia-a-dia que envolvem um perigo real – fogão aceso, objetos cortantes, rua com trânsito... – mas, ao mesmo tempo, que existem maneiras de lidar com esses perigos. Num primeiro momento, texto e imagem despertam o receio perante essas situações. Porém, logo em seguida, aliviam a tensão, colocando a criança diante da solução para o medo que a aflige. Depois de ter lido esta história, começamos a questionar se eles tinham medo de alguma coisa como o menino da história. O Lucas A. disse que tinha medo de morrer atropelado, pois uma mulher morreu, que morava perto da casa dele. O Kleber disse que já tomou um choque na tomada da sala, mas agora a mamãe liga a televisão para ele assistir os desenhos, a Júlia L. tem medo de atravessar a rua sozinha, a Sara tem medo de cair de novo, pois ela já rasgo o queixo duas vezes no mesmo lugar, a Vitória tem medo de escada, no final da semana passada ela caiu da escada e machucou o olho direito, e ficou todo roxo, explicamos para elas que eles não podem atravessar a rua sozinhos, tem que ser acompanhados por um adulto, quando tiver medo de alguma coisa chame a mamãe para ajudar, como usar a tesoura, mexer no fogão, atravessar a rua, ligar algum eletrodoméstico, etc. para todos prestarem muita atenção, pois eles ainda são pequenos e precisam de ajuda de um adulto.

71 - 31/08/07 - Sexta-feira - Mini-Grupo A e B - 16 crianças

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, levamos todos para tomar café, depois levamos para o pátio externo, e brincarem com as tonquinhas, de pedestre e trânsito, alguns eram os pedestres outros os motoristas, e aproveitamos para falar sobre como deveríamos atravessar a rua, olhar dos dois lados com cuidado e atenção, para depois atravessar com segurança, eles adoraram, teve até guarda de trânsito e semáforo, depois deixamos eles brincarem livremente na sala, cantamos a música da XUXA que fala como devemos atravessar a rua, eles adoraram, depois levamos todos para a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar fizemos a troca de roupa e foram embora.
Até a semana que vem!

72 - 03/03/07 - Segunda-feira - Mini-Grupo A e B - 16 crianças - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, depois fomos tomar o café da tarde, fizemos a roda de conversa, para perguntar como foi o final de semana das crianças, se eles foram passear, e aonde, depois aproveitando que todos estavam sentados em roda, fizemos a leitura do livro: “EU GOSTO MUITO”, Autoras: Ruth Rocha e Dora Lorch, ilustrações: Walter Ono, esse livro fala do menininho e das coisas que ele gosta, essa fase marca a aprendizagem do controle sobre os músculos esfíncterianos, a criança aprende a reter as fezes e a urina, o que, simbolicamente, significa reter os sentimentos.

Brincar com água, com terra ou com outros materiais que se assemelham aos produtos do próprio corpo ajuda no amadurecimento da criança que está nessa fase. A indicação da idade é sempre aproximada. Pois as crianças, além de terem desenvolvimento diferenciado, frequentemente passam por pequenas regressões no processo de amadurecimento, podendo voltar a atividades que já tenham abandonado.

Sabendo disso que nós observamos é que cada um compreende sobre o seu corpo, então fizemos a seguinte atividade, pegamos papel pardo e canetão, pedimos que cada dupla ficasse juntos, pedimos que um de cada dupla deitasse no chão em cima do papel e o outro ia riscando em volta do seu corpo, nesta atividade, eles foram observando a diferença de cada um, altura, peso, mão, pé, pernas, cabeça, depois mostramos os papéis com os riscos feitos por eles do corpo eles deram risadas dizendo: — Olha que coisa engraçada, eu sou assim? — O Kleber é bem mais alto (falou Lucas). — Nossa a Rafaela é bem pequena (disse Ariane) e as comparações foram faladas por todos, alguns olhavam admirados, sem saber o que dizer, outros olhavam e apontavam para os amigos, olha eu sou assim, essa atividade despertou o interesse deles, que eles queriam desenhar mais, pediam até para pintar as roupas, os tênis, as calças, depois penduramos todos os desenhos na parede, e eles ficaram observando, muito curiosos. Tiramos algumas fotos, depois lavamos as mãos de todos e foram jantar, aos o jantar, trocamos todos, e foram embora.

73 - 04/09/07 - Terça-feira - 17 crianças - Mini-Grupo A e B

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, colocamos os sapatos, levamos ao banheiro, e fomos tomar café da tarde, voltamos para a sala e fizemos a roda de história, a história de hoje é de uma menininha e “AS COISAS QUE EU GOSTO”, autoras: Ruth Rocha e Dora Lorch, ilustrações: Walter Ono, editora Ática, iniciamos dizendo: — Preste bem atenção que esta menina da história está dizendo, fui contando a história e mostrando cada página, parava para perguntar se eles gostam das mesmas coisas da menina da história, gosta de colinho da mamãe, brinca dentro do berço. Aí perguntei se eles ainda dormiam em berço, o Jorge disse: — Eu durmo. O Lucas: — O Dani dorme. Aí perguntamos que era o Dani, ele falou: — É o nenê da mamãe, aí eu disse: — Ele é seu irmão, ele ficou admirado. E falou com uma cara engraçada: — É mesmo! Continuando, tirar a roupa da gaveta para olhar o que tem dentro. Amanda: — Eu gosto! Mas a mamãe não gosta, fica brava. Quem gosta de pegar a bolsa da mamãe? Júlia: — Eu gosto, pego para brincar de passear, tiro tudo para ver o que tem lá dentro, minha mãe fica brava e me bate. Quem gosta de brincar na banheira? Vocês ainda tomam banho na banheira? Gustavo: — Eu tomo! Ou outros olharam todos admirados, aí nós fomos explicando, que o Gustavo é bem pequeno, veio fazer pouco tempo do berçário, depois de tanta brincadeira, a menina da história, pegou sua chupeta e seu paninho e foi dormir, aí perguntamos: — quem dorme com paninho e chupeta, em casa?, várias crianças responderam que dormem, dormem também, aqui na creche. Neste livro, as crianças vão inicialmente reconhecer objetos, depois situações e, finalmente reconhecer etapas vividas. São atividades importantes nesta fase de seu desenvolvimento, quando também aprendem a relacionar com as outras pessoas e têm os pais como primeiro modelo. A indicação da idade é sempre aproximada, pois as crianças, além de terem desenvolvimento diferenciado, frequentemente passam por pequenas regressões no processo de amadurecimento, podendo voltar à atividade que já tinham abandonado. Depois fomos brincar e passear lá na quadra, como se estivéssemos brincando de família, papai, mamãe e um monte de filhos, olhando a natureza, as flores, os animais, o sol, aproveitamos os riscos da quadra, para passear em cima como se fossem uma estrada (risco pintado de amarelo no chão) íamos batendo os pés e as mãos, cantando: “Um, dois, feijão com arroz” e assim por diante, aproveitamos para explicar que temos que nos alimentar bem para ter uma boa saúde, e crescer e ficar bem grandão como o papai e a mamãe, depois lavamos as mãos e fomos jantar,

neste dia foi servido: arroz, salada e carne, eles comeram muito bem, até pediam para repetir o jantar, diziam: — Oh, professora, ou tia, estou ficando bem forte! O Guilherme subiu na cadeira e falou: — Eu sou mais grande que você. Aí veio a professora Professora B e explicou, ele vai crescer também, você é maior, porque é o mais velho da turma, ele respondeu: — Meu irmão também é grandão (ele tem um irmão gêmeo na outra sala), depois levamos todos ao banheiro, fizemos a higiene pessoal e foram embora.

74 - 05/09/07 - Quarta-feira - Mini-Grupo A e B - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, e depois de tomarem de o café da tarde, fizemos a nossa roda de leitura o livro de hoje é “NINGUÉM GOSTA DE MIM?” Autoras: Ruth Rocha e Dora Lorch; Ilustrações: Walter Ono, Editora Ática. Este livro fala que toda criança teme o abandono, a rejeição, a substituição, mesmo que não haja motivo para isso. Este livro procura trabalhar os frequentes medos que surgem na criança quando os pais se ausentam, quando brigam com ela, quando brincam com outra criança... Nas páginas ímpares, ela se vê diante da situação que a angustia, enquanto nas páginas pares se depara com a solução e alívio para a sua tensão, reassegurando assim o seu lugar no mundo.

Aproveitamos esse momento especial para valorizar o “eu” de cada um, chamando pelo nome, perguntando se tinham irmãos, se eles moravam sozinhas, quantas pessoas havia na casa e depois íamos pedindo para todos baterem palmas, pois eles estavam de parabéns, todos sentados e prestando atenção, quando os amigos iam falando, percebemos que eles estão bem mais maduros, pois no começo do ano a maioria não queria sentar-se para prestar atenção, quando um amiguinho falava ou quando a professora queria ler um livro, eles corriam pela sala, e nem davam atenção para a leitura, é um bom progresso.

(foto: roda de conversa) Sara, Gustavo, Kleber Bryan e Lucas Coutinho

Registrei esse dia através dessa fotografia, para mostrar como eles ficam sentados, prestando atenção, e levantam a mão quando querem falar alguma coisa, isso mostra uma mudança de comportamento, bem positiva, eles estão mais calmos, e participam das atividades diárias. Depois fomos jantar, após o jantar fizemos a higiene pessoal e a troca diária e foram embora.

(foto) - Nesta foto, eu, Professora A e a minha turma maravilhosa, após mais um dia juntos e felizes: Emily, Tayla, Júlia L., Júlia S., Lucas A., Lucas E., Sara, Amanda e eu (Professora A, a tia).

75 - 06/09/2007 - Quinta-feira - Mini-Grupo A e B - 18 crianças

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, depois levamos para tomar café da tarde, depois fomos ao pátio externo, onde estávamos arrumando tudo para a festa de aniversário, aniversariantes do mês de agosto, na nossa turma a aniversariante era a Sara, teve bolo bem grande, cachorro quente, suco natural de laranja e bexigas para enfeitar a festa, cantamos parabéns, para o aniversariante do mês e depois servimos os lanches e o suco, cantamos parabéns e cortamos o bolo, todos comeram bem, pois o bolo era bem grande, depois colocamos música para eles dançarem a tarde toda, foi um dia bem divertido, eles adoraram, levaram bexiga para casa. Depois trocamos todos e foram para a casa, até a semana que vem, pois amanhã não tem atendimento, é feriado.

76 - Segunda-feira - 18 crianças - Mini-Grupo A e B - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, trocamos todos, levamos ao banheiro, colocamos os sapatos (tênis), depois foram tomar o café da tarde, após o café, fizemos nossa roda de conversa, o assunto era o fim de semana das crianças, todos sentados iniciamos nosso papo, quem foi passear, neste fim de semana. Júlia L. : — Eu fui passear no parque. (Vários responderam eu também, fui perguntando um a um.) Amanda: — Eu fui passear com a minha irmã grande. Erik: — Eu fui passear com o meu pai!

77 - 11/09/07 - Terça-feira - Mini-Grupo A e B - 22 crianças - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, depois fomos tomar o café da tarde, levamos todos para a área externa, distribuimos giz de lousa, para todos, fizemos duplas, um com o giz para desenhar o amigo e o outro deitava-se no chão, para servir de modelo, a Professora A (eu) comecei a atividade com a Rafaela, ela deitou-se no chão com os braços esticados e eu fiz o contorno de seu corpo, os demais ficaram só observando, em seguida foi comandado para todos fazerem a mesma coisa com os seus parceiros, a coordenadora estava presente nesta atividade, ela filmou tudo, nós observamos que algumas crianças só faziam riscos em volta de uma parte do corpo, Bryan riscou diferente dos amiguinhos o modelo dele era a Tayla, ele fez até risco sobre sua testa dizendo: — Tô fazendo a cabeça dela. A Mirella não quis deitar-se no chão, ficou chorando, o Erik levantou-se e pediu para desenhar, livre e sem modelo, e foi falando o que estava desenhando, a Ariane fez o contorno bem bonitinho, até completou, depois que o modelo levantou-se eu perguntei: — o que está faltando? Ela respondeu, desenhando, os olhos e a boca, os outros mais pequenos faziam espirais em volta dos modelos, O Samuel não quis contornar em volta, fez os desenhos livres; e outros, como o Kelvin, fez linhas circulares espalhadas; outros mais atrás faziam só rabiscos (linhas verticais e horizontais múltiplas) nesta atividade deu para observar e descrever detalhadamente o trabalho da criança pequena, e a sua evolução nos rabiscos iniciais. Depois levamos todos para lavar as mãos (que eles adoram) e fomos jantar, trocamos todos e foram embora.

78 - 12/09/2007 Quarta-feira - Mini-Grupo A e B - Período: Tarde - 18 crianças

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, servimos o café da tarde e depois levamos para a área externa e deixamos brincando livremente e fomos participar da reunião de orientações na sala da direção, com a presença da coordenadora, a orientadora do Avisalá, Paula, e as supervisoras.

Voltamos mais tarde levamos todos para a sala, conversei bastante sobre o projeto e depois levamos todos para jantar após o jantar, trocamos todos e foram embora, na saída algumas mães observaram que na parede tinham as figuras humanas recortadas e coladas na parede do corpo de seu filho pois todos tinham nomes, eles adoraram as crianças apontavam e falavam para a mamãe: — É minha! — Olha eu, eu!

79 - 17/09/07 - Segunda-feira - Mini-Grupo A e B - 23 crianças - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, em seguida, foram tomar café, levamos todos ao pátio externo e a Professora B, voltou para arrumar a sala, hoje fizemos os cantinhos: de livros, de bonecas, de carrinhos com garagem, de cozinha, de penteadeira com maquiagem, fizemos até cabaninha, com os lençóis. (Foto 1): Professora B preparando a cabaninha, com os lençóis, amarrando com barbante na lousa até a janela.

Depois trouxemos as crianças para a sala e eles sozinhos foram para os cantos que quiseram, teve interesse por todos os cantos, o que ficou bem movimentado e procurado foi o

de livros, ate teve disputa por alguns livros, mais coloridos, o da cozinha, foi o que despertou menos interesse.

(Foto 2): O cantinho dos livros, o tempo todo, muito procurado, a Ariane ficou o tempo todo nesse cantinho. A Amanda até debruçou-se sobre a mesa para olhar melhor os livros, o Samuel ficava encantado com os bichos que estavam em seu livro. A Rafaela só queria puxar os livros sem abrir nenhum, queria pegar todos para ela.

(Foto 3): O cantinho da casa de boneca tem até telhado de lençol, a Júlia S. e a Júlia L. ficaram sentadas brincando de boneca, conversando como duas mães com as suas filhas, a Sara pegou a boneca e começou a pentear os cabelos, a Tayla ficou só observando a conversa das Júlias.

(Foto 4): detalhe de todos os cantinhos, nessa foto dá para observar o Guilherme que não pára, ele vai em todos os cantinhos, e a Rafaela já saiu de um canto e já foi para outro. No canto da cozinha que é perto da janela, não tem nenhuma criança, eles não se interessaram por esse canto.

(Foto 5): O cantinho de beleza (penteadeira), a Rafaela saiu de um cantinho e foi para o outro, ela penteou os cabelos (foto 6) e passou batom, não quis sair deste canto, ficou até o final, a Mirella escolheu esse canto e ficou se passando batom até a cara ficar toda borrada e dava risadas, quando olhava no espelho; depois parou e ficou se observando sua imagem no espelho (foto 6); depois a Amanda veio também passar batom (foto 5).

(Foto 7): Olha só, como a Rafaela ficou, até nas mãos ela passou batom, depois olhava no espelho, para passar mais, mais até no final da brincadeira.

(Foto 8): Depois de pentear a boneca, a Sara veio também passar batom, olha como ela sabe passar bem direitinho.

(Foto 9): O cantinho do carrinho, o Kleber, o Lucas, o Jorge, o Gustavo, o Bruno, o Kelvin ficaram brincando bem descontraídos até faziam o barulho dos carros.

(Foto 10): O cantinho da garagem era embaixo da mesa, o Bryan sentou-se no chão para brincar, o Erik ficou de joelhos. O Guilherme adora ficar embaixo da mesa.

Depois recolhemos todos os brinquedos com a ajuda das crianças, mas eles iam recolhendo e reclamando queriam brincar mais um pouco, mas já estava na hora do jantar.

80 - 18/09/07 - Terça-feira - 23 crianças - Mini-Grupo A e B - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças com a rotina de trocar, colocar os sapatos, levar ao banheiro, em seguida tomar o café da tarde, depois voltamos para a sala, colocamos várias mesas, e depois distribuimos folhas de papel sulfite e lápis de cera, pedimos que eles desenhasssem o corpo do amigo, o que eles viam, como eles eram o rosto e o corpo, tudo que eles viam nos amigos, colocamos música de fundo, para eles relaxarem, tiramos fotos dessa atividade, observamos que alguns já começam a fazer círculos como se estivessem desenhando a cabeça, outros ainda estão só no rabisco, pois são menores, vieram do berçário, no 2º semestre mas estamos contentes, pois eles já ficam sentados, tentando fazer as atividades junto com os maiores, vejam as fotos →

Foto 1. A Júlia, observando o Kelvin, desenhando o seu rosto, o Gustavo só observou, o que a Júlia estava desenhando, só conseguiu rabiscar o papel, ele veio do berçário no 2º semestre, a Vitória também só fez alguns rabiscos ela também veio do berçário, mas observamos que eles ficaram prestando atenção nos desenhos dos amigos maiores, isso é gratificante, pois nas atividades, anteriores eles não ficavam parados, saíam da cadeirinha e corriam na sala.

Foto 2 - Do lado direito, a Mirella desenhando o Bruno, depois ao seu lado o Erik, também desenhando o Samuel, o Bruno um pouco menor só observa, e dá algumas risadas, o Jorge sempre prestando atenção em tudo ao seu redor, o Samuel sempre observador, mais lento, demora para fazer suas atividades.

Depois lavamos as mãos e fomos jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

81 - 19/09/07 - Quarta-feira - Mini-Grupo A e B - 22 alunos - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, com a rotina de trocar, colocar os sapatos e levá-los ao banheiro, depois foram tomar o café da tarde, após o café, levamos todos para a sala, pedimos para todos sentarem no chão, separamos em duplas, distribuimos rolinhos de espuma e depois colocamos uma música bem tranquila, do CD Mãe Bebê da Natura, depois demos explicações e demonstrações como eles iam fazer, nós as professoras fizemos uma na outra o seguinte, passamos o rolinho bem devagar, no nosso corpo e depois no corpo da amiga, pedimos para eles fazerem a mesma coisa, com bastante calma e bem devagar, passando o rolinho, em todo o corpo do amigo, pedimos para tirarem os calçados, para passarem também nos pés essa atividade, faz parte do nosso projeto “O Corpo”, eles davam risadas, quando passavam o rolinho, nos pés, embaixo do braço, na barriga, foi muito legal, tiramos algumas fotos.

Foto 1: A Júlia L. passando o rolinho na perna da Júlia Santana ela adorou dizendo: — Faz cócegas, que gostoso! Estão reconhecendo o seu corpo e dos amigos, a Júlia L. não quis tirar o tênis.

Foto 2: A Ariane passando o rolinho no braço da Sara, ela adorou.

Observamos que algumas crianças, não tiraram os sapatos, outros não deixavam passar na barriga, a Mirella, não queria passar em ninguém, o Erik, que está no fundo dessa foto, não deixou ninguém passar nele, ele só queria correr pela sala, e dava risada dos amigos, depois lavamos as mãos e fomos jantar.

82 - 20/09/07 - Quinta-feira - 23 crianças - Mini Grupo A e B - Período: Tarde

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, depois da nossa rotina de higiene, tomamos café da tarde, e voltamos para a sala, trabalhos nesse dia também em dupla, hoje o material usado é penas amarelas, distribuimos penas para todos e depois fizemos a demonstração como eles teriam de fazer nessa atividade coloquei uma música de fundo, bem calma, e depois peguei a pena e fui fazendo a demonstração na Professora B e depois ela fez também em mim, Professora A, teriam que passar a pena em todo o corpo do amigo, até no rosto e na cabeça também, eles adoraram, davam risadas deliciosas, tiramos fotos, observamos que eles já estão fazendo as atividades mais descontraídos e seguros.

Essa atividade faz parte do Projeto: Meu Corpo.

Foto 1: Do lado direito, o Erik não quer fazer essa atividade, está bravo, o Lucas, está passando a pena nas costas do Lucas Coutinho, e o Lucas Coutinho estava passando a pena no Jorge, lá no fundo o Guilherme, só observando, ela vai de um lado para outro, não se descontrai com nada, a Tayla passando no braço do Gustavo e o Gustavo passando a pena na perna da Tayla, eles gostaram não queriam parar, os gestos eram bem suaves! (que gostoso!)

Foto 2: Observando que o Erik estava nervoso, e tirando os amigos que estavam descontraídos e muitos interessados, levantei-me e passei a pena nele até ele ficar mais calmo, atrás de mim a Professora B tentando também relaxar o Guilherme, pois ele não parou nem um minuto, iam em todos os lados da sala, pra-cá e prá-lá, não escolheu nenhum amigo para compartilhar dos carinhos com as penas.

Foto 3: O Lucas Coutinho, bem relaxado, fazendo com que o Jorge também ficasse, no fundo a Vitória e o Kleber, rindo e descontraídos com essa atividade, ela faz parte do nosso Projeto: Nosso Corpo.

Foto 4: A Professora B passando a pena no Guilherme, para ele ficar mais calmo, e ele também fez carícias, passou a pena no pé da professora e dando risadinhas, as outras crianças

ficaram observando. E fizeram a mesma coisa nos amigos, que gostaram muito, dando risadas, todos ficaram bem relaxados.

Foto 5: Samuel de camisa laranja passando a pena no rosto da Emily, e a Mirella passando a pena no Bruno e vice-versa, nessa atividade observei que a Mirella compartilhou e gostou pois na atividade de riscar no chão o corpo do amigo ela não quis deitar-se no chão, só chorou, depois recolhemos todas as penas, e fomos lavar as mãos e jantar, mais um dia gostoso e produtivo, as crianças também gostaram muito.

Até amanhã!

83 - 21/09/07 - Sexta-feira - Período: Tarde - 23 crianças - Mini-Grupo A e B

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, levamos todos para tomar café, após o café, colocamos mesas e cadeiras, para iniciar nossa atividade, hoje é pintura com as mãos, material geléia colorida e papel pardo, pedimos para eles fazerem desenhos livres com o deslizar das mãos e dos dedos, o papel ficou bem colorido, eles adoraram, fizeram bastantes tipos de formas, até alguns pareciam formas humanas, tiramos algumas fotos.

Foto 1 À direita: Mirella, ao lado Bryan, ao lado Bruno, e depois Samuel, todos desenhando com as mãos, passando geléia no papel pardo.

Foto 2 À direita: Júlia Santana, depois ao lado Júlia L., Rafaela, Jorge e Gustavo adorando passar as mãos na geléia, espalhando no papel pardo. Essa atividade também faz parte do Projeto: “Nosso Corpo”, depois lavamos as mãos de todos e fomos brincar no parque, depois fomos jantar, colamos o papel na parede, depois que secou, trocamos todos e foram embora, mais um dia feliz e prazeroso.

84 - 24/09/07 - 21 crianças - Segunda-feira - Período: Tarde - Mini-Grupo A e B

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, fizemos a higiene pessoal e fomos tomar café da tarde, a nossa atividade hoje é desenhar livremente com o material, canetinha hidrocor e papel sulfite, tiramos algumas fotos, íamos falando algumas coisas como exemplos que eles poderiam desenhar, de fundo colocamos um CD de músicas infantis, alguns desenhavam dançando, observamos que nessa atividade estão cada dia mais produtiva, eles estão mais concentrados, e maduros. Até com o material eles já estão sabendo usar com cuidado e atenção, estamos observando que eles estão cada dia mais interessados nas atividades diárias, quando falamos que vamos desenhar ou pintar, eles fazem festa, gritando: — E, e, e, e, que legal! —Oba! Assim que colocamos as mesas e cadeiras, saía todos correndo, querendo sentar-se, para começar desenhar, é muito gratificante, a alegria das crianças.

Foto 1 À direita Jorge, Samuel desenhando no papel sulfite, desenho livre, com canetinha.

Foto 2 Ariane, Amanda, Igor e Kleber desenhando com canetinha.

Foto 3 Richard, Bryan, Kelvin distraídos, desenhando com canetinhas.

85 - 25/09/07 - Terça-feira - Período: Tarde - 22 crianças - Mini Grupo A e B

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, hoje um dia especial, fizemos a festa de encerramento do Projeto: O medo, colocamos máscaras nas crianças, pintamos alguns, eu e a Professora B, também se fantasiamos, eu de noiva fantasma e a Professora B de fantasma da Ópera, depois de prontos fomos para a festa, o refeitório estava todo enfeitado, teve baile, teatro e feitiçaria.

Tiramos algumas fotos.

Foto 1 A Professora B de máscara e algumas meninas Sara, Júlia L., Ariane, Tayla, Amanda e do lado direito o Guilherme de monstro.

Foto 2 Os meninos do lado direito Gustavo, Lucas, Bruno, Gustavo, Jorge, Erick, Kelvin, Igor, Richard e Bryan de máscara de monstro e fantasma.

Foto 3 Eu, Professora A com o traje a noiva fantasma.

Foto 4 O refeitório arrumado para a festa.

Foto 5 A Bruxa fazendo feitiçaria no caldeirão.

Foto 6 A Professora B com as crianças no baile.

25/09/2007: Encerramento do Projeto: O Medo

86 - 26/09/07 - Quarta-feira - Período: Tarde - 21 crianças - Mini Grupo A e B

Iniciamos nossas atividades, logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, e depois tomar o café da tarde, hoje fizemos o dia do conto, sentamos todos no chão, em volta da Professora B e fizemos a leitura do livro: A Galinha Xadrez, autor: Rogério S. Trezza, editora: Brinque-Book, este livro fala de uma galinha muito trabalhadeira, mas ela tem três amigos que não gostam de fazer nada. Tiramos algumas fotos, as crianças adoram quando a gente lê para eles, prestam bastante atenção, levantam a cabeça curiosos, quando mostramos as figuras do livro.

Foto 1 - A Professora B lendo o livro e mostrando as figuras do livro, todos olhando curiosos.

Foto 2 - Todos olhando curiosos e prestando muita atenção na leitura;

Depois da leitura, comentamos o que aconteceu com a galinha e seus amigos, falamos que devemos respeitar os nossos amigos e valorizar as suas qualidades, em seguida fomos todos na quadra brincar um pouco livremente, fizemos algumas rodas de conversa, outros brincavam livremente, cantamos, algumas músicas de roda, depois levamos todos para lavar as mãos e fomos jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

87 - 27/09/07 - Quinta-feira - Período: Tarde - 22 crianças - Mini Grupo A e B

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, depois foram tomar o café da tarde, logo após o café iniciamos nossa atividade, hoje com movimentos corporais, com algumas brincadeiras, como duro-mole, estátua, morto-vivo, pega-pega e assim por diante, tiramos algumas fotos, colocamos o CD da XUXA, com músicas de movimentos, seguimos alguns movimentos direcionados e depois movimentos soltos e espontâneos, elas adoraram, ficaram bem felizes e descontraídos.

Foto 1 - Essa foto ficou muito interessante eles fizeram a pose em frente à sombra do seu corpo do papel colado na parede. Vitória, Mirella e Bruno.

Foto 2 - Movimentos e gestos espontâneos.

Depois dessa atividade, inserida em nosso projeto: Meu Corpo, levamos todos ao parque, para brincarem livremente, após a volta do parque fizemos a higiene pessoal e foram jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora.

Até amanhã!

88 - 28/09/07 - Sexta-feira - Período: Tarde - 23 crianças - Mini Grupo A e B

Iniciamos nossas atividades logo após o despertar das crianças, levamos todos ao banheiro, colocamos os sapatos, e depois foram tomar o café da tarde, após o café, iniciamos a roda de leitura: O livro lido hoje é A Vassoura Encantada, Autor: Chris Van Allsburg, conta a trajetória de uma vassoura mágica, como no projeto anterior, O Medo, eles adoraram contos e histórias de bruxas, escolhemos essa história, ouviram a história bem curiosos e atenciosos,

nem piscavam para ver as figuras, depois de feita a leitura, colocamos um pano no chão com vários livros, para que eles pudessem pegar para ler ou apenas olharem, colocamos também um livro da Vassoura Encantada que acabamos de ler, esse foi o mais disputado, mas os outros também foram bem procurados, principalmente os mais coloridos. Tiramos fotos, para registrar esse momento prazeroso.

Foto 1 - A esquerda o Gustavo com o livro A Galinha Xadrez e o Samuel e a Vitória também pegaram este livro a história lida no dia 26/09/07, que curioso, eles procuraram livros já lidos anteriormente.

Foto 2 - À esquerda o Kleber, o Guilherme e a Júlia parecem que estão lendo de verdade, viram as páginas bem devagar.

Foto 3 - Passando um pouco do tempo já começam a levantar-se procurando livro do outro lado, o Guilherme já trocou de livro várias vezes, a Júlia está pedindo o livro A Vassoura Encantada que está do outro lado do pano. O Kelvin mostra a figura do livro para o amigo dando risada.

Eles ficaram bastante descontraídos, quando passou a hora bem rapidinho, nem perceberam que já estava na hora do jantar, lavamos as mãos de todos e foram jantar, após o jantar trocamos todos e foram embora. Obs.:

Na foto 4, que está na outra folha, vamos ver quem pegou o livro da A Vassoura Encantada, foi a “Amanda”, que estava olhando e folheando bem curiosa.

Média de presenças = 19,7 crianças

ANEXO B

REGISTROS MINI-GRUPO C e D

1 - 30/3/2007 - 22 crianças –

Atividade: História – A poção da confusão, de Ann Rocard e François Ruyer

Objetivo: Oferecer condições para a criança ampliar seu repertório.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos as crianças em círculo sentadas nas cadeiras, na parte externa do C.E.I. Comecei convidando a todos para prestarem atenção e mostrei o livro novamente e perguntei qual era o nome da história.

Luís Felipe foi o primeiro a dizer o nome da história e todos o acompanharam.

Observações:

As crianças contaram a história respondendo tudo que eu perguntava. Gustavo mostrou com gesto quantos ovos a bruxa foi buscar. Todos participaram entusiasmados e com bastante interesse. É o último dia dessa história, atingimos o nosso objetivo porque algumas crianças que não participavam, participou; todos se interessaram demonstrando alegria no decorrer das atividades, através de perguntas feitas pela professora, eles desenvolveram o raciocínio, a imaginação e a fantasia ao respondê-las e no momento de reproduzir a história.

2 - 02/04/2007 - 19 crianças

Atividade: História Bruxa, bruxa, venha à minha festa - Autor: Arden Druce

Objetivos: Oferecer condições para a criança:

- progredir na linguagem oral;
- ter discriminação visual;
- manusear livros;
- saber a sequência dos personagens.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com cadeiras em círculo para as crianças sentarem e ouvirem a história. Mariah foi a escolhida para mandar os convites. Como a maioria das crianças já conhecia a história fui contando-a, e mostrando os personagens e eles iam falando qual era o próximo.

Observações:

Luís Felipe soube responder a sequência de todos os personagens. Ele viajou na história dizendo para eu tirar a mão de perto da boca do tubarão, porque senão ele ia me morder. No momento que leio do personagem lobo mau as crianças cantaram a música do lobo: QUEM TEM MEDO DO LOBO MAU. Algumas crianças manusearam o livro: Gustavo foi o primeiro a ver o livro e não queria devolvê-lo. Thalita olhou o livro, parecia que estava lendo. Marcos, Gabrielle, Maurício, Thalita, Natacha não se pronunciaram nas respostas.

3 - 03/04/2009 - 21 crianças -

Atividade: História – Bruxa, bruxa venha à minha festa

Objetivo: Oferecer condições para a criança:

- memorizar a história;
- contar a história.

Desenvolvimento da atividade:

As crianças sentadas, no chão, em círculo.

Hoje é a Bruna a criança que dará a festa, e escreveu os convites.

Observações:

A professora perguntou para a Bruna: o que irá ter na sua festa? As crianças ajudaram-na, respondendo: bala, bolo, salgadinhos, pirulito... No decorrer de toda a história as crianças foram falando os nomes dos personagens da história. Participaram com entusiasmo prestando bastante atenção. A história foi contada através de algumas perguntas como: *Quem vai à festa da Bruna?* Todos responderam: Eu!! *Quem vai usar roupa bonita?* O Luís Felipe disse: vou vestir a roupa do Batman. *E do livro, quem vai à festa?* Eles responderam: tubarão, cobra, gato, bruxa... À medida que a professora foi mostrando as figuras, eles foram respondendo. No final, cantaram parabéns para a Bruna. O Fabrício por decisão própria, levantou, foi no meio da roda cantando. Formou-se uma roda, pedimos para a Bruna ficar no meio, cada um falou o presente que vai levar (dar a ela): Luís – Barbie; Caroline – sandália...

4 - 04/04/2007 - 19 crianças

Atividade: História – Bruxa, bruxa venha à minha festa

Objetivo: Oferecer condições para a criança:

- se manifestar durante a história.

Desenvolvimento da atividade:

Hoje a história foi contada com a participação das crianças no decorrer da mesma. Gabrielly era a dona da festa. Aproveitei a história para falar sobre higiene: a importância do banho (estar sempre limpo e cheiroso), escovação, antes de sair de casa para ir a qualquer lugar (shopping, escola, parque...)

Observações:

As crianças já conhecem todos os personagens e sabem toda a sequência da história. Marcos, por ser muito tímido, não tinha se manifestado ainda sobre as histórias, hoje ele fez alguns comentários. Todas as vezes que estamos contando a história chega na parte que fala do tubarão ele fala que é para tirarmos a mão da boca dele porque senão ele vai nos morder.

5 - 05/04/2007 - 22 crianças

Atividade: Festa da Páscoa

Objetivo: Oferecer condições para as crianças se socializarem.

Desenvolvimento da atividade:

A festa ocorreu no refeitório com todas as crianças do CEI. Na festa tinha bolo recheado, bexigas, suco e músicas (CD). Na hora de comer, as crianças sentaram e comeram o quanto quiseram.

Observações:

Cada criança comeu sozinha, sem ajuda das professoras. Não fizeram muita sujeira. Aproveitamos a festa da Páscoa para encerrarmos o nosso projeto e a história da semana, que tem o título BRUXA, BRUXA VENHA À MINHA FESTA.

AVALIAÇÃO DO PROJETO

Através desse projeto tivemos a oportunidade de observar o nível de linguagem oral, raciocínio lógico que cada criança se encontra. Alcançamos os nossos objetivos pelo fato de termos percebido o quanto todas as histórias trabalhadas envolveram todas as crianças de uma forma integral, ou seja, eles participaram das mesmas com interesse, alegria, entusiasmo; alguns no início desse projeto não falavam nada, no final já estava falando; teve criança que até viajou na história! Trabalhando esse projeto foi uma experiência muito grande para nós, pois também aprendemos com as crianças, vimos o quanto elas sabem e a capacidade que cada uma tem.

6 - 09/04/07 - 17 crianças

Atividade: Roda de conversa com vários assuntos: PÁSCOA, O QUE MAIS GOSTA, SER AMIGO, PROFESSORA E NÃO TIA...

Objetivo:

Oferecer condições para a criança expor seus sentimentos, idéias; desenvolver raciocínio e a linguagem oral.

Desenvolvimento da atividade:

Na sala, sentamos no chão em círculo. Primeiro deixamos eles falarem à vontade e quem quisesse falar. Depois em individual fizemos as seguintes perguntas: *Você comeu ovo de Páscoa? Você ganhou ovo de Páscoa? Quem deu o ovo para você? Era gostoso?*

Observações:

A maioria das crianças respondeu o que perguntamos e falou outros assuntos, como: o Kaique mostrou as tatuagens que a mãe dele fez no braço e nas costas; o Gustavo falou que caiu da cadeira, em casa, e machucou o rosto. Através dessa roda de conversa as crianças aprenderam que somos professoras e não tias. Algumas ainda não sabem pronunciar a palavra PROFESSORA, mas aceitaram que somos professoras. Hoje foi uma conversa muito interessante.

7 - 10/04/07 - 19 crianças

Atividade: História: O circo - Ivan e Marcello

Objetivos: Desenvolvimento da concentração, realidade, gosto pela história etc.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos o ambiente com colchonete em um canto da sala e passamos o livro para as crianças manusearem e explicamos o título da história.

Observação:

As crianças se concentraram e prestaram a atenção, terminando todas bateram palmas. A professora fez perguntas sobre a história, para observarmos se eles tinham realmente prestado atenção. Luís Felipe respondeu a maioria das perguntas (ele já consegue recontar as histórias em detalhes). Todos participaram.

8 - 11/04/07 - 22 crianças

Atividades: Cantinhos de: escritório, Barbies, bambolê, boliche, livros e casinha.

Objetivos:

Oferecer condições para a criança:

- socializar-se;
- ter a liberdade de livre escolha;
- desenvolver a percepção de saber esperar sua vez;
- saber repartir os brinquedos;
- aprender a organizar-se.

Desenvolvimento da atividade:

Montamos os cantos na área externa. Enquanto as crianças faziam atividades (ginástica) no solário, a Professora D, junto com a coordenadora, organizou os cantos. Quando tudo estava pronto as crianças escolheram os cantos de sua preferência.

Observações:

Cada criança brincou o quanto quis nos cantos. Gabrielly brincou mais no canto da casinha imitando o como a mãe faz em casa. Depois brincou só um pouquinho com as Barbies. Luís Felipe preferiu o canto das Barbies. Mas não deixou de ir no canto dos livros levando as

bonecas. Por não termos oferecido em nenhum momento bambolê, achávamos que eles não iam ter interesse pelos bambolês, para nossa surpresa a metade das crianças brincou bastante nesse canto. Mesmo a professora incentivando e ensinando o como jogar boliche, eles não tiveram interesse em brincar. Apenas quatro crianças brincaram um pouquinho. No canto de escritório somente algumas crianças brincaram, mas não tiveram interesse em permanecer por muito tempo. A única curiosidade deles foi mexer no teclado. O canto de livros foi organizado com os que havíamos trabalhado no projeto e alguns diferentes. Portanto eles manusearam os livros que mais conheciam. Enfim, os cantos que as crianças mais preferiram foram dos livros e das Barbies. Mas a maioria brincou em todos os cantos.

9 - 12/04/07 - 22 crianças

Atividade: Parque

Objetivo: Desenvolvimento da socialização entre as crianças.

Desenvolvimento da atividade:

Levamos as crianças na parte externa, onde se encontravam todas as crianças.

Observação:

As crianças brincaram muito e inventaram várias brincadeiras, os maiores ficaram atrás dos pequenos cuidando cuidadosamente. Algumas crianças brincaram de futebol e outras de roda e um grupinho de meninas brincou de cabeleireira. Foi muito proveitosa a nossa tarde e todas se socializaram.

13 de abril – Reunião Pedagógica

10 - 16/04/07 - 16 crianças

Atividade: Brincar com motoca e sucatas na área externa.

Objetivos:

Oferecer condições para a criança:

- esperar a vez;
- repartir os brinquedos.

Desenvolvimento da atividade:

Na área externa distribuímos oito motocas e um caixote de sucatas. Enquanto algumas crianças brincavam com motocas, outras brincavam com sucatas. Depois trocaram e brincaram no parque.

Observações:

As crianças brincaram com calma. Só o Kaique não queria parar de brincar com a motoca. O Fabrício caiu do toco e ralou o nariz.

11 - 17/04/07 - 18 crianças

Atividade: Corre-cotia

Objetivo: Desenvolvimento da coordenação motora, socialização, regras, cooperar com os colegas, respeitar o direito do outro, assumir responsabilidade, a dar oportunidade aos demais.

Desenvolvimento da atividade:

Levamos as crianças para a parte externa do CEI e fizemos uma grande roda e convidei a todos para sentar com perninha de borboleta e em círculo.

Observação:

Todas as crianças participaram e esperaram sua vez, não saíram do círculo e cantaram com entusiasmo. Eles gostam muito de brincar de corre-cotia e já sabem a letra.

12 - 18/04/07 - 19 crianças

Atividade: Brincadeira livre no parque com o mini-grupo A-B.

Objetivo:

Oferecer condições para a criança socializar com crianças das outras salas e dividir o espaço.

Desenvolvimento da atividade:

Na área externa (parque), deixamos as crianças brincarem umas com as outras livremente.

Observações:

Brincaram bastante no parque. A maioria das crianças sabe escorregar e descer pelo ferro. Correram em volta da casinha, andaram sobre o murinho. Enfim, exploraram todo o espaço sem brigas.

Destacado no texto: O Alan foi embora +/- às 13h para ir ao médico. Quem veio buscá-lo foi o pai. A Geovana, Emily e o Alexandre vomitaram.

+/- 14h

+/- 14h

+/- 16h47

13 - 19/04/07 - 20 crianças

Atividade: Colagem de papel picado

Objetivo: Desenvolvimento da coordenação motora grossa.

Desenvolvimento da atividade:

Distribuímos uma folha e alguns papéis picados bem coloridos para cada criança, passamos cola e orientamos para todos colarem o papel, fazendo o que quisessem.

Observações:

As crianças gostaram e exploraram bem o papel, algumas disseram que estavam fazendo alguma coisa. Bruna e Guilherme disseram que estavam montando uma árvore, Marcos um carro, Alan o homem aranha, Luís Felipe uma flor, Alexandre, Thalita, Wesley, a Bruxa. Os demais apenas colaram – exploraram as cores e o espaço.

14 - 20/04/07 - 18 crianças

Atividade: Cantigas de roda: ciranda-cirandinha; se eu fosse um peixinho.

Objetivo:

Oferecer condições para a criança:

- Desenvolver a coordenação motora;
- Desenvolver a linguagem.

Desenvolvimento da atividade:

Na área externa fizemos uma grande roda.

Observações:

Todas as crianças participaram. A maioria já sabe cantar essas músicas acima. Estamos ensinando-as a formar roda, no final da brincadeira elas já estavam mais organizadas. Todos brincaram com interesse até terminar a brincadeira. Vitória Rafaelle e Bruna cantaram todas as músicas. Emily foi ao meio da roda imitando o verso que a Prof. Professora D contou. Ela lembrou de algumas partes do verso.

15 - 23/04/07 - 20 crianças

Atividade: História – O Ursinho Apavorado - Autor: Keith Faulkner - Cia. Das Letrinhas

Objetivo:

Desenvolvimento da linguagem oral, concentração, emoções etc.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com colchonete tipo sofá e apresentamos o livro para as crianças. Observamos que eles já conheciam o livro e algumas crianças pronunciaram o nome da história.

Observação: Durante toda a história eles ouviram prestando bastante atenção, pois eles já conheciam a história. O que mais gostaram era imitar o ursinho chamado papai. Como já conheciam, eles já sabiam qual era o personagem que vinha a seguir. Luís Felipe pediu várias vezes para contar a história, portanto ele foi o primeiro a manusear o livro e contar a história. A todo momento fazia perguntas para perceber se todos tinham prestado atenção. Todas as crianças esperaram a sua vez para manusear o livro e tentar contar a história, eles ficam ansiosos nesses momentos ao término de cada história, mas já estão sabendo esperar a sua vez. Como a história falava de escuridão, improvisei apagando a luz e fechei as cortinas para as crianças sentirem o que é escuridão e no momento que ia aparecer o personagem fazia um barulhão com tom de voz bem alto, imitando o som do personagem. Todos ficaram quietos e temerosos, teve um momento em que o Alexandre ficou com medo e chorou. Usei várias estratégias para alcançar meu objetivo. Fiquei surpresa quando perguntei para todos do por que o Ursinho estava com medo, achei que eles iam responder o nome dos personagens, mas Bruna logo respondeu que era do escuro. Todos gostaram da história e participaram, eles adoram esse momento.

16 - 24/04/07 - 19 crianças

Atividade: História O Beco da Rua, de Humberto Borém

Objetivo:

Oferecer condições para que a criança:

- Tenha o gosto em ouvir histórias.

Desenvolvimento da história:

As crianças sentadas num dos cantos da sala. Apresentação do livro e do autor. Durante todo o tempo que a história foi contada, as crianças participaram falando o nome das figuras e cantando. No final da história algumas crianças manusearam o livro.

Observações:

As crianças ficaram atentas durante toda a história ouvindo e observando bastante as figuras. Bruna e Geovana quando viram as estrelas quiseram cantar a música Brilha, brilha estrelinha. Bruna memorizou o nome da história. Maurício tenta falar algo, mas não dá para entender. No decorrer da história chamei algumas crianças para procurar mostrando os animais para as outras crianças. Alexandre a cada dia está ficando mais interessado pelas histórias. Luís Felipe acertou a maioria das perguntas. Todos quiseram manusear o livro e ver as ilustrações de perto.

17 - 25/04/2007 - 19 crianças

Atividade: História: Pepita e a piaba - Autor: Solange A. Fonseca Gontijo

Objetivo:

Desenvolvimento da ampliação do repertório; desenvolvimento da memorização e o despertar das emoções etc...

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos o ambiente com colchonete em círculo, e convidamos todos para sentar. Começamos explicando o que era uma piaba e mostramos as ilustrações.

Observações:

As crianças prestaram bastante atenção, e ficaram atentas nas ilustrações. Perguntei quem já tinha ido pescar? Vitória Cristina disse que já foi com o papai e pescou um peixe grande. Mariah também se pronunciou e disse que já foi com o papai. Comentei alguns momentos da história para ver se eles tinham prestado atenção, fiz algumas perguntas e a maioria soube responder. Hoje Bruna, Mariah e Vitória C. não se concentraram na história. No momento que

eles viram a tartaruga ficaram entusiasmados, pois acreditamos que seja por todos já conhecerem uma tartaruga. Luís Felipe disse que no mar tem tubarão e que ele morde. Terminando todos folhearam o livro. Estamos tendo a participação de todas as crianças nas histórias, eles aguardam ansiosos por este momento.

18 - 26/04/2007 - 23 crianças

Atividade: História: O Casamento da Leoa

Terezinha Alvarenga

Objetivo:

Oferecer condições para a criança:

- saber ouvir o outro;
- falar no momento certo.

Desenvolvimento da atividade:

As crianças sentadas à vontade pela sala. A história é em forma de verso, contada com entonação de acordo com as rimas. Comecei apresentando o livro e o autor.

Observações:

No começo da história as crianças ficaram atentas e mostrando interesse. O Maurício, então, nem piscava olhando o livro, até tentou responder algumas perguntas. Rafaela, Bruna, Fabrício, Alan, Kaique e Luís Felipe conseguiram responder algumas perguntas. Em relação às outras crianças, uns são tímidos, outros ainda não usam a linguagem, para expressar os próprios pensamentos. Hoje eu fiz diferente; todos nós ficamos em silêncio enquanto eu folheava o livro; as crianças ficaram atentas. Depois fizemos alguns comentários como: antes de irmos a alguma festa, ou passeio, o que devemos fazer? Algumas crianças responderam: tomar banho, pentear os cabelos...

19 - 27/04/07 - 16 crianças

Atividade: História: A Galinha Ruiva

“Mundo da Criança” (conto popular inglês).

Objetivos:

Desenvolvimento da linguagem oral, gosto pela história etc... (E a importância de ajudar uns aos outros).

Desenvolvimento da atividade:

Organizei o ambiente com colchonete tipo sofá. Apresentei o livro e os personagens.

Observação:

Todos prestaram muita atenção e ouviram a história em silêncio. Gustavo por sua vez não se contentou e pronunciou os personagens. As crianças estavam ansiosas para terminar a história, só para manusear o livro. Fiz algumas perguntas e Luís Felipe, Fabrício, Gustavo, Vitória Rafaela foi os que mais responderam. Passei o livro para que todos manuseassem, ficaram ansiosos esperando a vez, todos participaram. O objetivo da história foi de que temos que ajudar uns aos outros, por esse motivo expliquei e reforcei qual a importância de ajudarmos os colegas e repartirmos os brinquedos. “Curiosidade é a palavra-chave do mundo da criança.” Os conteúdos do mundo da criança foram criados para ajudar as crianças a saciar seu desejo de descobrir como o nosso mundo funciona. Eles foram desenvolvidos para ser as ferramentas de uma exploração intuitiva e divertida, porque sabemos que elas aprendem mais quando estão se divertindo. Respeitando a inteligência das crianças, por isso só criamos produtos que sejam fortalecedores (...)

20 - 02/05/07 - 18 crianças

Atividade: História: Os três carneirinhos - Um conto popular norueguês.

Objetivos:

Oferecer condições para a criança desenvolver a imaginação;

Conhecer o animal carneirinho.

Desenvolvimento da atividade:

As crianças sentadas nos colchonetes em círculo. A história foi contada primeiro e depois foram feitas perguntas. Depois da história as crianças manusearam os livros, entre eles estavam os já trabalhados neste projeto.

Observações:

As crianças prestaram atenção, inclusive o Luís Felipe. No decorrer da história algumas crianças (Gabrielly, Luís Felipe, Gustavo, Bruna) pediam para ver o livro. Guilherme soube responder qual é o nome da história. Luís Felipe falou os nomes dos animais da história. Bruna respondeu que o carneirinho jogou o troll na água. Cada dia que passa eles gostam mais e mais de história. Fabrício pediu para contar a história da Galinha Ruiva. E ficou quietinho para ouvir a história dos Três Carneirinhos. O Gustavo rasgou o livro da Piaba.

21 - 03/05/07 - 20 crianças

Atividade: História: O Leão e o Rato - Uma fábula grega

Objetivos:

Desenvolvimento da curiosidade e imaginação etc...

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com cadeiras em círculo. No primeiro momento apresentei o livro e o nome da história, enfatizei o tamanho do leão e do ratinho com gestos e mostrando os personagens. As crianças ouviram a história com muita atenção e curiosidade, observando atentamente as gravuras do livro.

Observação:

A cada dia que passa o Gustavo demonstra mais interesse pelas histórias participando das mesmas. Hoje ele argumentou em vários momentos no decorrer da história. Alexandre também está desenvolvendo a cada dia a sua fala, demonstra interesse – está participando quando pergunta. Bruna está sempre disposta a responder as perguntas e não erra, presta muita atenção. Todos participaram da história e a cada dia estão mostrando interesse e estão participativos em todos os momentos.

22 - 04/05/07 - 19 crianças

Atividade: História: Lelé e o jacaré maluco, de Solange Avelar Fonseca Gontijo

Objetivo: Oferecer condições para a criança desenvolver a criatividade e a imaginação.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com colchonetes em círculo. Apresentação do livro. Primeiro contei a história, depois fiz algumas perguntas e por último cada criança manuseou o livro. No final o Luís Felipe contou a história mostrando as figuras.

Observações:

Luís Felipe argumentou em todo momento da história, falou a cor do jacaré. No decorrer da história a Mariah disse que tem tartaruga na casa dela. Prestou atenção na história e chamou atenção de uma criança que estava beliscando a outra (Guilherme e Natacha). Thalita hoje se pronunciou admirando ao ver a tartaruga. Eles mesmos chamam a atenção um do outro quando faz bagunça como por exemplo: Bruna disse que o Gustavo não ia ver o livro porque estava brigando e brincando durante a história. Isso mesmo que aconteceu hoje, o Gustavo

ficou atrapalhando os colegas que estavam ao seu lado. Enquanto as crianças manusearam o livro, cantei com eles a música do jacaré. Enfim, todas as crianças estavam muito atentas e participativas na história e na música.

23 - 07/05/07 - 19 crianças

Atividade: História: “A história do tatu” – Supervisão pedagógica Prof. Madalena Freire

Objetivo: Desenvolvimento da linguagem oral, apresentação de animais que eles não conhecem, e de alguns instrumentos musicais.

Atividade:

Organizei a sala em círculo e apresentei o livro, perguntei quem sabia o nome do bichinho, a maioria acertou e o restante que não conhecia queria ver mais de perto.

Observação:

Hoje as crianças estavam agitadas e não estavam prestando atenção na história, mesmo assim consegui contar, e mesmo com a falta de interesse algumas crianças prestaram atenção, fiz algumas perguntas e como sempre Luís Felipe tirou de letra acertou todas. Como a história falava de banda e música, convidei a todos para cantarmos, estávamos ensaiando uma música para o Dia das Mães, aproveitei a história e o desinteresse das crianças e reforcei a música para ver como eles estavam, e se já tinham memorizado a letra. Para a minha surpresa eles se interessaram mais pela música, cantamos todos juntos e chamei um de cada vez para ir ao centro da roda para cantar; os mais tímidos mesmo com vergonha cantaram baixinho, mas cantaram, hoje eles tiveram a preferência pela música, não se interessaram pela história. As crianças estão com o desenvolvimento da linguagem oral muito bom, a cada dia eles estão se aperfeiçoando na linguagem e falando mais, as crianças que não se manifestavam nas pronúncias hoje estão conseguindo falar. Acredito que a música e a história estão ajudando nesse desenvolvimento.

24 - 08/05/07 - 21 crianças

Atividade: História: Qual é a cor do amor? de Linda Strachan e David Wojtowycz, Brinquebook

Objetivo:

Oferecer condições para a criança:

Desenvolver a percepção visual e a linguagem.

Desenvolvimento da atividade:

As crianças sentadas à vontade do lado esquerdo da sala. Apresentação do livro. À medida que ia contando a história, mostrava as figuras. Depois foram feitas algumas perguntas.

Observações:

Maria Eduarda ia argumentando durante a história. Hoje ela prestou muita atenção. Luís Felipe gostou bastante da história que não desviou atenção em nenhum minuto, respondeu as perguntas e argumentou. O Kélvyn e a Mariah não prestaram atenção, ficaram mexendo com os colegas. Alan, Caroline, Bruna, Maria Eduarda, Maurício, Gabrielly ficaram bem perto de mim para ver de perto o livro e pediram o tempo todo para pegá-lo. De uma forma geral, todas as crianças prestaram atenção e amaram a história.

25 - 09/05/07 - 16 crianças

Atividade: A Galinha Xadrez, autor: Rogério S. Trezza

Objetivo:

Desenvolvimento da importância de ajudar o amiguinho.

Desenvolvimento da atividade:

Organizei a sala com colchonete tipo sofá. Apresentei o livro e o título da história.

Observação:

As crianças hoje ficaram muito atentas com a história, prestaram bastante atenção e não argumentaram durante a história. Mauricio ainda não tem o desenvolvimento da fala desenvolvida, estamos trabalhando bastante com música para ajudá-lo. Ele ouviu-a com muita atenção. Demonstra estar feliz e interessado pelas histórias. Todas as crianças falaram que gostaram da história. Fiz algumas perguntas e a maioria soube responder, passei o livro para as crianças manusearem e junto com elas fui comentando novamente.

26 - 10/05/07 - 22 crianças

Atividade: História: A festa na floresta - Autor: Cíça

Objetivo:

Oferecer condições para que a criança se concentre no decorrer da história.

Desenvolvimento da história:

As crianças sentadas à vontade pela sala.

Observações:

Todas as crianças estavam muito agitadas, acredito que era por causa da festa de comemoração do dia das Mães. Nesse dia não foi possível terminar de contar a história. Mudamos de atividade. As crianças foram brincar na quadra.

27 - 14/05/07 - 15 crianças

Atividade: História: O Piquenique de Nique e Pique - Autor: Mauricio Veneza

Objetivo:

Desenvolvimento do raciocínio, imaginação, criatividade etc...

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com colchonete tipo sofá, e apresentei o livro e os personagens. O nosso livro hoje tinha mais figuras e não texto, só tinha uma fala na última folha. Por conta disso a história foi contada usando mais a imaginação das crianças, a todo momento pedia a ajuda deles para provocar a imaginação, e assim juntos concluímos a história.

Observação:

Um livro muito criativo que ajudou no desenvolvimento da imaginação das crianças, todos observaram atentas e ajudaram nas pronúncias das falas, e todos quiseram manusear o livro. Bruna e Luís Felipe como sempre estão (...) em todas as falas.

28 - 15/05/07 - 20 crianças

Atividade: História: A felicidade das borboletas, de Patrícia Engel Secco

Objetivo:

Oferecer condições para a criança:

- adquirir discriminação visual como: cores, qual animal etc.
- ser um ser observador.

Desenvolvimento da atividade:

Na área externa, pedimos às crianças para sentarem nos colchonetes que foram organizadas em círculo. À medida que lia o texto, mostrei a figura. Ao terminar a história fiz algumas perguntas.

Observação:

A história fala de borboletas e durante essa atividade a Geovana observou uma borboleta voando perto da árvore. Algumas crianças como a Thalita, Gustavo, Mariah, Natacha e o Kélvyn não se concentram nas histórias, se dispersam com qualquer coisa.

A maioria das crianças participou da história comentando sobre ela e respondeu o que perguntei como: - Quem gostou da história? - A borboleta voa ou anda como nós? - Quais são as cores dessas borboletas? E outras... Ao terminar a história, ao invés de irem brincar no parque algumas crianças (Guilherme, Emily, Gustavo) ficaram esperando para manusear o livro. O interessante é que eles ficaram mais ou menos uns vinte minutos vendo e contando essa história.

29 - 16/05/07 - 21 crianças

Atividade: História: A Centopéia que sonhava. Autor: Hebert de Souza (Betinho)

Objetivo: Desenvolvimento do despertar da importância de ter um amigo

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com cadeirinhas em círculo, cada criança trouxe a sua. Apresentei a história e o livro, reforcei a importância de prestar atenção no momento em que a professora conta a história. À medida que lia o livro, mostrava as figuras. Todos observaram atentos.

Observação:

Hoje como estavam agitadas mudei de estratégia, fiquei no centro do círculo, circulando com o livro, lendo o texto mostrando os personagens, tentando chamar a atenção de todos. As crianças mostraram mais interesse na parte em que a centopéia voou nas costas do peixinho. A cada virada de página Luís Felipe demonstrava interesse e curiosidade para saber o que vinha depois. A Vitória P. não se interessa por histórias. Nesse momento ela fica conversando, olhando para os lados, escorregando na cadeira, dispersando os amigos. Estamos trabalhando com ela para que ela progrida: em individual chamamos a sua atenção, fazendo perguntas diretamente a ela. Perguntei a todos o nome dos personagens da história. Caroline, Vitória Rafaelle, Luís Felipe, Vitória Cristina, Gabrielle e Fabrício responderam direitinho. Luís Felipe hoje desde a hora que acordou falou sobre a fantasia que eles brincaram de manhã, no momento em que estávamos conversando ele lembrou de novo, pedi para ele falar um pouco sobre o que tinha acontecido, ele relatou alguns fatos e demonstrou que gostou muito e ficou marcante, pois relatou com muito entusiasmo. Aproveitando a história que falava de música, cantamos algumas e todas as crianças cantaram com bastante entusiasmo. A mensagem do livro nos mostrou que sozinhos podemos muito pouco, mas com ajuda e ajudando podemos realizar muitos dos nossos sonhos tentei passar essa mensagem para as crianças usando argumentos que eles compreendam.

30 - 17/05/07 - 18 crianças

Atividade: História: Mas que bicho lagartixo, de Sylvia Orthof

Objetivo:

Oferecer condições para a criança:

- conhecer novos animais;
- aprender a pronunciar os nomes dos animais.

Desenvolvimento da atividade:

As crianças sentadas nos colchonetes em círculo. Apresentação do livro. Na medida em que contava a história, mostrei as figuras. No final perguntei os nomes dos animais que faziam parte da história.

Observações:

Todas as crianças ficaram eufóricas para ver os personagens. Em alguns momentos da história, Gabrielly ficou imitando a fala da professora. Mariah sentou perto da professora, mesmo eu mostrando as figuras, em alguns momentos ela esticou o pescoço para ver os personagens. Hoje ela gostou muito da história, participou, achou graça em algumas partes como quando falei (li) a última página do livro que dizia: ESTA HISTORIA RECOMEÇA SE ALGUÉM BOTAR UM OVO. Também quando eu dei oportunidade para manusearem o livro, depois de ver alguns livros ela queria ver o livro do URSINHO APAVORADO, ficou no lugar dela quieta esperando o Guilherme ver.

Maurício aos poucos está desenvolvendo sua fala, pois tenta nos momentos da história, pronunciar algumas palavras. De uma forma geral, todas as crianças acharam graça na história. Exemplo: Dizia que a papagaia botou uma saia, aproveitei esse momento e usei a saia da Gabrielly e da Rafaelle, falei com rimas, para representar a saia da história. Enfim, nos divertimos muito com a história. As crianças gostaram bastante, acreditamos que seja por termos falado sobre bruxa, uma sequência trabalhada no projeto anterior. Depois dessa atividade distribuí livros, sendo a maioria já trabalhado nesse projeto. As crianças ficaram encantadas com os livros; algumas até lembraram qual de nós que contou a história: - Vitória C. ao ganhar o livro da centopéia logo chamou a professora Professora D, falando: olha a história que você contou! - Vitória R. chamou a professora Professora D e mostrando o livro falou: olha a centopéia está dançando; mostrando a centopéia, disse: ela está pensando. Com isso percebemos que a Vitória já está sabendo “interpretar” imagens. - Gabrielly pegou o livro do TATU e não queria soltar. - Luís Felipe segurou o livro SAPO, não queria deixar os colegas verem. Tivemos que conversar com ele e ajudá-lo a compreender que era para ele ver e passar para os amigos. Ficamos felizes por vermos todas as crianças felizes e encantadas com os livros.

31 - 18/05/07 - 18 crianças

Atividade: História: Por que o sol e a lua vivem no céu – um conto popular africano.

Objetivo: Oferecer condições para as crianças desenvolverem a imaginação, criatividade.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com colchonete-sofá, apresentei o livro e os personagens. Lembrei a todos a importância que temos que ficar quietos no momento da história. Graças ao reforçarmos todos os dias eles já estão conseguindo entender e compreender a importância de prestar atenção. Na medida em que relatava a história, mostrei os personagens e no final, comentei sobre os livros e fiz algumas perguntas.

Observações:

As crianças estavam atentas e curiosas, prestaram bastante atenção e esperaram a vez para se pronunciar. Luís Felipe observou que na história estava faltando estrelas, pois tinha sol, lua e céu, ele teve uma boa percepção e já está conseguindo fazer associações com outras coisas. Maurício ficou atento o tempo todo, ouvindo e observando as figuras. Gabrielle é uma criança muito falante e sempre gosta de argumentar alguma coisa, e está sempre prestando atenção, e tudo que fala tem a ver com a história. Hoje ela relatou todos os personagens sem esquecer nenhum. Quando argumentei o nome dos personagens (animais aquáticos), Fabrício acrescentou o tubarão, que não tinha na nossa história. Ele já está conseguindo fazer associações, isso é muito positivo. Estou sempre perguntando para as crianças mais quietas, para ajudar que eles consigam se expor mais perante o grupo. Estou tendo um resultado bom. As crianças estão participativas na história e a cada dia estão demonstrando prazer nesses momentos. Terminando as crianças construíram um sol, todos colaram um círculo na folha e colaram palitos, ficou lindo.

32 - 21/05/07 - 18 crianças

Atividade: História: Como é que eu era quando era bebê?, de Jeanne Willis e Tony Ross

Objetivo:

Oferecer condições para a criança:

- lembrar do tempo de quando era bebê;
- falar sobre a história;
- esperar a vez do outro falar.

Desenvolvimento da atividade:

As crianças sentadas nos colchonetes, organizados em círculo. Na medida em que eu ia contando a história, dei oportunidade para as crianças argumentarem sobre a história.

Observações:

As crianças ficaram atentas prestando muita atenção. Bruna comentou que a mamãe dela ia comprar um bebê para ela. O tempo todo o Gustavo pediu para ver o livro. Mariah prestou atenção na história e nos amigos. Ela observou que o Kaique tirou o cadarço do tênis e me avisou. Luís Felipe viu as figuras do livro e observou que os sapos estavam dançando. Ele falou também que quando era bebê, ele era pequeno. Falou isso demonstrando com gestos. Hoje as únicas crianças que não se interessaram em ouvir a história foram o Maurício e o Alexandre. Depois, as crianças manusearam o livro contando a história da sua própria forma. Elas não queriam deixar de manusear os livros para brincarem no parque. Foi preciso eu falar que depois da sopa eu ia deixá-los manusear os livros. Para terminar todos cantaram a música do sapo.

33 - 22/05/07 - 23 crianças

Atividade: História: As Minhocas - Autor: Claudio Martins

Objetivo: Desenvolvimento da linguagem oral e dar oportunidade de escolher o livro de sua preferência.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos o ambiente com colchonetes, apresentei o livro e os personagens. Na medida em que ia contando, mostrava as ilustrações. Terminando comentei sobre a história e fiz algumas perguntas.

Observações:

Gabrielly, Bruna pediram o tempo todo para verem as figuras, mesmo mostrando a elas reforçavam que queriam (...). Todas as crianças ouviram toda a história e observaram as figuras em silêncio. Qual era o nome da história? Gabrielly respondeu. O que o pescador juntou na latinha para pescar? Fabrício respondeu. As crianças estão ficando mais quietas e em silêncio por mais tempo para ouvir as histórias. Alguns sabem ouvir, ou seja, param de falar quando o colega fala. Alexandre lembrou e argumentou da história lida no dia anterior. Terminando a história, colocamos vários livros de história que estamos trabalhando desde o começo do projeto, no meio da roda. Perguntei em sequência o nome da história e qual professora havia lido, souberam responder todas as sequências. Em seguida convidamos uma criança de cada vez para levantar e escolher os livros de sua preferência para manusear. Entre eles, foram trocando os livros de acordo com o interesse de cada um. Mauricio está começando a pronunciar algumas palavras, pegou o livro da lagartixa. E quando estava manuseando, levantou e veio mostrar a pronúncia lagartixa várias vezes, fez o mesmo processo com o livro do sapo. Thalita, com o livro do leão e o rato, levantou e veio até a professora, conforme folheava o livro ela recontou a história toda do jeito da compreensão dela. Fabrício, com o livro da centopéia, não lembrava o nome, levantou, veio até a professora e perguntou. Aos poucos nossas crianças estão desenvolvendo um comportamento leitor.

34 - 23/05/07 - 20 crianças

Atividade: História: O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado, de Don e Audrey Wood.

Objetivo:

Oferecer condições para a criança:

- desenvolver a linguagem oral;
- contar a história.

Desenvolvimento da atividade:

As crianças sentadas nos colchonetes, em círculo. Primeiro contei (li) a história e depois chamei algumas crianças para contar o que lembrou da história.

Observações:

No momento da história, dei oportunidades às crianças para fazerem intervenções e suposições referentes à história. Elas ficaram atentas o tempo todo e não saíram do lugar. As crianças que mais falaram, opinaram e contaram a história foram: Bruna, Vitória C., Vitória R., Mariah, até o Alexandre e a Natacha falaram; e Luís Felipe disse que o urso entrou na casa. Bruna debateu dizendo que não. Ela disse também que não era para eu colocar a mão no urso, porque ele morde. Algumas crianças afirmaram que tinha um lobo mau na história. Todas as crianças gostaram da história e participaram o tempo todo.

35 - 24/05/07 - 20 crianças

Atividade: História: Leo e Albertina. - Autor: Christine Davenier

Objetivo:

Desenvolvimento da linguagem oral e da imaginação.

Desenvolvimento da atividade:

Organizei o ambiente com cadeiras em círculo. Apresentei o livro e os personagens. Retornei a lembrar a importância de prestar atenção na professora no momento da história. Conforme contava, mostrava as ilustrações. Terminando conversamos sobre a história e fiz algumas perguntas.

Observações:

As crianças ficam ansiosas para ver as gravuras e saber o final da história. Como em todos os dias a maioria das crianças participaram da história, respondendo as perguntas, argumentando; elas falam com entusiasmo. Paulo e Maurício ainda não participam falando, porque não têm linguagem clara, ou seja, estão começando a pronunciar algumas palavras como: tia, Professora D, ticha (lagartixa)... Vieram do berçário, estão em período de adaptação. Luís Felipe apontando o desenho do peru, disse: Tia, não é homem. Fiz algumas perguntas. A maioria das crianças respondeu. Fabrício foi o que mais participou, e ainda argumentou algumas falas da história, e perguntou para a professora por que a porca ficou triste. Bruna comentou com bastante emoção, quando falei da Leoa que foi tomar banho para ficar cheirosa e bonita. Quando comentei que eles ficaram felizes para sempre, a Vitória Rafaelle falou: se apaixonaram... Graças aos nossos momentos de história, as nossas crianças já estão com comportamento leitor.

36 - 25/5/07 - 19 crianças

Atividade: História: Onde está você, Canguru Azul? de Emma Chichester Clark

Objetivos:

Oferecer condições à criança:

- ouvir uma boa história;
- expor seus pensamentos;
- saber esperar a sua vez para falar.

Desenvolvimento da atividade:

Arrumei os colchões em círculo. Sentamos bem juntinhos para ouvir a história. Apresentação do livro e do autor. Durante a história fiz perguntas e dei oportunidades a eles para responderem, fazerem argumentações e falarem o que pensam.

Observações:

Todas as crianças prestaram bastante atenção. Curiosas para ver o livro e saber o que ia acontecer, a cada página lida, pediam o livro. As crianças responderam as perguntas, falaram o que pensaram. Alexandre, olhando o livro, falou que tinha um carro. Fiz algumas perguntas: Onde estava o canguru azul? Luís Felipe disse que estava na floresta, mas estava na árvore, era um parque. Então aproveitei para explicar a diferença entre parque e floresta. Conforme eu ia lendo a história, o Fabrício sempre fazia algum comentário sobre o que eu lia. Bruna fez uma observação dizendo que tinha um bebê no bolso do canguru. Maria Eduarda observou que a menina da história estava chorando e falou isso com muita emoção, que até nos comoveu. Ela hoje presta muita atenção e se pronunciou em vários momentos. Aproveitei as ilustrações coloridas para trabalhar cores. Muitas crianças acertaram as cores, outras temos que trabalhar. Através dessa história eu relembrei as crianças os cuidados que temos em preservar os nossos brinquedos, nossos pertences e os livros.

Produto final - Distribuí vários livros onde cada criança, primeiro escolheu o de sua preferência, depois foram trocando uns com os outros. Exemplos: Vitória Rafaelle pediu o livro do Ursinho Apavorado, Kaique fez questão do livro do leão, Bruna quis do cachorro.

E assim, ficaram nessa atividade uns 30 minutos, até durar o interesse de cada um. Ainda mudamos de atividade (músicas) e algumas crianças preferiram permanecer no cantinho dos livros; ficaram até na hora da sopa. Foi uma tarde maravilhosa e tranquila, pois a cada dia estamos constatando um comportamento de leitor que estamos desenvolvendo nas crianças.

37 - 29/5/07 - 20 crianças

Atividade: Teatro sobre a dengue

Objetivo: Oferecer à criança informação

Desenvolvimento da atividade:

Hoje tivemos a visita de 3 agentes de saúde que fizeram um teatro para as crianças no refeitório, onde todas as crianças se encontravam sentados em suas cadeiras. Terminando, a Aninha e a Coordenadora aproveitaram o momento e apresentaram um teatro para as crianças, que foi improvisado no momento (nada combinado e ensaiado!). Todas as crianças gostaram e ficaram atentas, demonstrando interesse.

Observações:

Estava uma tarde fria, o momento foi propício para um teatro. Todos participaram do momento, teve algumas crianças que ficaram com medo, pois as agentes da saúde estavam com o rosto pintado representando palhaços, fora isso tudo correu bem. Passamos uma tarde diferente e todos gostaram.

38 - 30/05/07 - 16 crianças

Atividade: Manuseio de livros

Objetivo:

Oferecer condições à criança para aprender a folhear os livros.

Desenvolvimento da atividade:

Arrumamos os colchonetes tipo sofá. Cada criança pegou primeiro o livro que mais gosta.

Observações:

Todas as crianças tiveram interesse em participar da atividade. Ficaram nessa atividade por uma hora e meia. A Bruna por decisão própria pegou um livro e de pé contou a história para os outros colegas, que estavam sentados. Emily veio perguntar o nome da menina da história que foi contada na sexta-feira (25/05/07). No decorrer do tempo as crianças trocaram os livros entre si, sem confusões e brigas. Essa é uma atividade que eles amam.

Avaliação do Projeto

Trabalhamos nesse projeto histórias onde os personagens são diversos animais. Com isso, cada dia as crianças conheciam um animal diferente. Portanto, ampliaram o seu vocabulário, aumentando assim o conhecimento. Paralelo a esse projeto desenvolvemos diversas atividades. Uma delas são atividades permanentes: são os cantinhos de livros e roda de conversa. Organizamos também todos os dias no final da tarde, cantinhos de: bonecas, cozinha, escritório, monta-tudo, Barbies, sucatas, panos... Veja bem, esses cantinhos não foram montados num único dia, e sim variamos cada dia cantinhos diferentes: atividades de pintura com tinta, giz de cera e de lousa, colagem de palitos e papéis, cantigas de roda e música. Através de mais um projeto concluído, tivemos a oportunidade de observar o desenvolvimento da linguagem oral como no cognitivo, no emocional e no físico de cada criança. Como por exemplo: uma criança que fala só usando as vogais, assim: *Oê* = você; *i-i* = xixi, hoje já pronuncia quase tudo correto. Outro exemplo é de uma criança que não ficava quieta, ou seja, não prestava atenção e nem se interessava pelas histórias, hoje fica atenta e até pede para manusear os livros e contar histórias. Através dessas e outras atividades desenvolvemos em cada criança um comportamento de leitor. Por esses e outros motivos, mais uma vez alcançamos os nossos objetivos.

39 - 31/05/07 - P criançasAtividade: Corre-cotia

Objetivo: Desenvolvimento da coordenação motora, socialização, regras, cooperar com os colegas, respeitar o direito do outro, assumir responsabilidade, a dar oportunidade aos demais.

Desenvolvimento da atividade:

Hoje estava um sol maravilhoso, levamos as crianças para a parte externa do CEI, e lá já estavam as crianças do Mini-Grupo A-B. Juntamos todas as crianças e brincamos de corre-cotia. As crianças gostaram muito e todas ajudaram a participar.

Observações:

As crianças do mini-grupo A-B são menores e algumas não souberam as regras da brincadeira, mas explicamos e eles entenderam, todas se socializaram e participaram.

40 - 01/06/07 - 16 criançasAtividade: Festa de aniversariantesObjetivo:

Oferecer condições às crianças para:

- aprenderem a se comportar na festa;
- socializar-se com as outras crianças.

Desenvolvimento da atividade:

Todas as crianças do CEI no refeitório para festejarmos os aniversariantes. Na festa teve: pão com frios, suco, salada de frutas e o bolo com recheio de abacaxi e chocolate; músicas.

Observações:

As crianças se comportaram, não houve brigas. Muitas crianças comeram só o recheio do pão. Durante a festa eles estavam muito felizes e pediram para cortar o bolo o tempo todo. Ao som do CD, dançaram, brincaram e cantaram bastante.

41 - 04/06/07 - 20 crianças

Atividade: Roda de conversa

Objetivo: desenvolvimento da linguagem oral, capacidade de saber ouvir e esperar a vez.

Desenvolvimento da atividade:

Levamos as crianças na parte externa do CEI, pois estava um sol gostoso, orientamos a todos para sentar em círculo e falamos sobre a importância dos alimentos. Perguntamos o que eles tinham comido de gostoso no final de semana.

Observações:

Todas as crianças participaram; os mais tímidos, que não se pronunciaram, nós perguntamos diretamente às crianças, todos se pronunciaram e ao copiaram os colegas. Em seguida andamos em volta da linha amarela que tem na quadra. Maurício e Alexandre não conseguiram acompanhar a linha amarela, mas eles tentaram. Entramos e pedimos para as crianças desenharem os alimentos. Todos participaram.

42 - 05/06/07 - 12 crianças

Atividade: Tomar sol

Objetivo: Oferecer oportunidade para as crianças tomarem sol.

Desenvolvimento da atividade:

Após a reunião levamos as crianças para a quadra, pois lá tinha sol. As crianças gostaram muito e brincaram bastante.

Observação:???

43 - 06/06/07 - 16 crianças

Atividade: Casinha

Objetivo: Oferecer oportunidade para as crianças se socializarem, e aprenderem a dividir brinquedos.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos um canto de bonecas e paninhos e outro com panelinhas, pratos, xícaras, colher, garfo, faca e cadeiras.

Observações:

Algumas crianças ficaram só nas bonecas e outras só na casinha, e algumas se dividiram e brincaram nos dois, levaram as bonecas para a casinha e fizeram de conta que estavam fazendo comida para as bonecas. Todos participaram e se socializaram.

44 - 11/06/07 - 14 crianças

Atividade: Desenho livre

Objetivo: Oferecer condições à criança:

- Bons momentos para criar e usar a imaginação através do desenho;
- De ter oportunidade para escolher os materiais de sua preferência;
- para desenvolver no desenho através das histórias lidas.

Desenvolvimento da atividade:

Após a brincadeira corre-cotia que foi realizada na área externa (quadra), organizamos o refeitório para essa atividade do desenho. Distribuímos as crianças pedindo que sentassem duas em cada mesa. Em cada mesa colocamos um pote com variedade de materiais: giz de cera, canetinhas, lápis de cor. Somente para as duas crianças que vieram do berçário há pouco tempo colocamos giz de cera.

Observações:

Todas as crianças realizaram essa atividade com entusiasmo. Observamos que algumas crianças (Paulo, Natacha, Maurício, Alexandre) se encontram na fase do rabisco. Somente o Alexandre soube falar o que desenhou e usou várias canetinhas. Maurício e o Paulo não falaram porque ainda não usam a linguagem para expressarem o que pensam; por serem mais novos que as outras crianças não têm uma linguagem desenvolvida como eles, mesmo assim exploraram várias cores. O Fabrício fez questão de desenhar a joaninha e a borboleta, quis usar só a canetinha azul. O Alan ao desenhar explorou toda a folha, mas só quis usar as canetinhas. Falou que era uma casa. Mariah desenhou a mamãe dela explorando toda a folha. Só quis desenhar com o giz de cera preto. Kaique desenhou a aranha com canetinhas vermelha, roxa e marrom. Gabrielly desenhou várias bolinhas, rosa e verde, usou toda a folha. Marcos Vinícius desenhou o pai dele. Usou várias canetinhas de diferentes cores. Gustavo desenhou a lagartixa. Só usou a canetinha verde. Não explorou toda a folha. Geovana desenhou salsicha. O interessante é que ela usou as mesmas cores nas duas folhas. Bruna fez vários desenhos; o que mais chamou a nossa atenção é o fato dela repetir várias vezes que era o B do seu nome, ela falava e mostrava com o dedo. Ela usou várias cores de canetinhas. Emily falou que desenhou um quadrado. Ela usou canetinha e pintou no meio com lápis de cor. As crianças gostam muito desse tipo de atividade. Acreditamos que é porque eles expressam suas emoções e seus sentimentos por meio dos desenhos.

45 - 19/06/07 - 17 crianças

Atividade: História: O ursinho apavorado. Autor: Keith Faulkner

Objetivo: Desenvolvimento da linguagem oral, repetição da história para atingir bons resultados.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com colchonetes e recontamos a história do Ursinho apavorado. Fizemos o mesmo procedimento da outra vez, eles gostaram muito e ajudaram a todo momento da contagem da história.

Observação:

As crianças já conheciam a história, ficaram eufóricos e participaram a todo momento da história, imitaram todos os personagens com som e com gestos. Em seguida fomos para a quadra e levamos vários livros e distribuímos para as crianças e deixamos um pouco para eles irem trocando. Todos participaram e ficaram o tempo todo manuseando os livros.

46 - 13/06/07 - 16 crianças

Atividade: Brincadeiras livres na quadra com o mini-grupo A-B.

Objetivo:

Socializar com as outras crianças das outras salas.

Desenvolvimento da atividade:

As crianças na quadra todas juntas. No 1º momento damos água a eles, depois conversamos explicando que não devem brigar.

Observações:

As crianças brincaram bastante e quase não houve brigas. As crianças maiores ajudaram as menores, não deixando-as machucarem. Eles (mini-grupo C-D) já brincam com as crianças das outras salas.

ROTINA – lanche, Roda de conversa, Tomar água, Brincadeira livre, Higiene das mãos, Janta, Higiene, Cantinhos: bonecas, panos e carrinhos.

47 - 14/06/07 - 17 crianças

Atividade: Roda de conversa. Folheto de propaganda das Casas Bahia. Assunto: Bicicleta

Objetivo: Oferecer condições para as crianças exporem seus sentimentos, idéias, desenvolverem o raciocínio e a linguagem oral.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com colchonetes em círculo e aproveitamos o interesse do Luís Felipe pela bicicleta que ele viu no folheto das Casas Bahia. Ele começou argumentando que a mãe comprou uma bicicleta, logo Bruna disse que o pai vai comprar uma bicicleta pequeninha. Mariah falou que conseguiu andar com a bicicleta grande. Rafaelle falou que a mãe dela andou de bicicleta. Alexandre falou que a mãe dele andou de bicicleta. Bruna falou: “Papai tem uma bicicleta”. Luís Felipe falou: “Quando chegar na minha casa, vou andar de bicicleta”. Alexandre falou: “Mamãe vai comprar uma bicicleta de menina”. Rafaelle disse: “Agora eu vou falar.” Mariah disse: “Agora sou eu que vou falar, porque você já falou; agora sou eu. Minha mãe comprou bicicleta grande e andou com meu pai.” Emily disse: “Eu andei de bicicleta com meu pai.” Mariah disse: “Minha motoca é de coelho.” Alan falou: “Minha mãe vai comprar uma amarela.” Alexandre falou: “Vou comprar uma bicicleta rosa”. Bruno (?) falou: “Rosa é de menina.” Passamos o folheto para as crianças manusearem.

Observações:

Percebemos que a roda de conversa quando começa com um tema as crianças não mudam de assunto e se interessam pelo tema. Todas participaram.

48 - 15/06/07 - 16 crianças

Atividade: Músicas: O Pato, Do-re-mi-fa, A sopa...

Objetivo:

Desenvolver a linguagem oral

Desenvolvimento da atividade:

Sentamos embaixo da árvore que fica na quadra, onde cantamos várias músicas.

Observações:

A maioria das crianças já sabe cantar quase todas as músicas. Algumas estão aprendendo. Hoje teve criança que em vez de cantar preferiu brincar de correr pela quadra. Estamos trabalhando para se interessarem mais por músicas.

ROTINA – Lanche, Area externa – quadra – músicas, Higiene, Sopa, Cantinhos: bonecas, panos, panelinhas

49 - 18/06/07 - 21 crianças

Atividade: Roda de conversa

Objetivo: Desenvolvimento do raciocínio etc.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos o ambiente com colchonetes colocados em círculo. A Professora começou com a fala de uma criança que disse: “fui ao shopping tomar sorvete.” Em seguida Mariah disse: — Fui com a mamãe e a Bianca. Bruno disse: — Fui no shopping ver a bicicleta e o papai brigou. Luís Felipe: — Fui na Bahia e comprei uma bicicleta. Maurício tentou se pronunciar mas não conseguiu. Alexandre disse: — Pedi uma bicicleta para a mamãe. Luís Felipe disse: — Fui no McDonald’s e comi três batatas. Mariah disse: — Fui no McDonald’s e comi o número 3. Kaique disse: — Comi batata, suco e levei a minha tartaruga ninja. Gustavo disse: — Fui no cinema e assisti o Shrek. Bruno disse: — Minha mãe comprou o boneco do Shrek e deu pra mim. Mariah disse: — Minha mãe me deu a ???? do mundo. Maria Eduarda disse: — Minha mãe toma sorvete. Geovana falou bem baixinho. Bruna disse: — Fala mais alto que eu não estou ouvindo nada. Em seguida, aproveitando a roda, a professora contou a história da bicicleta.

Observação:

As crianças participaram muito bem da roda de conversar, só as crianças pequenas que não têm a linguagem desenvolvida é que não se pronunciaram. Na história eles se concentraram e prestaram atenção. Luís Felipe olhando para o livro, ele observou e argumentou que estava amanhecendo. Bruna observou as cores e pronunciou todas sem errar e também identificou a letra do nome dela no livro. Todos participaram.

50 - 19/06/07 - 16 crianças

Atividade: Corre-cotia

Objetivo: Oferecer condições para a criança:

- desenvolver a coordenação motora;
- cooperar com os colegas;
- socializar-se.

Desenvolvimento da atividade:

Na sala organizamos uma roda.

Observação:

A maioria das crianças já sabe cantar a música corre-cotia e sabe brincar. Todas as crianças foram escolhidas para a brincadeira. Aproveitando que estávamos em roda, cantamos várias músicas, algumas a pedido das crianças: Borboletinha, Boa tarde, Careca do vovô, Tra La La etc.

51 - 20/06/07 - 20 crianças

Atividade: Pintura com tinta plástica

Objetivo: Possibilitar à criança a possibilidade de desenvolver a criatividade.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos o ambiente na parte externa do CEI, com mesa e cadeiras, convidamos todos para sentar e distribuimos uma folha e pincel, e colocamos tinta plástica de várias cores em todas as folhas. Orientamos para todos criarem um desenho bem bonito.

Observações:

Todas as crianças participaram e fizeram com bastante entusiasmo, chamaram a todo momento nossa atenção para ver como estava ficando. Vívian entrou esta semana e nos surpreendeu, é uma menina de 2 anos e muito esperta e inteligente, ficou muito feliz no momento da atividade, colocamos os trabalhos expostos na lousa e a todo momento vinha nos mostrar, quando a mãe chegou, logo levou ela para ver.

52 - 21/06/07 - 19 crianças

Atividade: Brincadeira coletiva na área externa

Objetivo:

Integração entre as crianças do Mini-Grupo A-B

Desenvolvimento da atividade:

Permitimos que as crianças brincassem da sua própria forma na área externa.

Observações:

As crianças brincaram e não houve brigas. Observamos que eles cantaram e brincaram de roda.

ROTINA – lanche, Reunião com a Paula, Brincadeira coletiva, Cantinhos: panos, bonecas, carrinhos.

53 - 13/08/07 - 15 crianças

Atividade: História: Abaixo o Bicho-papão!

Desenvolvimento da atividade:

Antes de lermos a história organizamos a sala, enquanto as crianças comiam lanche no refeitório. Colocamos os colchonetes em forma de círculo para as crianças sentarem, depois apagamos a luz e fechamos a cortina e a porta. Li a história fazendo entonação com a voz. Todos sentaram e apresentavam-se curiosos para saber como era a história.

Observações:

Durante a história todas as crianças demonstraram muita curiosidade a cada página que lia e intervenção que eu fazia. Luís Felipe e Alexandre pediam a todo momento para ver as ilustrações. Alexandre disse que quem pega é a polícia. Durante a história fiz uma intervenção, perguntando o que ia acontecer... o Guilherme e o Luís Felipe responderam dando sua opinião.

Mariah disse que queria ver o bicho. No decorrer da história fiz algumas ... do livro e as crianças responderam, perguntei diretamente para aquelas que não se pronunciavam, motivando-as a falar. Perguntei de que parte eles mais gostaram da história. Wesley → Bicho-papão. Jeniffer → disse que gostou da história. Gustavo → disse que queria que contasse de novo a história. Luís Felipe → da roupa da mamãe que o bicho-papão pôs. Alan → falou que gostou da roupa, logo o Luís Felipe disse que “não”; falou assim porque ele já tinha dito (isso antes). Fabrício → gostou do Zeca. Perguntei: Será que o Bicho-papão existe? Mariah disse que não. Depois falou que está embaixo da cama dela. Já o Kaique disse que embaixo da cama dele tem um homem aranha. Wesley só falou: tem bicho. Thalita falou: Tem bicho-papão!!! No momento em que eu estava mostrando as ilustrações, algumas crianças se pronunciaram. Guilherme disse que vai matar o bicho com uma vassoura. O Luís Felipe se pronunciou dizendo que vai pegar um rodo que tem na casa dele e vai colocar no coração do bicho papão. No final manusearam o livro. Quando Bruna pegou o livro, recontou na história observando cada figura, mostrava às outras crianças e quem estava perto ficou atento, ouvindo.

ROTINA – Lanche, Roda de conversa → sobre como foi o Dia dos Pais, Roda de história, brincadeira na área externa, Pintura, Higiene, Janta, Saída.

54 - 14/08/07 - 18 crianças

Atividade: História: Quando mamãe virou um monstro - Autora: Joanna Harrison

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com colchonetes tipo sofá, e primeiro apresentei o livro e a autora. Comentei sobre a ilustração da capa, para saber se eles sabiam o que era um monstro.

Kélvín fez gestos com as mãos e boca de *uuuu uaaaau*. Maurício tentou repetir a fala que pronunciei, mas a maioria disse que era um bicho. Tentei explicar de acordo com a história o que era realmente um monstro. Comecei a história fazendo entonação na voz para chamar a atenção. Enfim todas as crianças ouviram a história atentamente, participando com suas próprias opiniões, respondendo com entusiasmo.

Observações:

“Guilherme” falou que era a mãe dele na parte que foi lido: ... ela faz isso quando fica nervosa... Ele ainda falou que não faz bagunça no quarto dele. “Fabrício” falou que faz bagunça no quarto dele. “Luís Felipe” disse: Na escola não pode fazer sujeira, que tem que jogar no lixo. “Maurício” repetiu: No carro. “Luís Felipe”: quando o Rodrigo (padrasto) fica nervoso com a mãe, ele fica de cara feia. Mostrei a figura da mamãe nervosa e o “Fabrício” falou: Ela parece um bicho. Mostrei a figura do quarto, que ainda não tinham arrumado a bagunça. “Geovana” falou: Tá mostrando de novo, deixa eu ver, tia. Enquanto mostrava a figura da mamãe que tinha se transformado num monstro, o “Luís Felipe” e a “Geovana” falaram: Esta é a minha mãe. Logo falei: Vocês a deixam nervosa? Não responderam. Aproveitando a mensagem da história reforcei a importância de obedecer a mamãe e as professoras e como é bonito e gostoso ter um ambiente limpo. Perguntei a todos por que não podemos deixar a mamãe e as professoras nervosas. A maioria respondeu bem alto: “senão ela vai virar um monstro!” “Kevin” não participou, mas prestou muita atenção. Terminando, as crianças manusearam o livro. No fim da tarde, aproveitando uma parte da história em que as crianças fazem um acampamento, fizemos uma cabana bem legal onde manusearam vários livros e terminamos com a leitura de um livro (O carro vermelho). Obs.: As crianças gostaram muito da cabana, não quiseram sair. Teve criança que se escondeu quando a mãe chegou. Nossa tarde foi muito gostosa, conseguimos atingir nossos objetivos.

Obs.: As atividades foram realizadas, mas não tiramos fotos e nem gravamos por falta de material: máquina fotográfica e gravador.

ROTINA – Lanche, Roda de história, Brincadeira na área externa II, Higiene, Janta, Cabana na sala (livros e história), Saída.

55 - 15/08/07 - 17 crianças

Atividade: História: Fantasma existe?

Desenvolvimento da atividade:

Colocamos os colchonetes em círculo para as crianças sentarem. Antes de apresentar o livro, eu fiz um suspense sobre a história. Exemplo: Ah! A história de hoje é muito legal! É sobre... e então perguntei: Será que fantasma existe? As crianças ficaram olhando para mim atentamente. Então comecei a ler a história.

Observações:

Comecei essa atividade perguntando: Será que fantasma existe? - Luís Felipe respondeu: não. - Maurício, olhando o livro: é o bicho-papão. - E o Gustavo disse: vou chamar o bichão. Enfim, no decorrer da história as crianças foram demonstrando mais e mais interesse, participando e prestando bastante atenção. Na parte que eu li: Quando eu tenho medo de lobo mau... a Bruna falou: Não tem Chapeuzinho Vermelho, só lobo mau. Nesse momento, o Kaique interveio e comentou sobre um filme que ele assistiu e tinha um homem gelo e um homem pedra, e vou subir na parede e matar o bicho. Guilherme e Kélvín, aproveitando a fala dele, também iam matar o bicho. Na parte que li sobre a barata, a Mariah disse que tem medo, só não tem medo de galinha. Não li nada sobre o leão, mas o Kaique falou que não tem medo de leão e gosta dele. Continuando a história, perguntei: Fantasma existe? - Alan: Sonhei com o bicho-papão que me derrubou da cama e me prendeu. As crianças estavam tão interessadas, pediam a todo momento para ver as ilustrações. Todas as crianças manusearam o livro.

Mariah foi a primeira a manusear o livro, e as outras crianças ficaram em volta esperando a vez.

Obs.: Não fotografamos e gravamos porque não tinha material.

ROTINA – Lanche, Roda de história, Brincadeira na área externa, Higiene, Janta, Higiene, Cantinhos de livros e brinquedos variados, Saída.

56 - 16/08/07 - 15 crianças

Atividade: Oficina de criação – fantasias de monstros, bruxas e fantasmas

Desenvolvimento da atividade:

Material: TNT de vários tamanhos e cores variadas, tesoura, fita crepe, grampeador, cola. Organizei o ambiente com dois cobertores estendidos no centro da sala, passei fita crepe para não sair do lugar, espalhei várias cores e tamanhos de TNT por cima dos cobertores e convidei todos para sentarem. No primeiro momento expliquei o que era uma oficina de criação, e logo em seguida comuniquei que era para todos escolherem a cor de sua preferência, que íamos fazer fantasias do personagem escolhido. No decorrer da oficina fomos criando junto com cada criança.

Observações:

As crianças ficaram eufóricas e todas queriam ser o primeiro, cada um escolheu sua cor preferida e correu para a professora. Alguns tentaram fazer alguma coisa, mas não conseguiram sem a nossa ajuda. Explicamos para terem calma, que íamos ter outras oficinas e que ainda vamos criar os chapéus também, alguns sentaram no meio do TNT e esperaram, outros ficaram em cima e esperaram sua vez. “Alexandre” logo no início escolheu a fantasia do fantasma, mas mudou para Bruxa quando percebeu que foi a escolha da maioria. “Luís Felipe” não quis nenhum personagem do nosso projeto, sua preferência foi pela fantasia de um príncipe e não mudou de idéia. “Guilherme” e “Geovana” tiveram preferência pela fantasia de fantasma, seguraram o lençol branco na mão e também não mudaram de idéia. “Maurício” e “Vitória P.” não souberam dizer o personagem de sua preferência (ajudamos na escolha). “Bruna” teve preferência pela fantasia da Bruxa, e na cor rosa, e soube dar palpite no modelo. “Mariah” escolheu TNT preto, e sua preferência foi pela bruxa. “Fabrício” teve preferência por TNT verde e preto, e escolheu a fantasia de monstro. Algumas fantasias ficaram para a próxima oficina. (várias fotos). Nossa tarde foi muito produtiva, pois as crianças lembraram das histórias lidas.

ROTINA – Lanche, Oficina de criação, Brincadeira na área externa, Higiene, Janta, Higiene, 3 cantos (canto com blocos de monta-tudo de formas, de carrinho e homenzinhos), livros e blocos de encaixe, saída

57 - 17/08/07 - 18 crianças

Atividade: História: Tenho medo, mas dou um jeito

Desenvolvimento da atividade:

Arrumamos a sala com colchonetes em círculo. As crianças sentaram para ouvir a história. Na medida que fomos lendo a história, damos oportunidade para as crianças se exporem. Como a história se refere a assuntos do dia-a-dia como: queimar o dedo no fogão, subir na cadeira... as crianças contaram fatos que ocorreram com eles nas suas casas.

Observações:

Iniciamos a história perguntando: — Quem tem medo? - Guilherme e Mariah não têm medo. - Felipe tem medo de cachorro e gato, não tem medo de papagaio. Enfim, a maioria das crianças falou que tem medo. - Maurício viu a figura do carro e fez gestos como se estivesse dirigindo. - Bruna falou: Meu pai vai andar de bicicleta comigo. Na parte do livro que fala

sobre os carros, estávamos conversando sobre o trânsito, a Geovana falou: eu seguro na mão da minha mãe. Continuando a história, o Fabrício completou a fala da professora no momento que estava lendo e disse: Ele subiu no alto e... O Fabrício falou: e levou um tombo. Geovana vendo a figura: — Tia, o menininho queimou a mão. A professora perguntou: O que o menino está fazendo? Fabrício respondeu: — Escovando os dentes. De uma forma geral, as crianças falaram subiu na cadeira, outras levou um tombo, outras o menino caiu. E não pode subir na cadeira. Mais uma vez observamos que as crianças gostaram da história.

Obs.: Foi filmada a roda de história.

ROTINA – lanche, roda de história, roda de conversa, área externa, higiene, janta, higiene, saída.

58 - 20/08/07 - 17 crianças

Atividade: História: O amigo da Bruxinha. Autora: Eva Furnari.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com colchonetes, colocados em círculo. A professora apresentou o livro e o tema da história e a autora também. Professora começou perguntando:

— Quem tem amigo? Mariah: — Junior e Bianca. Marcos: — Alan. Bruna: — Mamãe e papai. Guilherme: — Ana e Kleber. Fabrício: — Deja (?) Jeniffer: — Papai. Maurício: — Bruxa. Estavam ficando agitados, a professora começou a história. Ficaram atentos e prestaram atenção e também participaram.

Observações:

A cada folha tinha um tema e personagens. Tema = o telefone, o pirulito, o tricô, o ratinho, o chapéu, cão e gato, o trapo, a gangorra, a mosca, empate, aspirador de Bruxa, mas não apresentaram texto, por conta disso as crianças eram solicitadas o tempo todo para completar as histórias, ajudando elas entrar na sua imaginação e estimuladas a criar livremente. As crianças acharam graça em algumas falas da professora. “Maria Eduarda” pedia o tempo todo para ver o livro. Teve um momento da história que “Mariah” e “Maurício” começaram a cantar a música da borboletinha. “Maurício” ainda não está com a fala desenvolvida, mas a cada dia demonstra desenvolvimento, pois está sempre tentando falar alguma coisa, acompanhou bem “Mariah” na música. “Luís Felipe” interrompeu a professora no momento da história e queria saber se doeu quando o rabo do gato prendeu. E demonstrou que ficou assustado e com pena do gato. “Kélvyn” não anda se concentrando no momento da história, está sempre mexendo com o colega do lado. Em geral as crianças prestaram a atenção e participaram. A professora fez algumas perguntas e em seguida deixou as crianças manusearem o livro. “Mariah” estava com uma blusa que tinha o desenho de um gato e chamou na atenção de todos dizendo que aquele gato era o gato da bruxa. “Jeniffer” entrou há duas semanas e nos surpreendeu, demonstrando o interesse pelo livro, chorou porque queria ver o livro e os colegas não queriam deixar. (fotos)

ROTINA – lanche, roda de história, área externa (motoca e escorregador), higiene, janta, higiene, canto (bonecas, panelinhas e livros), saída.

59 - 21/08/07 - Registro feito pela Professora C - 16 crianças

Atividade: História: Uma noite muito barulhenta

Desenvolvimento da atividade:

As crianças sentaram na posição de como se fosse sofá. Apresentamos o livro: falando o nome da história, motivamos as crianças dizendo que a história é muito legal... e é de terror! Quando falamos a palavra TERROR todas as crianças abriram os olhos bem grande. E ficaram o tempo todo atentos e ouvindo e olhando as figuras. A história foi contada (lida) com

gestos, fazendo entonação da voz, imitando o som de um lobo, bruxa, fantasma – UUUU... as crianças também imitaram.

Observações:

Durante a história o Luís Felipe discutia com a Geovana falando: - Luís Felipe: — Não é um gatinho! Geovana: — é sim. Tivemos que chamar a atenção para eles não brigarem. Com essa fala deles percebemos o quanto eles estão viajando na imaginação e até fazem suposição porque a professora Professora D ainda não tinha lido a parte que estava escrito quem estava fazendo barulho lá fora do quarto. Por um momento paramos de ler a história e colocamos um lençol e um cobertor na cabeça, imitando um fantasma; muitas crianças riram pedindo para imitar de novo; outras choraram de medo. Como o Luís Felipe foi uma das crianças que chorou, colocamos o lençol na cabeça dele e pedimos para imitar um fantasma. Outras crianças também imitaram. Apagamos a luz e fechamos as cortinas para ouvirmos o CD que fala de fantasmas, bruxas, vampiros... No começo as crianças dançaram igual fantasma, cantaram e pularam sorrindo. Depois elas pararam para ouvir: - O Guilherme veio correndo, me abraçou e disse: Tia Lourdinha, “tou” com medo! - O Maurício falou: Tia Lourdinha, acabou a bruxa, acabou a bruxa! - O Alan correu e escondeu embaixo da mesa. Quando o Luís Felipe ouviu a palavra CASTELO na música, falou: Tia Professora D, é igual o castelo da Fiona que ficou presa na masmorra. - O Kévin saiu correndo do meio da sala: tia Lourdinha, é a bruxa, a bruxa... Continuaremos a história amanhã (22/08/07), mas no final da música ou das atividades de hoje, as crianças que estavam com medo já estavam rindo, dançando, imitando como na música. (fotos)

ROTINA – lanche, roda de história, música, higiene, sopa, cantinhos de: livros, panelinhas, bonecas e brinquedos variados, saída.

60 - 22/08/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 19 crianças

Atividade: História: Uma noite muito barulhenta (continuação)

Desenvolvimento da atividade:

- Organizamos a sala com colchonetes em círculo, convidamos todos a sentar e a professora explicou que íamos continuar a história do dia anterior. As crianças ficaram atentas e a maioria lembrou da história lida ontem, quando foi pronunciado o ratinho e o ratão, logo a maioria imitou o som na voz bem alta: “UUUUU! UUUUU!”? Logo percebemos que eles haviam se lembrado mesmo. Todos participaram.

Observações:

“Maria Eduarda” e “Kévin” comentaram falas da história, os demais também se manifestaram. “Fabrício” em uma fala comparou que o ratão estava fazendo igual à história do Ursinho apavorado. Ele associou a história de hoje com a do primeiro projeto. Nos surpreendeu, ficou atento e argumentando o tempo todo, estava muito interessado. “Luís Felipe” aproveitando uma fala da professora disse que toma café na mamadeira. Algumas crianças perguntaram se hoje não ia ter música. Eles demonstraram que gostaram do CD que falava de fantasma, bruxas, vampiros. E a todo momento várias crianças faziam entonação na voz: “UUUUU! UUUUU!”?

ROTINA – lanche, roda de história, área externa (livre), higiene, janta, higiene, cantos (livros e monta carrinhos), saída.

(fotos)

61 - 23/08/07 - Registro feito pela Professora C - 18 crianças

Atividade: Oficina de criação

Desenvolvimento da atividade:

Para realizarmos a oficina de criação arrumamos no centro da sala, fizemos mais dois cantinhos de carrinhos e outro com livros. Continuamos a confeccionar fantasias de monstros e bruxas. Quando as crianças saíram do lanche, cada uma escolheu o cantinho de sua preferência.

Observações:

Fizemos mais dois cantinhos porque na oficina da semana passada as crianças ficaram muito agitadas. Hoje, “devido” aos cantinhos, elas ficaram bem calmas, sendo que a maioria escolheu o cantinho de livros. Enquanto confeccionávamos as fantasias das crianças que ainda não tinham, as outras liam no canto dos livros e brincavam com os carrinhos. *O Kaique quis a fantasia das tartarugas ninja, depois mudou a opinião, quis a dos monstros. *Vitória Rafaelle quis o TNT cor de rosa para fazer a fantasia da bruxa.

* O Fabrício estava muito prestativo, ajudou a professora Professora D segurar o TNT para ela cortar. * Enquanto as outras crianças foram brincar na área externa, o Allan fez questão de ficar para ajudar a arrumar a sala. No decorrer da oficina, algumas crianças pediram o chapéu. Foi uma tarde produtiva, as crianças participaram de todas as atividades e demonstraram que estavam interessadas e felizes. (foto)

ROTINA – lanche, oficina de criação, cantinhos, higiene, área externa, higiene, sopa, brincadeira coletiva, saída.

62 - 27/08/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 14 crianças

Atividade: 2 cantos no refeitório

1 – folhas de sulfite colorida, tinta plástica e pincel

2 – cartolina e canetinhas de várias cores

Desenvolvimento da atividade:

Para iniciar, fizemos uma roda de conversa na sala, para explicar e orientar que hoje iríamos desenhar personagens de nosso projeto. Na saída para o refeitório as crianças já encontraram os dois cantos organizados e assim puderam escolher o canto de sua preferência. Tivemos o cuidado de disponibilizar os materiais, para facilitar o acesso da escolha das crianças.

Observações:

No primeiro momento a maioria escolheu o canto da tinta plástica, mas no decorrer da atividade passaram pelos dois cantos. As crianças já estão sabendo manusear o pincel durante a pintura, estão tendo coordenação ao espalhar a tinta; hoje não sujaram as mãos. Demonstraram gosto e interesse em fazer as atividades. Até as crianças mais novas não estão amassando a folha e esperam a tinta secar. A maioria disse que desenhou a Bruxa, somente 3 o fantasma. Luís Felipe, Fabrício e Mariah têm o desenho definido de uma figura humana. Luís Felipe por sua vez não quis pintar usando a tinta plástica na cor branca. As demais crianças aceitaram todas as cores. No fim da tarde colocamos os desenhos de todos em exposição na lousa. Hoje quando estávamos na área externa II, uma criança (Natacha) pediu para brincarmos de corre-cotia, logo outra criança escutou (Geovana) e organizou a brincadeira, chamou os colegas e todos vieram e participaram, ficamos só observando como ela estava nos imitando nos gestos e nas falas e as crianças obedeceram, e ela conseguiu segurar por um bom tempo a brincadeira. É muito prazeroso ver nas crianças o desenvolvimento que proporcionamos a cada dia, e é gratificante poder observar e ter a certeza que estamos conseguindo atingir nossos objetivos dentro das ações das crianças. (fotos)

ROTINA – lanche, área externa II (corre-cotia), roda de conversa, canto no refeitório (desenho e pintura), higiene, janta, higiene, canto (monta-tudo e livros), saída.

63 - 28/08/07 - Registro feito pela Professora C - 15 criançasAtividade: História: Os MonstrosDesenvolvimento da atividade:

Fizemos uma cabana usando lençóis, fita crepe e cadeiras. Nossa roda de conversa foi embaixo da cabana. Fizemos a cabana, enquanto as crianças estavam no lanche. Quando retornaram à sala entraram direto na cabana.

Observações:

Mesmo as figuras sendo pequenas todas as crianças ficaram atentas olhando-as e apontaram várias figuras fazendo suas observações como: tia, ele está no quarto, monstro pegou a mão do Renatinho; a Gabrielly se expôs dizendo que o Renatinho pegou a vassoura e guardou no cantinho... Enfim, durante a leitura da história as crianças apontaram com o dedo as figuras expondo as suas idéias. O Luís Felipe a todo momento falava: tia é o monstro. A professora Professora D explicou que amanhã continuaremos a ler a história. Deixou uma pergunta: O que será que vai acontecer com o Renatinho? Vi no rosto das crianças o quanto ficaram curiosas. Continuando, as crianças junto com as professoras, imitaram o som que a bruxa e o monstro fazem. Também demos oportunidade a eles para manusearem o livro e observarem as figuras mais de perto. Por $\pm$ 1 hora as crianças pegaram livros da estante e levaram para manusearem (lerem) dentro da cabana. Fizeram isto por livre e espontânea vontade. Diante de todas estas vivências, a cada dia podemos observar o quanto as crianças estão com e desenvolvendo um comportamento leitor.

ROTINA – lanche, roda de história, cantinhos: carrinhos, livros e bonecas, higiene, janta, higiene, continuação dos cantinhos, saída. (foto)

64 - 29/08/07 - Registro feito pela Prof. Professora D –

Hoje tivemos reunião com a Paula, por esse motivo não fizemos a sequência do nosso projeto. Porém enriquecemos a nossa tarde, pois a cada encontro podemos ter a possibilidade de aperfeiçoar os nossos saberes e adquirir novos conhecimentos. E através de relatar alguns fatos podemos tirar nossas dúvidas e enriquecer o nosso projeto. Hoje através de um relato de algumas observações feitas pela Paula sobre nosso projeto, ficamos felizes em saber que estamos no caminho certo e consciente que a cada etapa desenvolvida descobrimos que podemos aprender e aprender.

Ao retornar para a sala às 15h15, fizemos uma roda de conversa, pois sentimos a necessidade do momento, as crianças queriam saber e demonstraram bastante curiosidade para saberem onde estávamos, quem estava na reunião conosco, e o que estávamos falando. Em seguida organizamos três cantos: Barbies com bonecas, panelinhas e livros.

Observações:

As crianças se socializaram umas com as outras, e mudaram de canto várias vezes. Eles gostaram muito do canto das Barbies, pois tinha variedades de trocas de roupa.

“Gabrielly” veio até a professora Lourdinha e mostrou assustada a periquita da boneca e disse que também ela tinha umbigo. “Luís Felipe” ficou concentrado nas trocas das roupas das Barbies, não nos deu trabalho. “Guilherme” e “Mariah” tiveram preferência pelo canto dos livros.

ROTINA – lanche, reunião com a Paula, roda de conversa, cantos, higiene, janta, higiene, cantos, saída.

65 - 31/08/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 14 criançasAtividade: História – (Os monstros) continuaçãoDesenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com colchonete em círculo, a professora Lourdinha explicou que iríamos continuar a história do Renatinho, como na última leitura ficou no suspense o que será que vai acontecer com o Renatinho? A professora perguntou se eles lembravam da história. A maioria lembrou e fizeram alguns comentários.

Observações:

“Luís Felipe” foi o primeiro a coordenar no nome do Renatinho mesmo antes da professora falar e lembrar o nome do personagem. “Gabrielle” não lembrava o nome da história, mas em detalhes. A maioria das crianças ficava o tempo todo imitando o som na voz bem alta: “UUUUU! UUUUU!”? e diziam eles estão no armário. Logo virando a página eles tiveram a certeza que estavam mesmo no armário. “Maria Eduarda” perguntou se os monstros do armário eram bonzinhos. E a cada pronúncia da professora em armário as crianças faziam o som bem alto: “UUUUU! UUUUU!”? Professora perguntou: - Monstro existe? Algumas crianças disseram que sim. Professora mostrou pedindo para todos olharem para o livro e explicou que aqueles monstros do armário eram bichinhos de pelúcia. “Fabrício” foi o que mais se destacou nas pronúncias e a todo momento dava sua opinião. “Luís Felipe” foi o primeiro a manusear o livro, e logo que pegou, disse: — Olha, tia, a abundância da bruxa. Enquanto as crianças manuseavam o livro a professora fazia comentário sobre a história. Colocamos alguns livros do projeto no centro da roda e pedimos para eles escolherem o de sua preferência. “Maria Eduarda” escolheu um livro que tinha a bruxa na capa e disse: — A bruxa vai chegar. Logo “Gustavo” respondeu: — Ela não vai chegar, porque ela está no livro. “Gustavo” manuseando um livro imitava a todo momento a risada da bruxa. As crianças, tendo variedades de livros, ao manusear, eles lembravam falas da história e argumentavam uns com os outros. “Luís Felipe” quis ver todos, a todo momento trocava com os amigos. “Geovana” ao manusear o livro demonstrava entusiasmo e lia página por página com bastante calma e em voz alta. “Luís Felipe” a todo momento fazia comentários sobre as histórias. “Kevin”, nosso bebê da sala, não estava conseguindo manusear o livro, logo “Gabrielle” foi até ele e ajudou, e ficou fazendo comentários, como se estivesse contando a história para ele. As crianças ficaram por um bom tempo com os livros, trocavam uns com os outros e demonstraram bastante interesse em manusear os livros, tiveram concentração e parecia que estavam lendo. Ficamos felizes em ver este comportamento nas crianças, pois a cada dia, estão demonstrando e desenvolvendo comportamento leitor.

ROTINA: - lanche, história, área externa (motoca), higiene, janta, higiene, cantos (boneca, monta-tudo e livros), saída.

66 - 03/09/07 - Registro feito pela Professora C - 20 Crianças

Atividade: História: A Bruxa Vassorilda

Desenvolvimento da atividade:

As crianças sentaram na posição como se fosse sofá. A professora Professora D apresentou o livro mostrando a capa; por que será que o nome do livro é A Bruxa Vassorilda? O Luís Felipe interrompeu a professora e apontou o menino e disse: Tia, esse é o Renatinho.

Observações:

As crianças ficaram atentas ouvindo e olhando as gravuras. Quando a professora leu: Marlene não obedeceu a sua mãe... o Fabrício perguntou: Por que? O Maurício cadê? No momento que leu: a Marlene foi procurar ajuda no castelo... o Luís Felipe olhando a figura disse: Tia, a bruxa vai abrir a porta para ela. A professora perguntou apontando para algumas crianças: Você quer virar sapo? Guilherme respondeu que sim. Luís Felipe quer virar jacaré. Mariah e Kaique falaram que querem virar borboleta. Alexandre levantou, foi até a professora, apontou com o dedo a porta. E assim todas as crianças quiseram fazer um comentário sobre a história.

A professora aproveitou o momento para explicar mais uma vez que quando um está falando o outro tem que parar de falar e ouvir. Continuaremos essa história amanhã.

É hora de cantar!! Boa tarde, Ciranda cirandinha, Corre-cotia e Se eu fosse um peixinho, na área externa.

ROTINA – lanche, roda de história, músicas, área externa, higiene, sopa, higiene, cantinhos: bonecas, livros e carrinhos, saída.

67 - 04/09/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 19 crianças

Atividade: História: A Bruxa Vassorilda (continuação)

Organizamos a sala com colchonete em círculo. Professora Lourdinha apresentou o livro e argumentou sobre a importância de prestarmos atenção no momento da história, reforçou que todos têm que ficar quietos quando o amigo está falando, e esperar a sua vez. Todos ficaram atentos ouvindo, e a professora continuou lembrando a todos que íamos continuar a história do dia anterior. Algumas crianças lembraram e logo se pronunciaram com falas sobre a história.

Observações:

Algumas crianças confundiram a história da Bruxa Vassorilda com as dos monstros, trocaram os personagens. “Luís Felipe” já conhecia a história, ele fazia pronúncias com bastante certeza. “Fabrício” como sempre argumentava dando sua opinião, sempre querendo chamar a atenção de todos. “Kélvyn” anda ultimamente sem concentração no momento da história, sempre mexendo com o colega do lado. Teve um momento da história que “Bruna”, “Luís Felipe” e “Geovana” ficaram entre eles tirando a dúvida sobre se era um gato ou um cachorro, a professora por um momento deixou para observar o que ia acontecer, como todos queriam ter razão, a professora reforçou a importância de prestar atenção e voltou um pouco para tirar a dúvida. “Fabrício” aproveitando o acontecido logo falou que a sua mãe vai dar um filhote de gato para ele, pois a sua vizinha tem uma gata que deu cria. “Luís Felipe” estava falando várias vezes do castelo da bruxa. “Fabrício” demonstrou que gostou muito da história dos monstros, pois a maioria das pronúncias deles foi de outra história. Os nossos bebês da sala, “Kevin”, “Maurício”, “Paulo” e “Jeniffer” a cada dia estão demonstrando interesse e desenvolvimento na fala, em vários momentos tentam se pronunciar. Terminando explicamos que iríamos brincar de pega-fantasma, explicamos a brincadeira e focamos bem que não era para deixar o fantasma pegar, e que teríamos que fugir por todos os cantos da sala, foi uma bagunça, e uma coordenadoraria, ficamos um tempo bem longo brincando, pois estavam se divertindo muito e demonstraram muito entusiasmo e prazer na brincadeira. Também colocamos de fundo o CD da música dos fantasmas, monstros e vampiros. Ficamos com medo dos nossos bebês se machucarem, por isso dividimos a sala e os pequenos foram brincar no solário do berçário com a professora Lourdinha. “Nossa tarde foi proveitosa e prazerosa”.

ROTINA – lanche, roda de história, brincadeira de pega-fantasma, brincadeira no solário com os bebês, área externa (escorregador), higiene, janta, higiene, cantos (bonecas, carrinho de montar e livros), saída.

68 - 05/09/07 - Registro feito pela Professora C - 18 crianças

Atividade: Oficina de criação → chapéu da bruxa

Desenvolvimento da atividade:

Arrumamos quatro cantinhos: bonecas, carrinhos, carrinhos de montar e livros. Enquanto confeccionávamos os chapéus chamando criança por criança, as outras brincavam no cantinho de sua preferência.

Observações:

No momento da roda de conversa expliquei o que íamos fazer na oficina de criação, quando falei CHAPÉU DA BRUXA o Wesley chorou de medo, só queria ficar no banheiro. Conversamos com ele e conseguimos fazer com que ficasse junto de nós dentro da sala. Logo ele parou de chorar, brincou e até ajudou a fazer o seu chapéu. Acreditamos que ele chorou porque foi o 2º dia que participou desse projeto, pois passou por uma cirurgia e teve que faltar todos esses dias. Enquanto que as outras crianças não têm mais medo; para elas tudo é festa, brincadeira e alegria. As crianças ficaram muito eufóricas, tentando nos ajudar, no momento de segurar o chapéu, de pegar o grampeador... O Kélvyn, Mariah, Maria Eduarda, quando foram ajudar a fazer o seu chapéu não queriam tirar da cabeça. Explicamos que o dia de usá-lo é só na festa. No momento da oficina, as crianças paravam de brincar, vinham ansiosas perguntar do seu chapéu; não estavam agüentando esperar a sua vez. Algumas crianças vieram perguntar se íamos fazer chapéu amanhã.

ROTINA – lanche, roda de conversa, roda de história, área externa, higiene, sopa, higiene, cantinhos, saída.

69 - 06/09/07 → festa dos aniversariantes

70 - 10/09/07 - Registro feito pela Professora C - 20 crianças

Atividade: História: Bruxinha e as maldades da Sorumbática

Desenvolvimento da atividade:

Pedimos às crianças para sentarem em círculo, nos colchonetes, para ouvirem a história. Apresentei o livro, falando que era uma história muito legal. contei fazendo entonação da voz e mostrei as figuras bem de perto.

Observações:

Logo no início o Kélvyn viu as bruxinhas em cima da escada e disse: — Elas vão cair e vão se machucar. Hoje foi a primeira vez que o Kélvyn se pronunciou, até então ele não demonstrava interesse durante as histórias; ficava brincando e provocando os colegas. Já a Bruna vendo a gravura das três bruxas juntas, escolheu uma delas e disse, apontando com o dedo, que era a sua mãe. Em outra parte ela fez questão de dizer que os personagens do livro eram a mãe, outro o pai e o outro era o colega do pai. Em seguida o Luís Felipe disse que a outra bruxa era a mãe dele. Dando continuidade, o Kaique disse que a mãe dele também estava no livro. Continuando... o Fabrício disse que uma era a mãe dele. Passei com o livro para as crianças verem as páginas onde só tinham gravuras e nesse momento fizeram comentários... quando viram o gato: eu tenho um; esse é o amigo do meu pai; olha a bruxinha... Maurício prestou atenção e tentava pronunciar algumas palavras. Comentei que a nossa história iria continuar no outro dia, que iríamos saber qual será a maldade que a bruxa vai fazer. Então perguntei: Qual será a maldade que a bruxa vai fazer? Fabrício olhando a página disse que a bruxa estava na xícara. Luís Felipe respondeu que a bruxa vai arranhar o baixinho e a bruxinha, eles vão ficar doentes, vai ao médico; falou também que a bruxa Sorumbática tem unhas grandes e verdes. Já o Kaique olhando a gravura falou que aquela era a casa da bruxa. Mariah falou que é a casa da bruxa. Depois da história, fizemos cantinhos na área externa com monta-tudo (dois tipos) e o pequeno construtor. O interessante é que eles criaram em cima da história, na qual montaram castelos (Bruna e Fabrício). Luís Felipe primeiro montou a varinha mágica, depois falou que era a bruxa Sorumbática. As outras crianças também tentaram montar algo como: varinhas, castelos e outros. (fotos)

ROTINA – higiene, lanche, roda de história e de conversa, cantinhos, higiene, músicas (Meu Lanchinho...), sopa, higiene, manuseio de livros, saída.

71 - 11/09/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 18 crianças

Atividade: Bruxinha e as maldades da Sorumbática (continuação)

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com um castelo colorido, feito de TNT verde, amarelo e rosa, que ocupou a metade da sala, na parte central do castelo coloquei dois cobertores grandes para as crianças sentarem e comuniquei que iríamos continuar a história. Todas as crianças ficaram atentas com os olhos bem arregalados.

Observações:

As crianças demonstraram que gostaram do castelo e tiveram mais interesse e ficaram mais concentrados. Enquanto estava lendo, a “Mariah” apontava as figuras das três bruxas com o dedo. “Maurício” perguntava a todo momento: cadê? Quando pronunciava as bruxas, as crianças riam, imitando a bruxa. “Luís Felipe” apontava e disse: — Tia, ela riu, olha todos os dentes dela. Ele perguntou: — Tia, você não vai fazer as roupas pretas? Lembrei que já fizemos e que eles escolheram as cores de sua preferência. “Maria Eduarda”: — Olha, jogou o sapato, ficou escuro. “Gustavo” e “Maurício” ficaram ansiosos e inquietos pela história, demonstrando estarem com medo. “Gabrielly” quis ficar ao lado da professora só para ver a história de perto. No decorrer da história as crianças imitavam o som dos monstros. Perguntei a todos: — Quem gostou da história e do castelo? Todos responderam: — Eu!!! Fiz algumas perguntas e como sempre “Luís Felipe” está sempre atento para responder, quer sempre ser o primeiro. Algumas crianças disseram que o nosso castelo estava parecendo o Castelo RA TIM BUM. Em geral as crianças tiveram interesse e participaram com entusiasmo. Terminando as crianças manusearam o livro. Logo em seguida organizamos a sala com mesa e cadeiras, distribuímos folhas de sulfite e canetinhas coloridas e deixamos eles criarem à vontade. A maioria desenhou a bruxa, três o castelo, dois o fantasma e mais dois desenharam a mãe. Em seguida colocamos em exposição na lousa para eles observarem. A bruxa do “Luís Felipe” ficou muito bonita e definida.

ROTINA – lanche, roda de história, desenho com canetinhas, área externa, higiene, janta, higiene, canto (livros e bonecos), saída.

72 - 12/09/07 - Registro feito pela Professora C - 17 crianças

Atividade: Hoje na reunião, a Paula comentou sobre como estamos lendo a história do livro Bruxinha e as maldades da Sorumbática. Ela deu a sugestão de registrarmos o porquê de estarmos lendo algumas páginas por dia. Foram feitos alguns comentários do nosso projeto. Paula deu várias sugestões de como se trabalha com a criança a noção do próprio corpo. Como: relaxamento → uma criança passar o pincel ou a esponja, ou o rolinho sobre a outra; massagem. Assim terão contato uma com a outra. E algumas sugestões a mais. A cada reunião estamos aprendendo cada vez mais com essas sugestões. É através, também, dessas sugestões que estamos aprimorando o nosso trabalho no dia-a-dia com as crianças. Após a reunião fomos para a área externa onde as crianças se encontravam com as outras professoras.

ROTINA – higiene, lanche, reunião (área externa para as crianças), higiene, sopa, higiene, cantinhos: bonecas, livros e panos, saída.

73 - 13/09/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 16 crianças

Atividade: História Bruxinha e as maldades da Sorumbática (continuação)

Desenvolvimento da atividade:

Professora organizou todas as crianças sentadas ao seu redor e comentou um pouco da história e dos personagens. Verificamos que a maioria está atenta e quando perguntamos da história lida no dia anterior, eles relatam fatos que nos surpreendem. Essa história veio para

enriquecer nosso repertório, pois nos traz palavras difíceis e as crianças prestam atenção nos detalhes.

Observações:

“Kélvín”, observando o livro, olhou para o gnomo e apontando disse que era o Papai Noel. “Guilherme” fez questão de ficar em cima da professora para ver as ilustrações, e ficou impressionado com o dragão. Professora cantou uma música para o dragão dormir, e algumas crianças ajudaram. Professora perguntou quem tem coragem de subir no dragão, logo “Luís Felipe” e “Guilherme” disseram que sim, os demais nem responderam. Professora deixou uma pergunta para a próxima leitura: — Será que a tia Naná vai voltar a ser a tia Naná, vamos descobrir na próxima leitura. Professora fez algumas perguntas. Tem uma parte do livro que não tem texto, só tem personagens. Professora demonstrou com gestos, como estava no livro e as crianças logo imitaram, acreditamos que isso ajudou na criação do texto feito por todos. Terminando, todos manusearam o livro. Em seguida fizemos uma roda de conversa para apresentar uma máscara de bruxa, que a maioria já viu e tem medo. Explicamos que aquela bruxa da máscara vai vir na nossa festa e vai trazer muitas bexigas e vai nos ensinar a fazer uma poção mágica. Pegamos um espelho e chamamos um de cada vez para manusear a máscara, colocar e olhar no espelho. Depois que todos manusearam fizemos uma brincadeira. Pega-pegamos a bruxa, quem a pegava passava a ser a bruxa, colocava a máscara e tinha que pegar os colegas e abraçar. Percebemos que as crianças que estavam com medo aceitaram mais a máscara. Mas mesmo assim concluímos que teremos que trabalhar mais essa máscara até o dia do baile.

Observações: Assim que tiveram contato com a máscara:

“Geovana”: — Não é a bruxa da história, é a máscara.

“Luís Felipe”: — é, sim, é a bruxa Sorumbática.

“Maria Eduarda”: — ela tem orelha;

“Gustavo”: — ela vai trazer bexiga;

“Alexandre”: — Vai colocar a roupa, nariz e chapéu;

“Bruna”: — não vou abraçar a bruxa, porque a minha mãe não deixa.

“Maurício” tentou falar sobre a roupa da bruxa, mas não deu para entender muito bem.

“Maria Eduarda” chorou com medo, mas depois que colocou a máscara e se olhou no espelho, tirou a máscara e gritou sorrindo: sou eu!

“Natacha” e “Bruna” não quiseram colocar a máscara e olhar no espelho.

“Thalita”, “Alexandre”, “Maria Eduarda”, “Jeniffer” e “Bruna” quando viram a máscara choraram e não saíram de perto da professora. Mas no decorrer da atividade eles foram se soltando e participando da brincadeira.

ROTINA – lanche, roda de história, roda de conversa, pega-pegamos a bruxa, solário (sucatas), higiene, janta, higiene, área externa, canto com livros e monta-tudo, saída.

74 - 17/09/07 - Registro feito pela Professora C - 21 crianças

Atividade: Continuação da história a Bruxinha e as maldades da Sorumbática

Desenvolvimento da atividade:

Formamos uma grande roda e sentamos para ouvirmos a leitura da história. Antes de iniciar a leitura fiz um suspense explicando como será que a bruxa Sorumbática vai terminar, o que vai acontecer com as tias Naná, Tetê e Dolores no final da história. Todas as crianças ficaram curiosas, quietas e em silêncio para saber o final.

Observações:

Quase todas as crianças fizeram comentários dando continuidade na fala do outro no decorrer de toda a história. Logo no início, a Bruna viu a figura da quinta bruxa de azul e falou que era a mãe dela, dando continuidade o Fabrício apontando a outra bruxa com vestido roxo é a

minha mãe; Guilherme apontou a mesma como a sua mãe e o Fabrício brigou dizendo: — Não! Essa é a minha mãe. Eu li o que estava escrito no bilhete e depois de algum tempo perguntei: Por que mesmo que a bruxa desmaiou? O Luís Felipe logo respondeu: Ela leu no escuro que a gente gosta dela e amamos ela. Outras crianças imediatamente falaram: “eu não!” A Gabrielly porque viu a bruxa desmaiada no chão disse: ela não tem cama. Nas páginas 28 e 29 no livro, Fabrício teve a sensibilidade de observar e comentou que tinha uma bruxa grande e outra pequena. Luís Felipe vendo a bruxa desmaiada disse: — Ela acordou e disse ai! Desmaiou. — Tia, tenho pavor da bruxa. Na página que li sobre o coelho que corre muito, dando continuidade falei que ninguém consegue correr que nem o coelho, imediatamente o Fabrício responde que corre porque ele é o homem aranha. Na última página que mostra só as gravuras do gato, da bruxinha e do baixinho, a Bruna imitou as posições do gato com gestos e disse agora ele está pequenininho, observou também a bochecha do gato que estava avermelhada e disse: olha o gato pegou espuma e colocou no olho. Com tudo isso podemos concluir que algumas crianças ao verem as gravuras imaginam, tiram suas próprias conclusões e expõem o que pensam. Enquanto que as outras crianças mesmo não usando a linguagem para expressar os próprios pensamentos como os outros, ao verem as gravuras tentam se expressar. Após a leitura fizemos uma roda de conversa onde apresentamos uma outra máscara que se parece mas com a Bruxa Sorumbática, chapéu, uma capa preta de bruxa e uma vassoura. Cada criança teve a oportunidade de manusear essas fantasias. Depois fizemos uma atividade dando continuidade à história. A professora Professora D saiu da sala, vestiu essas fantasias. Enquanto isso, as crianças aguardavam na sala com a luz apagada e as cortinas fechadas. No momento que a professora entrou fantasiada algumas crianças coordenadoraram, outras pularam sorrindo e quatro choraram (Wesley, Thalita, Alexandre e Gustavo). Antes de terminar a brincadeira eles já tinham parado de chorar, estavam felizes e participando. Então, a professora convidou as crianças que queriam voar na vassoura com a bruxa até o castelo. Uma criança de cada vez participou dessa atividade. Falamos que no dia seguinte a bruxa Sorumbática vai voltar. As crianças estão aguardando ansiosas. A ansiedade é tanta que às 17:50h o Fabrício perguntou: Tia e a bruxa...

ROTINA – higiene, lanche, roda de história, roda de conversa, brincadeiras sobre a história, área externa, higiene, sopa, cantinhos: livros, bonecas e carrinhos que o Kaique trouxe de casa, saída.

76 - 18/09/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 20 crianças

Atividade: História – O domador de monstros

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com colchonete tipo sofá, deixamos a sala escura e arrumamos colchonete como se fosse uma cama com travesseiro e cobertor, copiando da história, e convidamos “Luís Felipe” para ser nosso personagem principal (Sérgio), o domador de monstros. Seguindo a história, íamos mexendo com a imaginação de todos, conforme contava a história, trazia para o nosso real, envolvendo o “Luís Felipe” na história, trazendo a história para nossa sala. Estava tão real que “Luís Felipe” quis sair da cama, disse que estava com medo, então convidamos “Fabrício” onde permaneceu até o fim, e participou atento, demonstrando interesse e alegria.

As crianças participaram em todos os momentos, ficaram atentas demonstrando interesse com bastante entusiasmo.

Observações:

As crianças perceberam que “Luís Felipe” estava representando o Sérgio da história, algumas crianças comentaram quando a professora mostrou o livro. “Geovana” foi a primeira a perceber. Foram distribuídas algumas máscaras de monstros na sala, para eles manusearem.

Conforme falava dos monstros da história, reforçava para todos que os monstros eram iguais aos das máscaras que eles estavam segurando. “Kélvín” logo falou: — é de borracha. A cada dia que passa o “Kélvín” demonstra estar mais interessado pelas histórias e pelos livros. Professora perguntou: — O que apareceu para o Sérgio? Eles estavam tão atentos que todos responderam: — Monstros! A todo momento o “Maurício” tentava falar algo como: — bicho! Tentava responder da sua forma o que estava sendo perguntado pela professora. “Luís Felipe! Olhando a gravura disse que o monstro do livro parece com o Mostro S.A. Professora perguntou: O que será que Sérgio disse? As crianças logo imitaram o som dos monstros: UAU-UAU. Professora perguntou: — O que o Sérgio fez para o monstro ir embora? “Gabrielle”: — Ele foi embora. “Luís Felipe”: — Ele chamou outro. Fabrício olhando a gravura falou que o monstro parece com um sapo. “Gabrielle” ele se parece com a galinha ruiva; “Kélvín” parece com a tartaruga. Terminando a professora falou que continuaremos a história amanhã e vamos conhecer quais os outros monstros que o Sérgio vai chamar. O “Luís Felipe” ansioso falou que queria ver agora. Terminando, repetimos a brincadeira do dia anterior, pois eles gostaram muito. Como tivemos resultado positivo com a brincadeira resolvemos distribuir as roupas da bruxa para as crianças, pela por peça, e me trocar na frente deles. Thalita ficou com a máscara, Geovana com o chapéu, Guilherme a vassoura, Vitória Rafaelle a saia, Alexandre a blusa, Wesley a capa. Tivemos o cuidado de dar as peças para as crianças que ainda demonstram um pouco de medo. Fui chamando um de cada vez e colocando peça por peça. Fazendo assim percebemos que ninguém chorou ao ver a bruxa vestida. Já caracterizada de bruxa chamei um de cada vez para voar na minha vassoura, para irmos até o castelo da bruxa. Todos ficaram ansiosos esperando a sua vez, quando já estavam todos no castelo perguntei quem queria vestir a roupa da bruxa e ser a bruxa, algumas crianças se manifestaram e automaticamente a criança imitou a professora, convidando outra criança para voar na vassoura. Tinha algumas máscaras na sala e ficamos por um bom tempo nessa brincadeira. Todos quiseram colocar a roupa da bruxa e colocaram a máscara sem medo.

Observações:

Hoje eles se concentraram mais e estavam mais atentos com a brincadeira. Todos esperaram ansiosos a sua vez de ir ao castelo sem sair do lugar. “Wesley” teve um momento que colocou a mão no rosto como se estivesse com medo da bruxa, chamei ele para colocar a roupa e fazer o papel da bruxa, ele veio e colocou, não chorou, percebemos que não queria tirar mais. Observamos e percebemos que as crianças não estão mais com medo da máscara, pois hoje ninguém chorou. Participaram e brincaram muito felizes.

Rotina: - lanche, roda de história, roda de conversa, brincadeira (brincando com a bruxa), área externa, higiene, janta, higiene, canto (bonecas, carrinhos e livros), saída. (fotos)

77 - 19/09/07 - Registro feito pela Professora C - 23 crianças

Atividade: Continuação da história O domador de monstros.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos um castelo, na área externa, com TNT e colchonete tipo sofá. Lemos a história dentro do castelo. Hoje o Guilherme é o Sérgio da história. Só de ver a cama as crianças lembraram da história do dia anterior. Algumas queriam ver o Sérgio.

Observações:

A todo momento as crianças pediam para ver os monstros. Elas estavam curiosas e ansiosas, pois os monstros estavam chamando a atenção delas. Principalmente quando eu lia: Sérgio vai chamar mais um monstro mais feio que esse daqui, elas pediam para ver. Perguntei se os monstros são bonitos, algumas crianças responderam que sim, outras que não. Geovana disse que os monstros são bonitos e gosta deles, a maioria das crianças não concordou, falando que são feios. Perguntei quem quer ver um monstro ainda mais feio. Todos responderam: — Eu! Então eu disse: — Só amanhã... Fizemos também uma brincadeira de pega-pega na área

externa. Hoje três crianças participaram: uma o monstro, outra a bruxa e outra o fantasma. Essa brincadeira foi realizada com música que fala de monstros, bruxas e vampiros. As crianças se divertiram muito. A outra brincadeira foi a de jogar água, como se fosse chuva, nas crianças. Elas gostaram tanto! E não queriam que parássemos de jogar. (fotos) Todos os dias nossa tarde está sendo muito divertida e proveitosa. Mesmo com muitas brincadeiras, brinquedos e músicas as crianças não esquecem o canto dos livros. (foto)

ROTINA- higiene, lanche, roda de conversa, história, brincadeiras, músicas, higiene, sopa, higiene, cantinhos: carrinhos, tartarugas e livros, saída.

78 - 20/09/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 21 crianças

Atividade: Continuação da história O Domador de Monstro

Desenvolvimento da atividade:

Hoje estava muito calor e todos se organizaram sentados no chão da sala. Lembramos que íamos continuar a história e que também íamos terminá-la hoje. Lembrei todos que o nosso baile no castelo está chegando. Logo as crianças lembraram das fantasias e dos chapéus. Após a leitura da história formamos grupo com três crianças para manusearem o livro. Elas demonstraram interesse pelo livro e os outros grupos ficaram esperando sua vez ansiosos.

Observações:

Conforme lia a história e falava dos monstros, as crianças ficavam ansiosas para ver os monstros e questionavam algumas coisas. “Fabrício”: — Um monte de umbigo! “Maria Eduarda”: — Um olho! “Gabrielle”: — Um monte de pés! Quando pronunciei as oito corcovas as crianças acharam graça e ficaram repetindo, e as nove pernas acharam novidade e quiseram ver. “Rafaelle”: — o monstro sentou na cama do Sérgio! “Maurício”: — Vai pegar o Fabrício! Perguntei: — Quem sonha? As crianças responderam: — Eu!!! “Luís Felipe”: — Sonho com o monstro rosa. “Professora”: — Porque que o monstro é rosa? “Geovana”: — Porque ele virou mulher. Terminando fizemos uma roda de conversa, onde explicamos que íamos repetir a brincadeira de ontem, escolhemos três crianças. “Maria Eduarda” (bruxa), “Allan” (monstro), “Geovana” (fantasma). Explicamos novamente a brincadeira e colocamos as fantasias nas crianças. Essa brincadeira de pega-pega foi realizada na área externa, com a música que fala dos personagens. Sentimos a necessidade de repetir a brincadeira por concluir que eles gostaram muito, observamos muita alegria e satisfação no rostinho deles.

Observações:

Todas as crianças participaram. Teve criança que fez questão de ser pega para poder vestir a fantasia. “Maria Eduarda” quando começou o nosso projeto demonstrava muito medo. Hoje escolhemos ela para ser a bruxa, estava tão satisfeita de bruxa, e não demonstrou nenhum medo e quando pedimos para tirar a roupa não quis e chorou muito.

Rotina: - lanche, roda de história, roda de conversa, brincadeira na área externa (pega-pega), higiene, janta, higiene, sucata no solário, saída. (fotos)

79 - 21/09/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 20 crianças

Atividade: Manuseio de todos os livros do projeto, e alguns outros que ainda não conhecem.

Desenvolvimento da atividade:

Organizamos a sala com dois tapetes de história, e distribuimos no centro livros do projeto e alguns outros que ainda não conhecem. Convidamos as crianças para escolher o livro de sua preferência e sentar em círculo, e assim que terminassem de manusear, trocar com o colega ou com os que restaram no centro do tapete. Também hoje distribuimos os chapéus que confeccionamos na última oficina de criação. As crianças ficaram felizes por estarem usando os chapéus e tiveram cuidado com os livros e a todo momento faziam comentários sobre os livros.

Observações:

As crianças demonstraram um interesse muito grande pelos livros do projeto, tiveram cuidado e trocaram com os colegas, e mesmo os livros que não foram do projeto eles tiveram interesse em manusear. Mas foi uma dedicação especial pelos conhecidos, faziam comentários, lembravam de falas dos personagens e queriam mostrar para os amigos e para as professoras. Percebemos que quando eles já conhecem os livros e a história, a intimidade é diferente, por esse motivo a importância de estar sempre apresentando livros novos e histórias diferentes. No momento que distribuimos os chapéus, logo as crianças queriam saber da fantasia. Explicamos que vamos usar só no dia do baile. Algumas falas das crianças: “Alexandre”: — olha o castelo da bruxa; “Rafaela”: — eu tenho medo do castelo da bruxa; “Gustavo”: - Nossa, que bicicleta da hora! “Professora”: — Quem lembra o nome das três bruxinhas da história? (As maldades da sorumbática); Logo “Luís Felipe” estava com o livro e trouxe para eu ver dizendo: “Luís Felipe”: — Dolores e Tetê; “Thalita”: — Naná; “Wesley”: — Gostei da história da bruxa sorumbática; “Kevin”, nosso bebê, veio até a professora com um livro e disse: — é o sapo bocarrão; “Alexandre”: — a princesa também tem um castelo; “Gustavo”: — eu vou na festa da bruxa. “Rafaela”: — olha a menininha pelada; “Natacha”: — olha a barata, professora; “Gustavo” olhando o livro do ratinho. “Gustavo”: — ele é o monstro, ele está pelado; “Professora”: - ele tira e põe a roupa; “Alexandre” achou um castelo em um livro, e veio até a professora mostrar. “Maurício”: - A mamãe virou um monstro; “Rafaela”: — a bruxa está de calcinha; “Geovana”: — ela está pelada; “Vívian”: — olha o urso; “Jeniffer” vendo o livro do ursinho apavorado, lembrou da história e ficou um bom tempo com o livro dizendo: — É o papai! É o papai! “Maria Eduarda” olhando o livro veio até a professora e disse que o chapéu da bruxa é igual ao dela. “Paulo Ryan” deitou no meio do tapete, pegou um livro e ficou por um bom tempo, parecia que estava lendo o livro. “Rafaelle” no momento que estávamos guardando os livros disse que não era para guardar, pois não tinha lido todos ainda. “Kaique” desde o momento que colocou o chapéu pedia a todo momento para colocar a fantasia. As crianças ficaram nessa atividade mais ou menos uma hora e 20 minutos, e não queriam que guardássemos os livros. Para terminar o nosso projeto só está faltando o baile no castelo, mas hoje conseguimos concluir e fico muito feliz em dizer que graças a esse projeto e outros que já aconteceram posso afirmar que nossas crianças estão com um comportamento leitor. (fotos)

80 - 24/09/07 - Registro feito pela Professora C - 20 crianças

Atividade: Preparação para o baile.

Desenvolvimento da atividade:

Sentamos à vontade no chão da sala e explicamos como vai ser o nosso baile, apresentamos tudo o que vamos usar: máscaras, dentadura do vampiro, aranha, teia da aranha, chapéus. Falei das fantasias e dos personagens.

Observações:

As crianças manusearam todos os “objetos” que vamos usar no baile, percebemos que eles não tiveram medo. Quando mostrei a aranha, as crianças começaram a cantar a música Dona Aranha. O Kaique segurou a aranha, ficou dizendo e fazendo o gesto a aranha sobe pela parede... Ele ficou encantado com a aranha, pois ele adora o homem aranha. Todos os dias, independente do que estamos fazendo, o Kaique traz o homem aranha. As crianças estão eufóricas com a nossa festa amanhã. Fizemos três cantos: Barbies, panos e livros. Gustavo e Maurício ficaram o tempo todo com os livros. E o manusearam um bom tempo como se estivessem lendo. Alan chegou perto do Maurício e pediu para ver o livro junto com ele. Marcos saiu do canto das Barbies e foi no canto de livros e não saiu mais. Fabício escolheu um livro e o manuseou por um bom tempo. As crianças gostaram muito das Barbies, mas

chegou um momento em que elas largaram as bonecas e aos poucos todas foram para o canto de livros. No final, as crianças ajudaram a guardar os brinquedos. O Fabrício fez questão de dobrar os panos em quadrado e com cuidado guardou-os.

ROTINA – higiene, lanche, higiene, roda de conversa, cantinhos, higiene, sopa, higiene, organização da sala, saída.

81 - 25/09/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 21 crianças

Atividade: Festa no castelo, com um grande baile.

Desenvolvimento da atividade:

Enfim hoje aconteceu o nosso grande baile no castelo, foi organizado no refeitório. Decoramos o ambiente a caráter: TNT preto e roxo, onde foi montado um castelo na porta, várias bexigas penduradas nas cores preta e roxa, aranhas pequenas e grandes e vários morcegos, uma mesa coberta de TNT preto com detalhes roxos, em cima um caldeirão preto, onde a bruxa preparou uma poção mágica, também uma abóbora com uma vela acesa. De fundo colocamos uma música que falava de bruxas, fantasmas, monstros e vampiros. Vestimos as crianças com fantasias que confeccionamos com a participação delas. Cada criança ganhou uma pulseira que acende no escuro. (foto)

Observações:

Na entrada das crianças foi uma grande emoção, pois elas ficaram encantadas em ver nosso castelo lindo e maravilhoso, percebemos no rostinho de cada uma o encantamento do momento. Em seguida pela porta do castelo, a bruxa entrou, as crianças vibraram e não ficaram com medo, então a bruxa convidou a todos para sentar, pois comunicou que iria fazer uma poção mágica. A bruxa brincou com a imaginação de todos e logo que terminou convidou a todos para o baile. Passado algum tempo do baile, tivemos a chegada da professora Solange que trouxe suas crianças fantasiadas, e comunicou que iríamos assistir a uma peça, onde as crianças delas iriam apresentar a peça Bruxa, bruxa, venha à minha festa, também as crianças da professora Osmarina e Fátima vieram mascaradas, a professora Fátima veio fantasiada com a fantasia da noiva dão Drácula; a professora Estela também chegou com as crianças pintadas de vampiros com dente e tudo. Assistimos à peça e continuamos o nosso baile. Nossa tarde foi maravilhosa, as crianças se socializaram e se divertiram muito, não tiveram medo da bruxa e demonstraram estar felizes e encantadas com o castelo e com o momento. Enfim, hoje terminamos o nosso projeto, com a certeza que conseguimos atingir nossos objetivos.

82 - 26/09/07 - Registro feito pela Professora C - 22 crianças

Atividade: Filme A CASA DOS MONSTROS

Desenvolvimento da atividade:

Como complemento do projeto, as crianças assistiram ao filme no refeitório com a luz apagada.

Observações:

As crianças demonstraram bastante interesse pelo filme, percebemos que em alguns momentos elas arregalaram os olhos assustadas, mas ninguém chorou e nem falou que não queria assistir mais ao filme. Com isso entendemos que elas não tiveram medo. Fiquei um pouco na frente da Geovana; ela ficou desesperada pedindo licença porque não queria perder um momento do filme. Até o Maurício, quando assistimos a esse filme, a primeira vez ele chorou e ficou no colo da professora Professora D; hoje ele não chorou e ficou sentado o tempo todo na cadeira.

AVALIAÇÃO

Através de todas as atividades que foram trabalhadas em nosso projeto, podemos concluir que os nossos objetivos foram atingidos, pois, a cada dia vimos desenvolver em cada criança o comportamento de leitor, vimos o medo sendo superado de uma forma lúdica; presenciamos momentos de alegria, fantasia, imaginação “estampados” no olhar de cada uma delas.

No decorrer de todo nosso trabalho todas as crianças participaram com interesse de cada etapa das atividades. Até aquelas crianças que no início do projeto não expressavam os seus sentimentos e pensamentos através da linguagem, na última semana estavam se pronunciando.

O que mais nos marcou nesse projeto foi ver o quanto as crianças se desenvolveram no seu aspecto emocional, na linguagem oral, o gosto que elas têm de ouvir histórias e o como eles entenderam que bruxas, fantasmas e monstros não existem.

Como complemento acrescentamos o DVD A CASA DOS MONSTROS, todas as crianças assistiram até o fim do filme sem medo. Então mais uma vez percebemos que o medo foi superado.

Foi muito prazeroso e produtivo trabalhar esse tema com as crianças, pois sabemos que as ajudamos a superarem algumas dificuldades e participamos de um momento muito importante da vida de cada uma.

83 - 28/09/07 - Registro feito pela Professora C

Atividade: Cantinhos: panelinhas e fogões, bonecas e panos, pequeno construtor e monta-tudo e livros.

Desenvolvimento da atividade:

Após o lanche fizemos uma roda de conversa onde falamos qual é a próxima atividade que eles iam fazer, e do que iam brincar. Conversamos também sobre regras de convivência.

Observações:

Durante mais de uma hora as crianças brincaram nos cantinhos sem misturar os brinquedos (de um canto para outro) e não brigaram. Alan e Gabrielly montaram uma torre. Kaique e a Geovana montaram um castelo. A Geovana até me chamou para ver. Foi uma tarde muito legal.

ROTINA – higiene, lanche, roda de conversa, cantinhos, higiene, sopa, saída.

84 - 01/10/07 - Registro feito pela Prof. Professora D - 18 crianças

Atividade: Brincadeira livre na área externa

Objetivo: Socialização

Desenvolvimento da atividade:

Hoje as crianças estavam muito agitadas, por conta disso levamos todos para brincar na área externa. Organizamos uma roda em baixo da árvore e cantamos algumas músicas. Em seguida veio o outro Mini-Grupo e mais tarde veio também o 1º Estágio e o 2º Estágio. Todos se socializaram e brincaram a tarde toda.

Observações:

As crianças maiores têm um cuidado especial com os pequenos, algumas meninas se organizaram e brincaram de roda, alguns meninos levaram brinquedos, e se organizaram entre eles, e todos brincaram, foi uma tarde diferente e gostosa.

Rotina: lanche, área externa, higiene, janta, higiene, cantos com livros, bonecas e paninhos, sucatas, saída.

Média de crianças por atividade = 18,3

ANEXO C

**LISTA DE LIVROS INFANTIS, CDS E DVDS REFERIDOS PELAS PROFESSORAS
EM SEUS REGISTROS**

ALLSBURG, C. V. **A Vassoura Encantada**. São Paulo: Ática, 2000.

AMORIN, P. **João e Maria**. Blumenau: Vale das Letras, s/d.

_____, P. Bruxa Malvada; Fantasma; Bicho Papão; Múmia. **Coleção A Turma do Bicho Papão**. Blumenau: Vale das Letras, s/d.

BREITMAN, A.K. A casa que João construiu. **Coleção Mundo da Criança** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

BREITMAN, A.K. A galinha ruiva. **Coleção Mundo da Criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

BREITMAN, A.K. Por que o Sol e a Lua vivem no Céu. **Coleção Mundo da Criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

BREITMAN, A.K.. O Leão e o Rato, uma Fábula Grega. **Coleção Mundo da Criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

BREITMAN, A.K.. Os Três Carneirinhos, um conto popular norueguês. **Coleção Mundo da Criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

BREITMAN, A.K. O Menino e a Baleia, uma história japonesa. **Coleção Mundo da Criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

BUSQUETES, C. **O Patinho Feio**. Coleção 12 Fábulas de Ouro. São Paulo: Maltese, 1993.

CARRASCO, W. **Abaixo o bicho papão**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.

COELHO, R. S. **Dormir fora de casa**. São Paulo: FTD, 1988. 13 p.

DRUCE, A. **Bruxa, Bruxa, venha à minha festa**. São Paulo: Brinque-Book, 1995. 32 p.

DUVAL, M.; CRISMER, L. **Viagem ao País dos Contos**. Hemma Publishing, 2002.

FAULKNER, K. **O Ursinho Apavorado**. São Paulo: Cia. Das Letrinhas, 2000.

FURNARI, E. **Bruxinha e as maldades da sorumbática**. São Paulo: Ática, 1997

FURNARI, E. **O amigo da bruxinha**. São Paulo: Moderna, 1994.

HOFFMAN, M. A Princesa e o grão de ervilha In: **Meu primeiro livro de contos de fada**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2003.

- HARRISON, J. **Quando Mamãe virou um monstro**. São Paulo: Brinque-Book, 1996. 32 p.
- HARWOOD, B. **Feliz Hora de Dormir**, São Paulo: Brinquebook, 2005.
- HOLLANDA, C.B. **Chapeuzinho Amarelo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. 35 p.
- KUHLMANN JÚNIOR., M. **Infância e Educação infantil**. Porto Alegre, Mediação, 1998.
- LAGO, A. **A Festa no Céu: um conto do nosso folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- MACHADO, A.M. Mãe com Medo de Lagartixa. **In: Alguns medos e seus segredos**. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.
- MACHADO, A. **Que bicho será que fez o buraco?** São Paulo: Nova Fronteira, 1996. 24 p.
- OLIVEIRA, L. **Bruxa e fada, menina encantada**. Rio de Janeiro: DCL, 1994.
- ORTHOF, S. **Os bichos que tive**. São Paulo: Salamandra, 2004. 78 p.
- PATATI Patatá na cidade dos sonhos. Direção: Rinaldi. 1 DVD.
- RAMOS, A.C. **Brincadeira de criança**, São Paulo: Larousse / Escala, 2005.
- ROBB, J. **A História do Tatu**. São Paulo: Ática, 2001.
- ROCARD, ANN. **O Grande Baile da Bruxarada**. São Paulo: Larousse / Escalal, 2004
- ROCHA, R. **Fábulas de Esopo**. São Paulo, FTD, 1992.
- ROCHA, R.; LORCH, D. **Tenho medo mas dou um jeito**. São Paulo: Ática, 2006. 14 p.
- _____ **Fantasma existe?** São Paulo: Ática, 2006.
- _____ **Ninguém gosta de mim**. São Paulo: Ática.
- TOLEDO, M. **O patinho feio**. São Paulo: Maltese, 1993.
- TOQUINHO. Toquinho e suas canções preferidas. São Paulo: Paradoxx, 2003. 2 CDs, (ca. 80 min).
- SÓ para baixinhos 5. Direção: Xuxa Meneghel e Blad Meneghel. Intérpretes: Xuxa Meneghel; Renato Aragão, Rio de Janeiro: Som Livre, 2004. 1 DVD (97 min).
- TREZZA, R. **A Galinha Xadrez**. São Paulo: Brinque-Book, 1996.
- ROCHA, R. e LORCH, D. **Eu gosto muito**. São Paulo: Ática, 2000. 16 p.
- ROCHA, R. e LORCH, D. **Sabe do que eu gosto?** São Paulo: Ática, 2000. 16 p.
- WOOD, A. e WOOD, D. **Meus Porquinhos**. São Paulo: Ática, 2000.

ZISKIND, H. *Meu pé, meu querido pé*. São Paulo: MCD World Music, 2002. 1 CD.40 min.

ANEXO D - Planilha de Distribuição e Frequência de Atividades MG A-B, registros 1 a 16

[illegible]

ANEXO D - Planilha de Distribuição e Frequência de Atividades MG A-B, registros 17 a 32

[illegible]

ANEXO D - Planilha de Distribuição e Frequência de Atividades MG A-B, registros 49 a 64

[illegible]

ANEXO D - Planilha de Distribuição e Frequência de Atividades MG A-B, registros 65 a 80

Campos de Experiência	REGISTROS ATIVIDADES	MG A-B 65	MG A-B 66	MG A-B 67	MG A-B 68	MG A-B 69	MG A-B 70	MG A-B 71	MG A-B 72	MG A-B 73	MG A-B 74	MG A-B 75	MG A-B 76	MG A-B 77	MG A-B 78	MG A-B 79	MG A-B 80
Cuidados	Despertar das crianças			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Calçar sapatos e ajudar a se vestir após o despertar						X			X			X				X
	Higiene / lavar as mãos			X	X			X	X	X	X			X			X
	Levar ao banheiro				X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Tomar água																
	Café da tarde	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Sopa/Jantar			X	X	X		X	X	X	X			X	X		X
	Troca de roupas no final do dia			X	X	X		X	X		X	X		X	X		X
	Saída			X	X	X		X	X	X	X	X		X	X		X
Conversa	Roda de conversa	X	X				X		X	X	X		X		X		
	Exposição da professora sobre algum assunto/ conceito importante						X	X		X							
Histórias	Roda de histórias																
	Roda de leitura	X	X				X		X	X	X						
	Roda de leitura com a participação das crianças																
	Checagem / Perguntas às crianças sobre a história lida																
	Manusear livros																
	Folhear revistas																
Escrita	Atividade de escrita pela professora																
Música e dança	Cantar em grupo/ roda de música							X				X					
	Dançar com as professoras											X					
	Ouvir CDs							X									X
	Assistir TV / DVD																
Corpo e Movimento	Brincar no parque		X					X		X		X		X	X	X	
	Tomar sol																
	Movimento / brincadeiras tradicionais		X							X							
	Relaxamento em duplas																
Jogo Simbólico	Brincar com brinquedos na sala							X									
	Casinha																
	Cantos		X		X											X	
	Faz-de-conta		X														
Desenho	Desenho			X													X
	Desenho do próprio corpo no chão								X					X			
Artes	Pintura			X													
	Colagem																
	Oficina de criação																
Teatro e Fantasia	Fantasiar / pintar as crianças																
	Teatro pelas professoras / professoras fantasiadas																
Outros	Recreação com as volantes					X											
	Festa / Lanche especial											X					

ANEXO D - Planilha de Distribuição e Frequência de Atividades MG A-B, registros 81 a 88

Campos de Experiência	REGISTROS ATIVIDADES	MG A-B 81	MG A-B 82	MG A-B 83	MG A-B 84	MG A-B 85	MG A-B 86	MG A-B 87	MG A-B 88	TOTAL	
Cuidados	Despertar das crianças	X	X	X	X	X	X	X	X	8	9%
	Calçar sapatos e ajudar a se vestir após o despertar	X							X	2	2%
	Higiene / lavar as mãos	X	X	X	X		X	X	X	7	8%
	Levar ao banheiro	X					X	X	X	4	5%
	Tomar água									0	0%
	Café da tarde	X	X	X	X		X	X	X	7	8%
	Sopa/Jantar	X	X	X			X	X	X	6	7%
	Troca de roupas no final do dia			X			X	X	X	4	5%
	Saída			X			X	X		3	3%
Conversa	Roda de conversa						X			1	1%
	Exposição da professora sobre algum assunto/ conceito importante						X			1	1%
Histórias	Roda de histórias									0	0%
	Roda de leitura						X		X	2	2%
	Roda de leitura com a participação das crianças									0	0%
	Checagem / Perguntas às crianças sobre a história lida									0	0%
	Manusear livros								X	1	1%
	Folhear revistas									0	0%
Escrita	Atividade de escrita pela professora									0	0%
Música e dança	Cantar em grupo/ roda de música						X			1	1%
	Dançar com as professoras									0	0%
	Ouvir CDs	X			X	X		X		4	5%
	Assistir TV / DVD									0	0%
Corpo e Movimento	Brincar no parque			X			X	X		3	3%
	Tomar sol									0	0%
	Movimento / brincadeiras tradicionais							X		1	1%
	Relaxamento em duplas	X	X							2	2%
Jogo Simbólico	Brincar com brinquedos na sala									0	0%
	Casinha									0	0%
	Cantos									0	0%
	Faz-de-conta									0	0%
Desenho	Desenho				X					1	1%
	Desenho do próprio corpo no chão									0	0%
Artes	Pintura			X						1	1%
	Colagem									0	0%
	Oficina de criação									0	0%
Teatro e Fantasia	Fantasiar / pintar as crianças					X				1	1%
	Teatro pelas professoras / professoras fantasiadas					X				1	1%
Outros	Recreação com as volantes									0	0%
	Festa / Lanche especial					X				1	1%

ANEXO E - Planilha de Distribuição e Frequência de Atividades MG C-D, registros 1 a 18

[illegible]

ANEXO E - Planilha de Distribuição e Frequência de Atividades MG C-D, registros 19 a 36

[illegible]

ANEXO E - Planilha de Distribuição e Frequência de Atividades MG C-D, registros 37 a 54

[illegible]

ANEXO E - Planilha de Distribuição e Frequência de Atividades MG C-D, registros 55 a 72

Campos de Experiência	REGISTROS ATIVIDADES	MG C-D 55	MG C-D 56	MG C-D 57	MG C-D 58	MG C-D 59	MG C-D 60	MG C-D 61	MG C-D 62	MG C-D 63	MG C-D 64	MG C-D 65	MG C-D 66	MG C-D 67	MG C-D 68	MG C-D 69	MG C-D 70	MG C-D 71	MG C-D 72
Cuidados	Despertar das crianças																		
	Calçar sapatos e ajudar a se vestir após o despertar																		
	Higiene / lavar as mãos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X
	Levar ao banheiro																		
	Tomar água																		
	Lanche / Café da tarde	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X
	Sopa/Jantar	X		X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X		X	X	X
	Troca de roupas no final do dia																		
	Saída	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X
Conversa	Roda de conversa			X					X		X				X		X		
	Exposição da professora sobre algum assunto/ conceito importante																		
Histórias	Roda de histórias																		
	Roda de leitura	X		X	X	X	X			X		X	X	X	X		X	X	
	Roda de leitura com participação das crianças																		
	Checagem / Perguntas às crianças sobre a história lida																		
	Manusear livros	X			X					X		X					X		
	Folhear revistas																		
Escrita	Atividade de escrita pela professora																		
Música e dança	Cantar em grupo/ roda de música					X							X				X		
	Dançar com as professoras																		
	Ouvir CDs					X								X					
	Assistir TV / DVD																		
Corpo e Movimento	Brincar no parque / área externa	X	X	X	X		X	X	X			X	X	X	X			X	X
	Tomar sol																		
	Movimento / brincadeiras tradicionais								X					X					
	Relaxamento em duplas																		
Jogo Simbólico	Brincar com brinquedos na sala							X											
	Casinha																		
	Cantos	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X
	Faz-de-conta																		
Desenho	Desenho								X									X	
	Desenho do próprio corpo no chão																		
Artes	Pintura								X										
	Colagem																		
	Oficina de criação		X					X							X				
Teatro e Fantasia	Fantasiar / pintar as crianças																		
	Teatro pelas professoras / professoras fantasiadas																		
Outros	Recreação com as volantes																		
	Festa / Lanche especial															X			

ANEXO E - Planilha de Distribuição e Frequência de Atividades MG C-D, registros 73 a 84

Campos de Experiência	REGISTROS ATIVIDADES	MG C-D 73	MG C-D 74	MG C-D 75	MG C-D 76	MG C-D 77	MG C-D 78	MG C-D 79	MG C-D 80	MG C-D 81	MG C-D 82	MG C-D 83	MG C-D 84	TOTAL	
Cuidados	Despertar das crianças													0	0%
	Calçar sapatos e ajudar a se vestir após o despertar													0	0%
	Higiene / lavar as mãos	X	X	X	X	X	X		X			X	X	9	11%
	Levar ao banheiro													0	0%
	Tomar água													0	0%
	Lanche / Café da tarde	X	X	X	X	X	X		X			X	X	9	11%
	Sopa/Jantar	X	X	X	X	X	X		X			X	X	9	11%
	Troca de roupas no final do dia													0	0%
	Saída		X	X	X	X	X		X			X	X	8	10%
Conversa	Roda de conversa	X	X	X		X	X		X			X		7	8%
	Exposição da professora sobre algum assunto/ conceito importante													0	0%
Histórias	Roda de histórias													0	0%
	Roda de leitura	X	X	X	X		X		X					6	7%
	Roda de leitura com participação das crianças				X	X								2	2%
	Checagem / Perguntas às crianças sobre a história lida													0	0%
	Manusear livros							X	X					2	2%
	Folhear revistas													0	0%
Escrita	Atividade de escrita pela professora													0	0%
Música e dança	Cantar em grupo/ roda de música												X	1	1%
	Dançar com as professoras													0	0%
	Ouvir CDs					X				X				2	2%
	Assistir TV / DVD										X			1	1%
Corpo e Movimento	Brincar no parque / área externa	X	X	X	X		X						X	6	7%
	Tomar sol													0	0%
	Movimento / brincadeiras tradicionais	X					X							2	2%
	Relaxamento em duplas													0	0%
Jogo Simbólico	Brincar com brinquedos na sala													0	0%
	Casinha													0	0%
	Cantos	X	X	X	X	X			X			X	X	8	10%
	Faz-de-conta													0	0%
Desenho	Desenho													0	0%
	Desenho do próprio corpo no chão													0	0%
Artes	Pintura													0	0%
	Colagem													0	0%
	Oficina de criação													0	0%
Teatro e Fantasia	Fantasiar / pintar as crianças			X	X	X	X	X		X				6	7%
	Teatro pelas professoras / professoras fantasiadas		X		X					X				3	4%
Outros	Recreação com as volantes													0	0%
	Festa / Lanche especial									X				1	1%